UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES
EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

KARIN MAGNAVITA DE CARVALHO

**Da casa ao museu-casa:
heranças do imigrante italiano no Brasil**

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES
EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

KARIN MAGNAVITA DE CARVALHO

**Da casa ao museu-casa:
heranças do imigrante italiano no Brasil**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa de História e Historiografia, como exigência para a obtenção do título de Doutora em Estética e História da Arte.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elza Maria Ajzenberg

**São Paulo
2018**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da Publicação
Biblioteca Lourival Gomes Machado
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Carvalho, Karin Magnavita de.

Da casa ao museu-casa : heranças do imigrante italiano no Brasil / Karin Magnavita de Carvalho ; orientadora Elza Ajzenberg. -- São Paulo, 2018.

234 f. : il.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, 2018.

1. Museus – Brasil. 2. Imigração Italiana – Brasil. 3. Patrimônio Cultural. 4. Arquitetura – Brasil. I. Ajzenberg, Elza. II. Título.

CDD 069

Nome: CARVALHO, Karin Magnavita de

Título: Da casa ao museu-casa: heranças dos imigrantes italianos no Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa de História e Historiografia, como exigência para a obtenção do título de Doutora em Estética e História da Arte.

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Nossa casa é o nosso maior referencial no mundo,
assim como as casas de nossos antepassados
e as casas que aguardam a nossa presença.

A meus bisavós Vincenza e Pasquale,
que trouxeram a Itália para o Brasil,
cujas memórias se [con]fundem com as minhas.

A Nuccia,
que fez desse percurso uma história de coragem e devoção,
por quem nutro uma saudade imensa.

A Gianluca,
que me espera na nossa casa, paciente e amoroso,
para onde faço o caminho de volta,
onde me reconheço e me reencontro.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Elza Ajzenberg, por ter me guiado ao longo dessa trajetória, pela lucidez nos momentos em que mais precisei e, especialmente, por ter compartilhado o banquete de conhecimento que são suas aulas de história da arte.

Ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte e à Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do doutorado.

À Ana Cristina Carvalho, que me introduziu no universo dos museus-casas, e que soube externar o melhor de mim nesses anos de trabalho conjunto. A Gustavo, Isa e Raquel pelo companheirismo e por compartilharem comigo os prazeres e desafios dos museus.

A Alexey e Leonardo, pelo constante incentivo a me dedicar à pesquisa acadêmica. Por todo o suporte material, mental e emocional em uma convivência diária repleta de acontecimentos, os mais inusitados, que nutrem minha criatividade a todo instante. Por partilharem o amor pela nossa Itália.

A Gianluca, pelo amor constante, a espera compreensiva e o apoio à minha vida profissional. Por ter me apresentado Sa Domu Beccia, um museu-casa encantador em sua cidade-natal na Sardenha. E pelas correções generosas em meu italiano macarrônico.

À minha família e amigos, que souberam compreender minha ausência nesses anos de doutorado. A Cecília pela amizade especial e por todas as conversas noturnas que fizeram a diferença.

RESUMO

Carvalho, K. M. de. **Da casa ao museu-casa: heranças dos imigrantes italianos no Brasil** [tese]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2018.

No amplo universo dos museus, há uma tipologia que documenta a história do habitar, articulada na relação entre edificação, morador e acervo, elementos que também dialogam com o território circundante e a sociedade. Denominados museus-casas, esses espaços preservam a ambientação residencial, total ou parcialmente, e evocam a passagem de grupos humanos que ali viveram.

No Brasil, as moradias de imigrantes italianos abertas à visitação contribuem com o conhecimento da história do fenômeno migratório e das tradições relacionadas ao cotidiano. São locais icônicos que expõem camadas de tempo da sociedade, articuladas nas memórias das edificações, dos acervos e dos antigos moradores, do usufruto residencial e social dos espaços.

Sob o título “Da casa ao museu-casa: heranças do imigrante italiano no Brasil”, este estudo visa esclarecer se as residências abertas à visitação no Brasil externam heranças culturais do país de origem de seus antigos moradores – a Itália –, considerando o potencial de extroversão de acervos de natureza doméstica, que expõem a produção material e imaterial da sociedade.

Palavras-chave: museu-casa, imigração italiana, heranças culturais.

ABSTRACT

Carvalho, K. M. de. **From house to the house-museum: legacies of the Italian immigrant in Brazil** [tese]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2018.

In the wide universe of museums, there is a typology that documents the history of inhabiting, articulated in the relationship between building, resident and collection, elements that also dialogue with the surrounding territory and society. Called house-museums, these spaces preserve the residential environment, totally or partially, and evoke the passage of human groups that lived there.

In Brazil, the houses of Italian immigrants open to visitation contribute to the knowledge of the history of the migratory phenomenon and the traditions related to the daily life. They are iconic places that expose layers of society, articulated in the memories of the buildings, the collections and the people that lived there, the residential and social enjoyment of spaces.

Under the title "From house to house-museum: heritage of the Italian immigrant in Brazil", this study aims to clarify if the residences open to visitation in Brazil expose cultural heritages of the country of origin of its former inhabitants – Italy – considering the potential of extroversion of collections of a domestic nature, which expose the material and immaterial production of society.

Keywords: house-museum, Italian immigration, cultural heritage.

SOMMARIO

Carvalho, K. M. de. **Dalla casa alla casa-museo: eredità dell'emigrante italiano in Brasile** [tese]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2018.

Nell'ampio universo museale, c'è una tipologia che documenta la storia dell'abitare, articolata nel rapporto tra edificio, abitante e collezione, elementi che dialogano anche con il territorio circostante e la società. Chiamati case-museo, questi spazi preservano l'ambiente residenziale, totalmente o parzialmente, ed evocano il passaggio di gruppi umani che vissero lì.

In Brasile, le abitazioni degli immigrati italiani aperti alle visite contribuiscono alla conoscenza della storia del fenomeno migratorio e delle tradizioni legate alla vita quotidiana. Sono luoghi iconici che espongono strati della società, articolati nei ricordi degli edifici, delle collezioni e dei vecchi residenti, dell'uso residenziale e sociale degli spazi.

Con il titolo "Dalla casa alla casa-museo: eredità dell'emigrante italiano in Brasile", questo studio si propone di chiarire se le residenze aperte alle visite in Brasile espongono l'eredità culturale del paese di origine dei suoi ex abitanti – Italia – considerando il potenziale di estroversione di collezioni di natura domestica, che espongono la produzione materiale e immateriale della società.

Parole chiave: casa-museo, immigrazione italiana, patrimonio culturale.

LISTA DE SIGLAS

APEES	Arquivo Público do Estado do Espírito Santo
APERGS	Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul
APESC	Arquivo Público do Estado de Santa Catarina
APESP	Arquivo Público do Estado de São Paulo
APN	Arquivo Público Nacional
CMCPHA	Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico e Artístico de Santa Teresa
COMPAHC	Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul
CONDEPHAAT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
DEMHIST	Comitê Internacional para Museus-Casas Históricas
DPH	Departamento Histórico da Prefeitura de São Paulo
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEM-RS	Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul
SISEM-SP	Sistema Estadual de Museus de São Paulo
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFBA	Universidade Federal do Estado da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Emblema da lista de bordo do vapor Maranhão, que desembarcou em Santos em 1897.	27
Figura 2 – Giuseppe Pelizza Da Volpedo. <i>Il quarto stato</i> , 1901. Museo del Novecento, Milão.	28
Figura 3 – Panfleto distribuído na Itália com propaganda dos benefícios oferecidos no Brasil.	29
Figura 4 – Família italiana no Porto de Genova, final do século XIX.	30
Figura 5 – Modesto Brocos. <i>Redenção de Cã</i> , 1895. Museu Nacional de Belas Artes.	31
Figura 6 – Desembarque de imigrantes no Porto de Santos.	32
Figura 7 – Aldo Locatelli. <i>Do itálico berço à nova pátria brasileira</i> , 1954, detalhe. Centro Administrativo de Caxias do Sul.	33
Figura 8 – Colônia Timbuhy.	35
Figura 9 – Casa Lambert no início do século XX.	36
Figura 10 – Dormitórios. Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, início do século XX.	38
Figura 11 – Fluxo dos portos da Europa para o porto de Santos em 1908.	39
Figura 12 – Planta do Núcleo Colonial de Quiririm.	40
Figura 13 – Casarão dos Indiani no início do século XX.	41
Figura 14 – Brodowski nos primeiros anos, desenho de 1933 de Candido Portinari.	42
Figura 15 – Planta da fachada da Casa dos Biagi em Ribeirão Preto.	42
Figura 16 – Vila Romana em 1936.	43
Figura 17 – Casa Amarela na Vila Romana.	44
Figura 18 – Casa Ranzini em São Paulo.	44
Figura 19 – Interior da Casa Ranzini com a função residencial.	45
Figura 20 – Residência de Lina Bo e Pietro Maria Bardi em São Paulo, década de 1950.	46
Figura 21 – Casa Eugenio Mottin em Colombo.	48
Figura 22 – Casas de Pedra da Família Bratti em Nova Veneza.	50
Figura 23 – Casas de madeira em Caxias do Sul.	52
Figura 24 – Casa da família Lucchese, década de 1960, atual Museu Ambiente Casa de Pedra em Caxias do Sul.	53
Figura 25 – Exemplo de telhado de <i>scandole</i> em casa italiana no Espírito Santo.	57
Figura 26 – Museu Ambiente Casa de Pedra na área urbana de Caxias do Sul.	62
Figura 27 – Casa do Imigrante Alemão Carl Weege, que integra a Rota do Enxaimel em Pomerode.	62

Figura 28 – Casa polonesa no Bosque do Papa, em Curitiba.	63
Figura 29 – Museu Etnográfico Casa dos Açores em Biguaçu.	63
Figura 30 – Casa Lambert em Santa Teresa, 1982.	64
Figura 31 – Casa Lambert, detalhe da estrutura de pau-a-pique.	66
Figura 32 – Plantas da Casa Lambert antes e após as modificações.	67
Figura 33 – Lateral da casa sem a cozinha anexa, fechada por pedras.	67
Figura 34 – Capela Nossa Senhora da Conceição e Casa Lambert separadas pela rodovia.	68
Figuras 35 e 36 – Capela de N. Senhora da Conceição, de onde se vê a Casa Lambert.	68
Figura 37 – Casa Lambert, dias atuais.	69
Figura 38 – Placa antiga da Casa Lambert.	70
Figura 39 – Expografia da Casa Lambert: a casa acolhedora.	71
Figuras 40 e 41 – Expografia da Casa Lambert: a chegada em terras brasileiras e a ocupação do território.	72
Figuras 42 e 43 – Expografia da Casa Lambert: a produção da seda.	73
Figura 44 – Expografia da Casa Lambert: a religiosidade.	74
Figuras 45 e 46 – Fogão e utensílios. Casa Lambert.	75
Figura 47 – Oficina dos irmãos Lambert.	76
Figura 48 – Circuito turístico Caravaggio em Santa Teresa.	78
Figura 49 – Apresentação da <i>tarantella</i> em Santa Teresa, 26ª Festa do Imigrante Italiano, 2017.	78
Figura 50 – Fachada do Museu-Casa Zinani em Caxias do Sul.	80
Figura 51 – Museu Casa Zinani visto de outro ângulo, com pilares à mostra.	81
Figura 52 – Mobiliário e objetos. Museu Casa Zinani.	82
Figura 53 – Mobiliário e objetos. Museu Casa Zinani.	82
Figura 54 – Fole-formigueiro. Museu Casa Zinani.	83
Figura 55 – Geladeira. Museu Casa Zinani.	83
Figura 56 – Irmãos Ademir e Ivete Zinani, antigos moradores da casa e empreendedores do complexo turístico familiar, que também conduzem a visitação.	84
Figura 57 – Carroça na propriedade da família Zinani.	85
Figura 58 – Avaliação de visitante do Museu Casa Zanini no Tripadvisor.	86
Figura 59 – Fachada da Casa Eugenio Mottin em Colombo.	86
Figura 60 – Detalhe do alpendre. Casa Eugenio Mottin.	87

Figura 61 – Detalhe dos lambrequins. Casa Eugênio Mottin.....	88
Figura 62 – Dormitório. Casa Eugenio Mottin.....	89
Figura 63 – Dormitório. Casa Eugenio Mottin.....	90
Figura 64 – Dormitório anterior visto de outro ângulo.	91
Figura 65 – Cozinha. Casa Eugenio Mottin.	92
Figura 66 – Vista interna. Casa Eugenio Mottin.	93
Figura 67 – Vista interna. Casa Eugenio Mottin.	94
Figura 68 – Memorial Ítalo-Polonês – Famílias Perin e Puka.....	95
Figura 69 – Memorial Casa Italiana na Praça das Etnias, Gramado.	96
Figura 70 – Memorial Casa Italiana, vista posterior.	96
Figura 71 – Carreta. Memorial Casa Italiana.	97
Figura 72 – Desfile de carretas na Festa da Colônia de Gramado, 1996.....	98
Figura 73 – Oratório dedicado a São Francisco de Assis. Memorial Casa Italiana.	98
Figura 74 – Cantina e depósito. Memorial Casa Italiana.	99
Figura 75 – Sala. Memorial Casa Italiana.	100
Figura 76 – Sala vista de outro ângulo. Memorial Casa Italiana.....	101
Figura 77 – Cozinha. Memorial Casa Italiana.....	101
Figura 78 – Quarto de dormir. Memorial Casa Italiana.	102
Figura 79 – Casa de Bona em Farroupilha.	103
Figuras 80, 81 e 82 – Ambientes internos. Casa de Bona.	104
Figura 83 – Fotografias de família e objetos. Casa de Bona.	105
Figura 84 – Cama patente. Casa de Bona.....	105
Figura 85 – Cozinha. Casa de Bona.	105
Figura 86 – Museu Cainelli em Bento Gonçalves.....	106
Figura 87 – Cozinha. Museu Cainelli.....	107
Figuras 88 e 89 – Quarto de casal. Museu Cainelli.....	108
Figura 90 – Adega. Vinícola Cainelli.....	109
Figuras 91 e 92 – Ações com a comunidade no entorno do Museu Cainelli.	109
Figura 93 – Inauguração da Casa de Pedra em 1975.	110
Figura 94 – Inauguração da Casa de Pedra com descendentes da família Lucchese.	111

Figura 95 – Museu Ambiência Casa de Pedra em Caxias do Sul.	111
Figura 96 – Dormitório. Museu Ambiência Casa de Pedra.....	113
Figura 97 – Objetos de higiene pessoal. Museu Ambiência Casa de Pedra.....	113
Figura 98 – Cozinha. Museu Ambiência Casa de Pedra.	114
Figura 99 – Objetos do cotidiano. Museu Ambiência Casa de Pedra.	115
Figura 100 – Registro fotográfico da confecção de cesta de vime, década de 1980.	115
Figura 101 – Parreiral. Museu Ambiência Casa de Pedra.....	116
Figura 102 – Monumento aos tirolezes, próximo ao Museu Ambiência Casa de Pedra.	116
Figura 103 – Museu Municipal Casa de Pedra em Farroupilha	117
Figura 104 – Fotografias da família Fin. Museu Municipal Casa de Pedra.	118
Figura 105 – Dormitório. Museu Municipal Casa de Pedra.....	118
Figura 106 – Cozinha. Museu Municipal Casa de Pedra.	119
Figura 107 – Cozinha. Museu Municipal Casa de Pedra.	119
Figura 108 – Equipamentos de trabalho. Museu Municipal Casa de Pedra.	120
Figura 109 – Casas de pedra da família Bratti em Nova Veneza.	121
Figura 110 – Casas de Pedra da Família Bratti vistas do alto.	121
Figura 111 – Dormitório. Casa Bratti.....	122
Figura 112 – Sala. Casa Bratti.....	123
Figura 113 – Cozinha. Casa Bratti.	123
Figura 114 – Cozinha. Casa Bratti.	124
Figura 115 – Adega. Casa Bratti.	124
Figura 116 – Casarão dos Veronese, década de 1980.	125
Figuras 117 e 118 – Casarão dos Veronese, década de 1980.....	126
Figura 119 – Casarão dos Veronese em ruínas.	126
Figura 120 – Casarão dos Veronese, dias atuais	127
Figura 121 – Casarão dos Veronese, vista interna.	128
Figura 122 – Casa Buzzi em Ascurra.....	129
Figuras 123 e 124 – Casa Buzzi, vista interna.	131
Figura 125 – Afresco do Sagrado Coração de Jesus. Casa Buzzi.	131
Figura 126 – Casarão dos Indiani em ruínas, antes da reforma na década de 1990.	132

Figura 127 – Fachada do Museu da Imigração Italiana de Quiririm em Taubaté.	133
Figura 128 – Tijolos da olaria Indiani. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	134
Figuras 129, 130, 131 e 132 – Vista do piso original da olaria na área externa do museu, onde também se vê o Museu da Agricultura; poço desativado; banheiros externos; parreira no quintal. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	135
Figuras 133 e 134 – Entrada do museu; escada reconstituída a partir de elementos da original; pintura mural de Basílio Indiani com vista da cidade italiana de Cremona. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	136
Figuras 135 e 136 – Fotografias de Gaudenzio Indiani e Blandina Feraboli. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	136
Figura 137 – Dormitório. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	137
Figuras 138 e 139 – Fogões a lenha e elétrico. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	137
Figura 140 – Mesa de refeições. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	138
Figura 141 – Sala de aula. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	139
Figura 142 – Detalhes da exposição. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	140
Figura 143 – Homenagem aos 100 anos do casarão Indiani. Festa da Imigração Italiana de Quiririm, 2003.	141
Figura 144 – Museu Casa de Portinari, década de 1970.	144
Figura 145 – Museu Casa de Portinari, dias atuais.	144
Figura 146 – Fotografia da família Portinari reunida na antiga varanda de casa. Museu Casa de Portinari.	145
Figura 147 – Mesa de jantar em destaque. Museu Casa de Portinari.	146
Figura 148 – Perfil da <i>nonna</i> Pellegrina, afresco de Candido Portinari. Museu Casa de Portinari.	147
Figura 149 – Capela da <i>nonna</i> . Museu Casa de Portinari.	147
Figura 150 – Fogão a lenha. Museu Casa de Portinari.	148
Figura 151 – Cozinha. Museu Casa de Portinari.	149
Figura 152 – Registro da confecção de cadeira em palha na década de 1980.	149
Figura 153 – Ação educativa para o IX Encontro Brasileiro de Museus-Casas e Casas Históricas, 2015. Museu Casa de Portinari.	150
Figura 154 – Receita da tradicional polenta italiana na comunicação visual da exposição.	150
Figura 155 – Receita da tradicional polenta italiana no Twitter, em ação educativa para o Museum Week 2016. Museu Casa de Portinari.	151
Figura 156 – Quarto das irmãs Portinari. Museu Casa de Portinari.	151
Figuras 157 e 158 – Máquina de costura e detalhe do trabalho manual. Museu Casa de Portinari	152

Figura 159 – Fachada da Casa da Memória Italiana em Ribeirão Preto.	153
Figura 160 – Pietro Biagi, a esposa Eugenia e os doze filhos. Casa da Memória Italiana.	153
Figura 161 – Sala de visitas com móveis em estilo Luís XVI. Casa da Memória Italiana.	154
Figura 162 – Sala de jantar. Casa da Memória italiana.	154
Figura 163 – Cozinha. Casa da Memória Italiana.	156
Figuras 164, 165 e 166 – Vaso sanitário em ambiente separado da área de banho, com chuveiro, bidê e banheira. Casa da Memória Italiana.	156
Figura 167 – Penteadeira do quarto de casal. Casa da Memória Italiana.	157
Figura 168 – Representação da Madonna no dormitório de casal. Casa da Memória Italiana.	158
Figura 169 – Museu Municipal Casal Moschetti em Farroupilha.	159
Figura 170 – Sala de visitas. Museu Municipal Casal Moschetti.	160
Figuras 171 e 172 – Sala de jantar. Museu Casal Moschetti.	161
Figura 173 – Casa Amarela na Vila Romana.	162
Figura 174 – Intervenção no espaço expositivo. Casa Amarela.	163
Figura 175 – Ocupação do ambiente doméstico com a exposição de Janice Del Piero “De casa a caso”. Casa Amarela.	163
Figura 176 – Casa Ranzini em São Paulo.	165
Figura 177 – Casa Ranzini.	166
Figura 178 – Vista interna. Casa Ranzini.	167
Figura 179 – Vitral com cena alusiva aos canais de Veneza. Casa Ranzini.	168
Figura 180 – Detalhe do friso de autoria de Filiberto Ranzini. Casa Ranzini.	168
Figura 181 – Afresco atribuído a Oscar Pereira da Silva. Casa Ranzini.	169
Figura 182 – Luminária de cristal centralizada na decoração de estuque. Casa Ranzini.	169
Figura 183 – Banheiro. Casa Ranzini.	170
Figura 184 – Lina Bo Bardi sentada em cadeira de sua autoria na residência em São Paulo.	171
Figura 185 – Pietro Maria Bardi no MASP.	172
Figura 186 – Instituto Bardi / A Casa de Vidro em São Paulo.	173
Figuras 187 e 188 – Sala em momentos distintos: como moradia, em data indefinida; e na exposição A Casa como casa, que apresenta uma das diversas ambientações ao longo do tempo. Instituto Bardi / A Casa de Vidro.	175
Figura 189 – Pintura moderna sobre mobiliário italiano antigo. Instituto Bardi / A Casa de Vidro. ...	176
Figura 190 – Parede erguida no método ladiri, típico da Sardenha.	177

Figuras 191 e 192 – Sa Domu Beccia em Tortoli, Sardenha.	178
Figura 193 – Detalhe da cozinha. Sa Domu Beccia.	179
Figura 194 – Quarto de preparo dos pães. Sa Domu Beccia.	180
Figura 195 – Detalhe do dormitório. Sa Domu Beccia.	181
Figura 196 – Detalhe do dormitório. Sa Domu Beccia.	182
Figuras 197 e 198 – Equipamentos de costura e peças de bordado típicos da comunidade. Sa Domu Beccia.	183
Figura 199 – Casa D'Erci na zona rural de Florença, Toscana.	184
Figura 200 – Cozinha. Casa D'Erci.	185
Figura 201 – Dormitório. Casa D'Erci.	186
Figura 202 – Cozinha do Museo della Civiltà Contadina, na região metropolitana de Bolonha.	187
Figura 203 – Cozinha da Casa Carbone em Gênova.	189
Figura 204 – Sala de jantar. Casa Carbone.	190
Figura 205 – Emblema da Società 30 di Aprile, tendo o casarão dos Indiani ao centro. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.	194
Figura 206 – Mapa dos Caminhos de Portinari em Brodowski. Museu Casa de Portinari.	195
Figura 207 – Diagrama com a percepção de valor identitário no museu-casa.	196
Figura 209 – Ações na Casa Ranzini: oficina de caiação na Jornada do Patrimônio 2016 – As origens da cidade; e demonstração de fotograma em placa úmida de colódio realizada em 2017 em seu laboratório de fotografia.	199
Figura 210 – Visita virtual. Museu Casa de Portinari.	200
Figura 211 – Visita virtual. Casa da Memória Italiana.	201
Figura 216 – Página inicial do site <i>Iconic Houses</i>	203
Figura 217 – Página do site Museusbr com a localização dos museus cadastrados.	204
Figura 218 – Rede de Museus-casas na Itália.	205
Figura 219 – Marcação de museus-casas de italianos no Brasil e na Itália.	206
Figura 221 – Exposição de uma cozinha colonial no Museo della Terra Pontina, Latina, Itália.	211

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. Antecedentes históricos: a imigração italiana no Brasil	27
2. Da casa ao museu-casa	55
2.1. Arquitetura da habitação	56
2.2. Museus-casas e coleções visitáveis no Brasil	64
2.2.1.1. Casa Lambert	64
2.2.1.2. Museu Casa Zinani	79
2.2.1.3. Casa de Eugenio Mottin Memorial do Imigrante Italiano	86
2.2.1.4. Memorial Casa Italiana	95
2.2.1.5. Casa de Bona	102
2.2.1.6. Museu Cainelli	106
2.2.1.7. Museu Ambiência Casa de Pedra	109
2.2.1.8. Museu Municipal Casa de Pedra	117
2.2.1.9. Casas de Pedra da Família Bratti	120
2.2.1.10. Casarão dos Veronese	125
2.2.1.11. Casa Buzzi	128
2.2.1.12. Museu da Imigração Italiana de Quiririm	132
2.2.1.13. Museu Casa de Portinari	142
2.2.1.14. Casa da Memória Italiana	152
2.2.1.15. Museu Municipal Casal Moschetti	159
2.2.1.16. Casa Amarela	162
2.2.1.17. Casa Ranzini	164
2.2.1.18. Instituto Bardi A Casa de Vidro	170
2.3. Museus-casas na Itália	177
2.3.1. Sa Domu Beccia	177
2.3.2. Casa D'Erci – Museo della Civiltà Contadina	184
2.3.3. Villa Smeraldi – Museo della Civiltà Contadina	186
2.4. Ressignificação de acervos	191
2.4.1. Ressignificação x Autenticidade	192
2.4.2. Categorização	193
2.4.3. Identidade	196

2.4.4. Poéticas imersivas	197
3. Rede de museus-casas entre Brasil e Itália	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
REFERÊNCIAS	213
APÊNDICE – Relação de museus-casas de imigrantes italianos no Brasil	231

INTRODUÇÃO

No amplo universo dos museus, há uma tipologia que documenta a história do habitar, articulada na relação entre edificação, morador e acervo, elementos que também dialogam com o território circundante e a sociedade. Denominados museus-casas, esses espaços preservam a ambientação residencial, total ou parcialmente, e evocam a passagem de grupos humanos que ali viveram por meio de heranças culturais. Ao adentrá-los, o passado vem à tona com toda a força, evidenciando como viviam as pessoas, como eram as relações entre gêneros, as hierarquias e a dinâmica entre moradia e trabalho, pontuadas nas divisões dos espaços, nos equipamentos domésticos, nos objetos pessoais. Questões de gosto e estilo também podem ser observadas, visíveis na simplicidade ou na sofisticação dos ambientes, permeando o panorama econômico e sociocultural e as transformações ao longo do tempo.

Essa tipologia museológica vem sendo estudada, desde o final da década de 1990, pelo Comitê Internacional para Museus-Casas Históricas (DEMHIST), que integra o corpo do Conselho Internacional de Museus (ICOM), entidade vinculada à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O referido comitê articula especialistas e profissionais de museus em uma rede de conhecimento e práticas, a fim de refletir sobre o significado dos universos pessoais e coletivos presentes nas residências visitáveis, ressignificando-as na atualidade e potencializando seus usos.

A ideia desse comitê temático nasceu na conferência *Abitare la storia – Le dimore storiche museo*¹ realizada em Gênova em 1997, sob organização do ICOM Itália², que abordou as residências históricas do ponto de vista museológico, considerando a organização dos espaços, a conservação, a segurança e a extroversão. Os profissionais presentes nesse encontro – representantes de palácios, vilas reais e residências burguesas da Itália e de outros países da Europa (PINNA, s.d.) – elaboraram uma petição para que o conselho internacional oficializasse um comitê voltado especificamente a esse tipo de museu, cuja criação foi aprovada em 1998 e a denominação escolhida em 1999 sob a nomenclatura *Demeures Historiques-Musées – DEMHIST*³, quando da eleição e posse dos primeiros membros.

¹ Habitar a história – As casas-museu históricas. Tradução livre do pesquisador.

² O ICOM conta com 119 representações nacionais, a exemplo do ICOM Itália e do ICOM Brasil.

³ A nomenclatura do comitê foi elaborada nas línguas oficiais do ICOM, francês, inglês e espanhol, mas a abreviatura adotada em todo o mundo considera a versão francesa.

Mais de duas décadas depois de lançada a pedra fundamental na sua formação, o DEMHIST conta com representações nacionais em diversos países, que vêm mapeando esses museus em seus territórios e estudando os caminhos possíveis para sua preservação e difusão.

Dentre esses caminhos, destaca-se o projeto de categorização proposto por Rosanna Pavoni, historiadora da arte e consultora de museus na Itália, que presidiu o DEMHIST entre 2003 e 2005, e que integra a representação do comitê nesse país. Trata-se de um estudo pioneiro envolvendo, na primeira fase, entre 2005 e 2009⁴, cento e cinquenta museus em todo o mundo, considerando a existência de diversos perfis de moradias abertas à visitação – de casas camponesas a palácios –, com o intuito de valorizar diferentes características no interesse da história e para a definição de uma identidade que contribuísse com a gestão eficaz desses espaços.

A primeira proposta de classificação foi divulgada na conferência do DEMHIST realizada em Viena, em 2007, e publicada dois anos depois (PAVONI, 2009), com a seguinte denominação: *Personality Houses; Collection Houses; Houses of Beauty; Historic Event Houses; Society Houses; Ancestral Homes; Royal Power Houses; Clergy Houses; Humble homes*.⁵ A nomenclatura na língua inglesa foi uma versão do original em italiano⁶, e não uma tradução literal, por isso há adequações, a exemplo de *humble homes* (casas humildes), versão de *case di carattere etnoantropológico* (casas de caráter etnoantropológico), que se referem a construções vernaculares de grupos humanos específicos. Outro termo que demanda esclarecimento é *beauty houses* (casas de beleza), do original italiano *case della bellezza*, que se refere a casas que se constituem obras de arte, por apresentarem estilo arquitetônico ou decorativo representativos de algum movimento da história da arte.

O Brasil desponta com pioneirismo na América Latina no estudo de museus-casas, contando com a atuação da museóloga Magaly Cabral na primeira representação do DEMHIST nesse território, à época dirigindo o Museu Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. São Paulo passou a desempenhar papel fundamental no estudo dos museus-casas a partir de 2007, tendo à frente a curadora de museus Ana Cristina Carvalho, que desde 2011 integra o conselho do DEMHIST.

⁴Primeira fase do projeto de categorização disponível em: <http://demhist.icom.museum/shop/data/container/DEMHOST_CategorizationProject_I_Data.pdf>. Acesso em: 15 Jun. 2018.

⁵Casas de personalidade; casas de colecionador, casas de beleza, casas de eventos históricos, casas de sociedade, casas ancestrais, casas de poder real, casas clericais, casas humildes. Tradução livre do pesquisador. Texto original disponível em <www.museumartconsulting.com/case-museo_Pavoni-2.htm>. Acesso em: 6 Mi. 2018.

⁶Classificação italiana disponível em: <<http://casemuseoitalia.it/it/Categories.asp>> Acesso em: 15 Jun. 2018.

Sob a organização de Carvalho, a capital paulista passou a sediar anualmente o Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas, no âmbito de ações da Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, responsável por uma publicação inédita no Brasil (CARVALHO, 2013), que identificou 324 museus-casas em território nacional, classificados a partir de uma adequação da categorização internacional à realidade brasileira: Casas de Personalidade, que evidenciam o morador como legado para a sociedade, como intelectuais, artistas, músicos, escritores, políticos, religiosos, entre outros; Casas de Colecionador, que apresentam acervos de arte ou de outras naturezas como legado maior; Casas de Sociedade Local, representativas de grupos humanos específicos, como populações ribeirinhas, bandeiristas, imigrantes ou famílias aristocráticas; Casas de Arquitetura Destacada, que apresentam métodos construtivos vernaculares ou estilos representativos da história da arte; Casas Rurais, que pertenceram ou ainda integram fazendas históricas; Casas de Poder, que compreendem palácios que abrigaram ou abrigam de sedes de governo, compartilhando a função política com a residencial; e Casas de Caráter Religioso, no âmbito de conventos e mosteiros católicos, terreiros de candomblé e outras entidades religiosas que abrem à visita as alas residenciais.

Integrando a equipe de pesquisa de 2013, que na ocasião identificou doze museus-casas relacionados a imigrantes italianos no Brasil, a autora do presente estudo observou similaridades formais e conceituais com museus-casas que havia visitado na Itália, empreendendo intensa investigação sobre o assunto.

Sob o título “Da casa ao museu-casa: heranças do imigrante italiano no Brasil”, este estudo visa esclarecer se as residências abertas à visita no Brasil externam heranças culturais do país de origem de seus antigos moradores, considerando o potencial de extroversão de acervos de natureza doméstica, que expõem a produção material e imaterial da sociedade. Seriam esses espaços testemunhos relevantes de tradições ancestrais? Como a preservação e a extroversão desses acervos mediam essa questão?

O estudo se justifica pela importância histórica e cultural das casas abertas à visita enquanto fontes de pesquisa frente às transformações que marcaram os dois países com a onda migratória da Itália para o Brasil entre os séculos XIX e XX. Enquanto fontes primárias, apresentam edificações e objetos remanescentes desse acontecimento; como secundárias, as interpretações dos espaços como museus contaram com testemunhos das primeiras gerações de descendentes dos italianos que ali viveram. A leitura desse conjunto em um estudo unificado pode oferecer subsídios para o entendimento das heranças culturais que,

mais de um século após a imigração, estão difundidas na paisagem rural e urbana, na linguística, nos costumes, na arte, enfim, na sociedade brasileira, formada em grande parte por ítalo-descendentes.

Considerando também que o estudo sobre os museus-casas vem se fortalecendo no Brasil e que não há publicações específicas sobre a relação dessa tipologia museológica com a imigração italiana no país, apesar do amplo acervo disponível, este estudo espera contribuir com a difusão desses espaços, com a bibliografia de referência do DEMHIST e, sobretudo, com os próprios museus estudados, contando com o importante suporte acadêmico do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA-USP).

A metodologia adotada para este estudo consistiu em pesquisas na bibliografia de referência, elencada ao final deste relatório; revisão do levantamento de museus-casas relacionados à imigração italiana no Brasil e pesquisa de similares existentes na Itália; visitas a museus-casas em ambos os países; participação no Curso de Capacitação Profissional para Museus-Casas Históricas no Brasil, ministrado por profissionais do DEMHIST em 2015, em São Paulo; apresentação da comunicação *The House-Museums of Italian immigrants in Brazil as a cultural landscape nucleus*⁷, no âmbito da programação do DEMHIST na 24ª Conferência Internacional Trienal do ICOM, *Museums and cultural landscapes*⁸, realizada em Milão, em 2016; e participação na comissão organizadora das seguintes edições do Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas⁹: “Coleções e personagens: por que preservar?”, 2014”; “Um objeto, uma casa, muitas histórias”, 2015; “Museus, identidades, territórios”, 2016; e “Heranças culturais: testemunhos materiais e imateriais no museu-casa histórica”, 2017.

Para a identificação dos museus, no âmbito da revisão mencionada no parágrafo anterior, optou-se por um comparativo do levantamento de 2013 com o atual cadastro nacional de unidades museológicas que o IBRAM vem empreendendo de modo colaborativo com estados e municípios, a partir do compartilhamento de informações pela plataforma

⁷ Museus-casas de imigrantes italianos no Brasil como núcleo da paisagem cultural. A participação da pesquisadora encontra-se registrada à página 138 da programação do DEMHIST, disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/Milan2016/ICOM_2016_Final_Programme_2016.06.24.pdf>. Acesso em: 10 Jun. 2018.

⁸ Museus e paisagens culturais. Versão na língua portuguesa divulgada pelo ICOM-BR. Disponível em: <www.icom.org.br/?p=1190>. Acesso em: 16 Jun. 2018..

⁹ A programação dos Encontros encontra-se disponível no Site do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <www.acervo.sp.gov.br/ENCONTROS.html>. Acesso em: 27 Jun. 2018.

Museusbr¹⁰. Como essa base de dados não oferece a classificação de museu-casa, fez-se necessário analisar os museus relacionados a todas as temáticas cadastradas: artes, arquitetura e linguística; antropologia e arqueologia; ciências, exatas, da terra, biológicas e da saúde; história; educação, esporte e lazer; meios de comunicação e transporte; produção de bens e serviços; defesa e segurança pública.

Também houve ampla pesquisa de museus junto a órgãos de gestão federal, estadual e municipal do patrimônio cultural, tais como o IPHAN, os conselhos de defesa do patrimônio, e as secretarias de cultura e turismo, e os diversos círculos italianos espalhados pelo país¹¹.

Até 31 de maio de 2018, foram identificadas dezoito casas abertas à visitação nas regiões sudeste e sul do país, cujas edificações se situam entre a primeira fase de ocupação imigrante e o pós-guerra, identificadas na Tabela I do Anexo desta pesquisa.

Na região sudeste, a casa mais antiga, de 1876, denominada Casa Lambert, remonta a uma das primeiras colônias rurais de italianos no Espírito Santo; outras do início do século XX são representativas da vida em colônias agrícolas, povoados e cidades em transformação no interior de São Paulo, como o casarão da família Indiani, de 1903, atual Museu da Imigração Italiana de Quiririm, em Taubaté; a casa da família Portinari, de 1908, atual Museu Casa de Portinari, em Brodowski; e a casa da família Biagi, de 1925, atual Casa da Memória Italiana, em Ribeirão Preto; na capital paulista, a Casa de Angelo Bortoldi, de 1921, hoje Casa Amarela, registra o movimento proletário na formação da metrópole, aglomerado em vilas operárias e chácaras que se integraram ao contexto urbano; a Casa Ranzini representa a presença de arquitetos, artistas e artífices italianos no Liceu de Artes e Ofícios e no escritório do arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, a serviço das elites que viviam em palacetes ecléticos; e a casa de Lina Bo e Pietro Maria Bardi, de 1951, hoje denominada Instituto Bardi / A Casa de Vidro, que testemunha a retomada da imigração no pós-guerra, a urbanização de loteamentos de antigas chácaras que deram origens a novos bairros, como o Morumbi, onde está localizada, e a contribuição de duas figuras importantes na dinamização cultural da cidade.

¹⁰ A plataforma implantada em outubro de 2015 encontra-se disponível em: <[http://museus.cultura.gov.br/busca/###\(global:\(enabled:\(space:lt\).filterEntity:space\)\)](http://museus.cultura.gov.br/busca/###(global:(enabled:(space:lt).filterEntity:space)))>. Acesso em: 15 Jun. 2018.

¹¹ Os círculos italianos são entidades associativas formadas por cidadãos de origem italiana residentes no Brasil, que se articulam com as comunidades para agregar valor às heranças culturais. Suas origens remontam às sociedades de mútuo socorro, que no início do século XX davam apoio aos imigrantes, e que ao longo do tempo assumiram um caráter preponderantemente cultural. Nota da pesquisadora.

Na região sul, foram localizadas casas visitáveis representativas, em sua maioria, de propriedades rurais remanescentes dos dois primeiros períodos de ocupação do território, entre 1875 e as três primeiras décadas do século XX, em um contexto de povoamento de áreas desabitadas e de colônias formadas para abastecer de alimentos centros urbanos. As famílias que migraram para tais locais se fixaram definitivamente como pequenos proprietários, praticando, em sua maioria, agricultura de subsistência, ofícios com técnicas manuais, como carpintaria e ferraria, e abrindo comércios. Além de museus públicos, alguns espaços visitáveis estão conectados a outros em interiores de propriedades privadas, no âmbito de ações de sustentabilidade e turismo cultural.

Nas regiões norte, nordeste e centro-oeste não foram localizadas casas abertas à visitação com histórico de moradia de imigrantes italianos, apesar da presença de grupos dessa origem, sobretudo na região nordeste, que conta com representação consular do governo italiano em Recife e Salvador, e escritórios de apoio em diversas capitais.

O presente estudo foi estruturado em três eixos de reflexão, sendo o primeiro dedicado a compreender o contexto histórico da imigração italiana no Brasil, entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, ocasião em que um considerável fluxo humano – mais de um milhão de pessoas – entrou no país para fornecer mão-de-obra para a agricultura e povoar áreas desabitadas, influenciando significativamente a formação do território e da sociedade. Esse contexto privilegia as localidades que abrigam os museus-casas identificados, de modo a pontuar como se deu o estabelecimento de seus antigos moradores.

O segundo capítulo apresenta diversas casas abertas à visitação e seus acervos, destacando história de seus antigos moradores, as características da arquitetura da habitação e os equipamentos domésticos; os processos de extroversão como museus, os partidos curatoriais, as museografias e os programas de visitação, além da interlocução com o turismo cultural. Espaços semelhantes localizados na Itália também são analisados, a fim de pontuar similaridades formais e conceituais.

O terceiro bloco apresenta a rede de museus-casas existente na Itália e analisa possibilidades de conexões com museus-casas de imigrantes italianos no Brasil, considerando interfaces entre plataformas de rede na web em ambos os países.

As considerações finais trazem reflexões sobre as heranças culturais externadas pelos museus destacados no segundo capítulo, de modo a responder os questionamentos que tratam o objeto deste estudo, vislumbrando a possibilidade de novos estudos como desdobramento do atual.

Como referencial teórico, este estudo adotou textos de caráter histórico sobre a imigração italiana no Brasil, reunidos em publicações a partir da década de 1980 (DE BONI, 1987; DE BONI, 1990; COSTA e DE BONI, 1990; REGINATO, 1995; TRENTO, 1989), por ocasião do centenário da imigração italiana no Brasil, complementada por estudos recentes (CENNI, 2003; EBERHARD, 2018; TRUZZI, 2016).

Sobre arquitetura imigrante no Brasil, o estudo privilegiou publicações dos arquitetos e urbanistas Paulo Iroquez Bertussi (BERTUSSI, 1987) e Julio Posenato (POSENATO, 1983; 2007), que abordam as tradições construtivas do norte da Itália presentes no Rio Grande do Sul; Cesar Floriano (FLORIANO, 1990), sobre a arquitetura do imigrante no interior de Santa Catarina; Maria Izabel Perini Muniz (MUNIZ, 1997) sobre as influências trentinas no interior do Espírito Santo; e Carlos Lemos (LEMOS, 1990; 2017), com o olhar voltado para São Paulo. Complementam esse referencial teórico publicações do IPHAN sobre patrimônio edificado e heranças culturais dos imigrantes italianos, somadas a estudos acadêmicos desenvolvidos em universidades brasileiras.

Do ponto de vista dos museus, foram estudados textos do antropólogo italiano Alberto Cirese (CIRESE, 1977; 2003; 2007) sobre museus de comunidades camponesas e o potencial semiótico da museografia e da intangibilidade associada aos acervos materiais; e textos de especialistas que compõem a bibliografia de referência do DEMHIST, incluindo atas das conferências realizadas pelo comitê a partir do ano 2000; os anais do Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas; e textos de especialistas que ministraram o Curso de Formação Profissional em Museus-Casas Históricas no Brasil, realizado em 2015, em São Paulo.

Em um viés filosófico, foram estudados textos de Gaston Bachelard (BACHELARD, 1989), para abordar a fenomenologia da imaginação nos espaços íntimos; e de Michel Foucault (FOUCAULT, 1967), para refletir sobre os museus e suas camadas de significação na relação espaço-tempo.

1. Antecedentes históricos: a imigração da Itália para o Brasil

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, milhares de italianos desembarcaram no Brasil, constituindo uma das maiores levas de imigrantes no país. Esse fenômeno migratório teve raízes nas transformações econômicas, políticas e sociais de ambos os países ao longo do século XIX, cujo fluxo foi arquitetado pelos respectivos governos para atender às demandas que então se revelavam urgentes.

Figura 1 – Emblema da lista de bordo do vapor Maranhão, que desembarcou em Santos em 1897.

Fonte: Adaptado de APESP. Disponível em: www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/mi_listavapores/BR_APESP_MI_LP_000283.pdf. Acesso em: 12 Jun. 2018.

A Itália unificada em 1870 se deparava com um contingente populacional agrário que não se encaixava nas terras cultiváveis, promovendo desequilíbrio entre a procura e a oferta de mão-de-obra. As famílias cresciam vertiginosamente, gerando fome e desemprego, o que desencadeou um intenso fluxo migratório dentro da própria Itália, em direção às cidades urbanizadas do norte, que ofereciam trabalho nas fábricas. Esse contexto foi marcado por diversas revoltas populares em todo o país, tanto pela ausência de políticas públicas em prol dos menos favorecidos na faixa centro-meridional, como pela exploração dos operários nas grandes empresas do eixo setentrional. Além da explosão demográfica e dos conflitos sociais, a obrigatoriedade do serviço militar também é vista como propulsora do êxodo no país, que

levou os italianos a encararem com otimismo a possibilidade de migrarem para países da América e, assim, escapar da miséria e do recrutamento compulsório que vinha encaminhando diversos cidadãos para lutas armadas com outras nações.

Figura 2 – Giuseppe Pelizza Da Volpedo. *Il quarto stato*, 1901. Museo del Novecento, Milão¹².

Fonte: Museo del Novecento. Disponível em: <www.museodelnovecento.org/index.php/it/collezione?giuseppe-pellizza-da-volpedo>. Acesso em: 01 Mai. 2018.

Essa conjuntura levou o governo italiano a implementar políticas de fomento à emigração, incluindo estratégias propagandísticas realizadas em parceria com o governo brasileiro para despertar o interesse da população menos favorecida. A publicidade se dava por meio da introdução de agenciadores nas comunidades e da distribuição de panfletos, cujo discurso apresentava um panorama irresistível do Brasil e apelava para os sonhos de uma vida melhor.

*In America... Terre in Brasile per gli italiani. Navi in partenza tutte le settimane dal Porto di Genova. Venite a costruire i vostri sogni con la famiglia. Un paese di opportunità. Clima tropicale vito in abbondanza. Ricchezze minerali. In Brasile potete avere il vostro Castello. Il governo dà terre ed utensili a tutti.*¹³

¹² *Il Quarto Stato* (o quarto estado) integra uma série que o artista realizou após testemunhar uma revolta operária em sua cidade natal, Volpedo, na região do Piemonte, no norte da Itália. A primeira pintura, de 1891, *Ambasciatori della fame* (embaixadores da fome), é considerada a primeira etapa desse estudo, hoje pertencente a uma coleção particular, seguida de *La fiumana* (o rio humano), que integra a Pinacoteca de Brera, em Milão.

¹³ Na América... Terra no Brasil para os italianos. Partida de navios todas as semanas do Porto de Gênova. Vindes construir os vossos sonhos com a família. Um país de oportunidades. Clima tropical comida em abundância. Riquezas minerais. No Brasil podeis ter o vosso castelo. O governo dá terras e utensílios a todos. Tradução livre do pesquisador.

Figura 3 – Panfleto distribuído na Itália com propaganda dos benefícios oferecidos no Brasil.

Fonte: Jornal Fanfulla. Disponível em: <www.jornalfanfulla.com/news.asp?noticia=808>. Acesso em: 28 Jun. 2016.

Na Itália, as regiões de Vêneto, Lombardia, Trento, Piemonte, Campania, Basilicata, Calábria, Sicília, Abruzzo, Molise, Lácio e Umbria são as principais localidades de origem daqueles que escolheram o Brasil como destino, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁴. O maior e mais importante porto marítimo da Itália, de onde partiam os navios com os emigrados, entre 1876 e 1901, era o porto de Gênova, seguido do Porto de Nápoles, que de 1901 a 1905 passou a transportar a maioria dos emigrantes, e dos portos de Palermo e Messina, que a partir de 1905 partilharam com os dois primeiros o grande fenômeno emigratório.

¹⁴ Território brasileiro e povoamento. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos.html>>. Acesso em: 01 Jun. 2018.

Figura 4 – Família italiana no Porto de Genova, final do século XIX.

Fonte: FRANCESCHETTO, 2014, p. 43

O Brasil enfrentava a crise escravocrata que esbarrava na necessidade de mão-de-obra para atender à lavoura do café, que, na ocasião, movia a economia e se constituía no principal produto de exportação. Com a extinção do tráfico negreiro em 1850 e a crescente mobilização em prol da abolição da escravatura, a necessidade de substituir a mão-de-obra escrava motivou a procura de trabalhadores em outros mercados.

Somado a isso, os vazios demográficos demandavam povoamento, tanto para proteção das fronteiras, como para o cultivo agrícola, de modo a produzir alimentos e abastecer centros urbanos. Implícito nesse programa governamental, havia o interesse em buscar no imigrante europeu um meio de branquear a população brasileira, inclusive a longo prazo, por meio da miscigenação. Foram, então, adotadas medidas legais para implantação desse empreendimento, que teve inicialmente a captação de açorianos, alemães, poloneses e suíços, até a atração de italianos a partir da década de 1870. Os presidentes das províncias juntavam-se à corrente favorável à colonização por meio da pequena propriedade e da inserção na lavoura cafeeira.

Figura 5 – Modesto Brocos. *Redenção de Cã*, 1895. Museu Nacional de Belas Artes.¹⁵

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes. Disponível em: <<http://mnba.gov.br/portal/component/k2/item/192-reden%C3%A7%C3%A3o-de-c%C3%A3.html>>. Acesso em: 04 Jun. 2018.

Entre as medidas governamentais, o Imperador D. Pedro II aprovou a Lei das Colônias em 1867¹⁶, que registrava o regulamento para a fundação dos núcleos coloniais, a distribuição de terras, as condições de propriedade e o subsídio governamental. As colônias deveriam ser criadas por decreto imperial, tendo seu nome, localização e traçado definidos, incluindo a divisão de lotes rústicos e urbanos e a distribuição de sementes e equipamentos agrícolas para o sustento das famílias.

Em 1876, foi criada a Inspetoria Geral das Terras e Colonização, subordinada ao Ministério da Agricultura Comércio e Obras Públicas¹⁷, com o intuito de fiscalizar o registro e a demarcação de terras devolutas, a legitimação de posses, concessões e sesmarias, entre outros serviços relacionados à colonização com imigrantes. Em 1883, foi fundada a Sociedade Central de Imigração, no Rio de Janeiro, para a promoção do aumento da imigração europeia, tendo a anuência oficial do governo italiano em 1885, embora já houvesse articulação anterior

¹⁵ A pintura de Brocos é consagrada por abordar questões raciais e a tese do branqueamento suscitada nas ações governamentais para atração de imigrantes europeus.

¹⁶ Decreto nº 3784/1867, disponível em: <www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao6.html>. Acesso em: 01 Jun. 2018.

¹⁷ Criada pelo Decreto nº 6129/1876, disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-6129-23-fevereiro-1876-549093-publicacaooriginal-64440-pe.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

a esse respeito entre os dois países. Nos anos seguintes, o governo brasileiro estabeleceu contratos com empresários locais e fazendeiros para a captação de imigrantes italianos. Os portos do Rio de Janeiro e de Santos eram as principais portas de entrada, e passaram a receber um fluxo intenso de imigrantes a partir de 1875.

A viagem de navio durava entre vinte e trinta dias, tempo suficiente para a ocorrência de nascimentos, mortes e casamentos a bordo. Chegando no Brasil, após os registros de entrada, iniciava-se outra viagem, dos portos para os núcleos agrícolas ou coloniais, com a passagem de praxe pelas hospedarias, onde as famílias pernoitavam por até oito dias antes de prosseguir pelo interior do país ou para as capitais das províncias.

Figura 6 – Desembarque de imigrantes no Porto de Santos.

Fonte: Revista *O Imigrante* nº 1, janeiro de 1908, p. 17. Disponível em: <<http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/IM19080101.pdf>>. Acesso em: 01 Jun. 2018.

Esse fenômeno migratório marcou profundamente as pessoas envolvidas, tendo sido registrado pictoricamente por artistas italianos que também migraram para o Brasil e que atualmente integram coleções de museus e de outros espaços públicos. A iconografia presente nas pinturas do início do século XX muitas vezes captura flagrantes desse percurso, enquanto obras posteriores, executadas com o olhar em retrospecto no âmbito das comemorações acerca dos marcos da imigração, valorizam narrativas que sintetizam essa epopeia. A memória pintada vem somar aos demais registros fotográficos, textuais e patrimoniais, contribuindo com a difusão da memória desse acontecimento.

Figura 7 – Aldo Locatelli. *Do itálico berço à nova pátria brasileira*, 1954, detalhe. Centro Administrativo de Caxias do Sul.

Fonte: Guia de Caxias do Sul. Disponível em: <www.guiadecaxiasdosul.com/turismo/categorias/la-citta/centro-administrativo-571>. Acesso em: 01 Jun. 2018.

As regiões sudeste e sul foram os principais destinos dos italianos no Brasil. Na primeira prevalecia o cultivo do café e os italianos que migraram para lá se dedicaram, a princípio, a essa atividade em diversas fazendas no interior de São Paulo, enquanto no Espírito Santo a extração de madeira despertava especial interesse, ao lado da agricultura familiar. Na segunda, a policultura de pequena propriedade era a principal ocupação, com a produção de milho, trigo, uva, entre outros insumos para subsistência e abastecimento das vilas e províncias. Nas capitais, os italianos atuaram como operários na indústria, sobretudo têxtil, siderúrgica e automobilística; como arquitetos, artistas e artífices, e na área de serviços.

Nas primeiras décadas, os italianos encontraram sérias dificuldades de adaptação nas fazendas e colônias de ocupação, com sucessivos relatos ao governo italiano sobre maus-tratos e exploração humana. Após um extenso relatório elaborado pelo então ministro do exterior Giulio Prinetti, em que denunciava essa situação, o Comissariado Geral da Emigração na Itália emitiu em 1902 uma portaria – que ficou conhecida como Decreto Prinetti – proibindo a emigração subsidiada pelo governo brasileiro. A partir desse momento, quem quisesse emigrar para o Brasil teria que arcar com as despesas de viagem, o que contribuiu com a diminuição do fluxo de italianos nas décadas posteriores, ainda que o governo brasileiro oferecesse restituição dos gastos com a passagem, obedecidas certas regras, como flagra matéria do jornal *O Imigrante* (ESTADO DE SÃO PAULO, 2008, p. 7), periódico que passou a ser distribuído em seis línguas, cujo conteúdo demonstra seu caráter propagandístico, com um apelo para as vantagens oferecidas ao imigrante que se estabelecesse no estado de São Paulo.

A partir desse panorama inicial sobre a imigração italiana no Brasil, este estudo privilegiou o contexto histórico nos estados que abrigam museus-casas: Espírito Santo e São Paulo, na região sudeste, e todos os estados da região sul.

O Espírito Santo permaneceu até meados do século XIX com seu território pouco habitado. A disponibilidade de terras deveu-se ao lento desenvolvimento da província e sua participação tímida nos ciclos econômicos da cana-de-açúcar e do ouro, visto que os recursos econômicos haviam sido destinados a Minas Gerais e ao litoral da região Nordeste. Outra dificuldade decorreu de medidas proibitivas para a construção de estradas que ligassem o interior ao litoral, bem como o fechamento da navegação fluvial, a fim de proteger as minas de ouro do contrabando.

No ciclo do café, o contingente populacional reduzido fomentou a atração de pessoas para que o cultivo avançasse, panorama que se soma às ações governamentais para a vinda de colonos estrangeiros em substituição à mão-de-obra escrava em vias de abolição. Além dos grupos familiares que se dirigiram para as fazendas de escravos, a colonização para ocupação de áreas desabitadas deveu-se à pouca representação de latifundiários que pudessem se opor ao programa de venda de pequenas propriedades a baixo custo.

Os italianos que migraram para este estado entraram no Brasil por mais de um porto, muitos pelo do Rio de Janeiro, com registro na Hospedaria da Ilha das Flores, seguindo por transporte terrestre ou fluvial para o estado vizinho; outros entraram pelos portos de Benevente, Itapemirim, Piúma, São Mateus e Vitória, sendo registrados na Hospedaria da Pedra d'Água, na capital capixaba. Após os registros nas entidades de controle da imigração, os italianos seguiram em embarcações pequenas para os núcleos das colônias, complementando o percurso a pé, atravessando as matas por trilhas junto aos rios.

Segundo estatísticas do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo¹⁸, 36.666 italianos migraram para o Estado entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, computando 67,7% do montante de estrangeiros.

Em 1858 a colônia Santa Isabel recebeu 29 indivíduos provenientes da Sardenha; em meados de 1870 foi a vez de Santa Leopoldina, que recebeu numeroso grupo proveniente do norte italiano, passando a atuar também como centro de distribuição de colonos; em 1872, Nova Trento recebeu uma grande leva trentina; em 1874, Rio Novo recebeu um grupo do Tirol, região à época sob domínio austríaco, posteriormente incorporado ao território italiano; além de Nova Venezia, Santa Leocádia e São Roque, que receberam nos anos seguintes grupos também do norte italiano.

¹⁸ O Arquivo Público do Estado do Espírito Santo coordena o Projeto Imigrantes, repositório de informações sobre os imigrantes italianos no estado, disponível em: <<http://imigrantes.es.gov.br/>>. Acesso em 6 Mai. 2018.

A Colônia Nova Trento foi fundada pelo empreendedor particular Pietro Tabacchi¹⁹, que intermediou a vinda de centenas de pessoas do Trentino italiano, ao lado de uma minoria vêneta. Partindo do Porto de Genova no final de janeiro de 1874, a bordo do veleiro La Sofia, a Expedição Tabacchi conduziu 388 camponeses, acompanhados por um capelão, e um médico, além da esposa do agenciador, chegando ao porto de Vitória em 21 de fevereiro de 1874. Essa colônia não prosperou, com duração de menos de um ano, devido às poucas vantagens oferecidas aos colonos, que se transferiram espontaneamente para as colônias de Santa Leopoldina e Rio Novo, e alguns para o Rio Grande do Sul. No final de 1874, com o falecimento de Tabacchi, a colônia Nova Trento foi oficialmente extinta, e as poucas pessoas que restaram migraram para um caminho de acesso a Santa Leopoldina, atravessando o rio Timbuhy, criando a Colônia Timbuhy.

Figura 8 – Colônia Timbuhy.

Fonte: FRANCESCHETTO, 2014, p. 18.

No ano seguinte à formação dessa colônia, outro grupo formado por trentinos e tirolezes partiu do porto francês de Havre, a bordo do vapor Rivadávia, aportando no Rio de

¹⁹ Muniz conta, às páginas 62-63, que “Pietro Tabacchi, italiano da região de Trento, fugiu de sua terra por volta de 1851, possivelmente por motivos de falência. No Espírito Santo, adquiriu uma fazenda em Santa Cruz, chamada ‘Monte delle Palme’. Aproveitando suas ligações com o norte italiano e percebendo o interesse do governo brasileiro pela imigração europeia, Tabacchi escreveu ao Imperador oferecendo-se para empregar estrangeiros como trabalhadores livres em suas terras. Para isso, comprometa-se, entre outras medidas, a fundar uma colônia, a Nova Trento”. Idem, p. 62-63, apud Grosselli, A expedição Tabacchi e a Colônia Nova Trento”.

Janeiro e, em seguida, no Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina, no Espírito Santo, com 60 pessoas destinadas ao núcleo Timbuhy. Neste local, compraram terras devolutas, ofertadas pelo governo com o objetivo de povoamento e desenvolvimento da agricultura local. Entre os trentinos estava a família Lambert, que após receber seu terreno construiu a casa de moradia, onde viveram quatro gerações até a aquisição da propriedade pelo governo local para transformá-la em museu.

Figura 9 – Casa Lambert no início do século XX.

Fonte: REGINATO, 1995, p. 300; MUNIZ, 1997, p. 142.

A imigração piemontesa, trentina e veneta do norte da Itália foi fundamental para o desenvolvimento demográfico, econômico e cultural da região, sendo responsável pelo desbravamento de vales e pela fundação de cidades. Entre os imigrantes que povoaram o estado, os italianos foram as principais influências na formação da sociedade, pois apresentavam melhores condições de adaptação do que outras etnias, devido à religião católica e a língua de mesma raiz que os luso-brasileiros, facilitando a comunicação e a interação social. Somava-se a isso o fato da maioria dos padres católicos ser de origem

italiana, facilitando a participação dos colonos na vida religiosa, nas festas da igreja, na vida comunitária familiar de mesma origem, na sobrevivência de sua cultura natal.

Em São Paulo, a política migratória esteve diretamente relacionada com a expansão e a decadência da lavoura cafeeira. Na década de 1840, o senador e cafeeiro Nicolau Pereira de Campos Vergueiro foi um dos primeiros a pensar em um sistema de parceria com colonos europeus, bem antes da abolição da escravidão, tendo trazido alemães e suíços em 1847 para a Fazenda Ibicaba, de sua propriedade. Ocupando a pasta da Justiça, o cafeeiro-político obteve subvenção governamental para organizar a sociedade Vergueiro & Cia, que em 1852 contratou com a província o fornecimento de 1.500 colonos. Essa sociedade recrutava as pessoas e financiava a viagem para o Brasil, ficando o colono comprometido em quitar a dívida com seu trabalho por um período de quatro anos. Cada família ficava responsável pelo cultivo e beneficiamento de uma quantidade preestabelecida de pés de café, além do plantio de mantimentos em roças, cujo produto da venda desses insumos era partilhado com o fazendeiro.

Esse modelo serviu de referência a outros proprietários de fazendas, embora houvesse uma divisão de interesses entre eles, uma parcela dedicada a implantar o modelo de colonização por meio de núcleos, que dava ao colono direito a uma pequena propriedade, e outra voltada a apenas utilizar braços para a lavoura. Os inúmeros conflitos surgidos pela insatisfação dos imigrantes, sobretudo em decorrência de exploração e maus-tratos, abriram caminho para uma migração interna.

Na Província de São Paulo já havia a preferência por imigrantes do norte europeu, embasada pelo governo local²⁰, mas outros dois fatores passaram a privilegiar a inserção do imigrante italiano em território paulista: a contratação de Gaetano Pinto, em 1877, para o recrutamento de italianos e, no ano seguinte, a visita do fazendeiro e governador Antonio de Queiroz Teles a países europeus, que culminou em um relatório que atestava a predileção ao camponês italiano, especialmente o que vivia em situação de miséria e que teoricamente aceitaria passivamente as condições exigidas pelos fazendeiros paulistas no sistema de colonato então vigente.

Em 1886, com a fundação da Hospedaria de Imigrantes e da Sociedade Promotora de Imigração, sob a presidência do cafeeiro Martinho Prado Júnior, o fluxo migratório de italianos se intensificou, tendo também na nomeação do cafeeiro Antonio Prado para a

²⁰ Lei Provincial nº 42/1871, disponível em: <www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1871/lei-42-30.03.1871.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Pasta da Agricultura fator de propulsão dessa mão-de-obra. Nesse contexto, diversas colônias agrícolas foram criadas com italianos.

Figura 10 – Dormitórios. Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, início do século XX.

Fonte: Revista *O Imigrante* nº 1, janeiro de 1908, p. 3. Disponível em: <<http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/IM19080101.pdf>>. Acesso em: 01 Jun. 2018.

No Oeste Paulista e no Vale do Paraíba, a substituição da cana-de-açúcar pelo café influenciou a expansão das plantações, que com a abolição da escravidão passaram a carecer de mão-de-obra, influenciando, assim, a articulação entre os fazendeiros e o governo (que na prática formavam uma mesma entidade, já que a maioria exercia cargos políticos) para que se viabilizasse a vinda de estrangeiros para essa finalidade. A modernização dos portos do Rio de Janeiro e de São Paulo, e a expansão ferroviária no interior de São Paulo, sobretudo com as estradas de ferro Paulista, Mogiana e Sorocabana, são fundamentais para colocar em prática tais ações. A maioria desses empreendimentos ocorreu com organização e financiamento de cafeicultores, em uma articulação com seus aliados no comércio e nos governos locais. Vale ressaltar que diversas ferrovias surgiram na década de 1890 para beneficiá-los, visto que passavam na proximidade de suas terras, a fim de escoar o café produzido, facilitando o transporte para exportação.

Com a inauguração do cais do Valongo, no Porto de Santos, em 1892, esse panorama se dinamizou, e o estado passou a receber fluxo intenso de imigrantes, provenientes de diversos pontos da Itália e de outros países da Europa. Consequentemente, os portos italianos passaram a compartilhar as partidas com portos de outras nações.

Figura 11 – Fluxo dos portos da Europa para o porto de Santos em 1908.

Fonte: Revista O Imigrante, nº 1, janeiro de 1908. Disponível em: <http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/IM19080101.pdf>. Acesso em: 05 Jun. 2018.

Até o final do século XIX os principais núcleos coloniais paulistas eram os de Barão de Jundiaí, São Bernardo, São Caetano, Pariquera-Açu (em Iguape), Senador Antônio Prado (em Ribeirão Preto), Cascalho (em Rio Claro) e Canas (em Lorena), constituídos para suprir a deficiência de mão-de-obra decorrente do final da escravatura.

Além das colônias relacionadas às fazendas, houve tentativas do governo paulista em implantar núcleos coloniais no entorno de vilas, a fim de abastecê-las de alimentos e também para ocupar solos impróprios para o café. Os imigrantes se fixaram como pequenos proprietários de terras, produzindo arroz e outros gêneros alimentícios, como em Campos Sales (nas proximidades de Campinas), Jorge Tibiriçá (em Rio Claro), Sabaúna (em Moji das Cruzes), Rodrigo Silva (em Porto Feliz) e Quiririm (em Taubaté), esta última com 608 italianos no ano de 1907. Nesse período, as terras do Vale do Paraíba estavam se esgotando

do ponto de vista da produtividade, o que motivou o governo local a implantar núcleos coloniais, com a inserção de famílias imigrantes, entre 1885 e 1992, a exemplo de Quiririm.

A Colônia Agrícola de Quiririm foi fundada oficialmente em 1890, nas terras da Fazenda Quiririm, no âmbito do contrato firmado no ano anterior entre o proprietário, Francisco de Paula Toledo, e o governo brasileiro, por meio do Ministério da Agricultura. Cento e dezoito famílias italianas já viviam e trabalhavam na fazenda, e com a fundação da colônia chegaram cerca de quatrocentos imigrantes em 1891, provenientes da Itália e de outras fazendas do interior de São Paulo. Cada família recebeu um lote de terra e sementes de arroz, iniciando ali uma das maiores produções de rizicultura do Estado de São Paulo, ao lado do café e da batata.

Figura 12 – Planta do Núcleo Colonial de Quiririm.

Fonte: Arquivo Público do Estado (APESP).

Em 1925, Quiririm foi elevada a distrito, vinculado ao município de Taubaté. Além da produção agrícola, Quiririm se distinguiu pela existência de olarias, totalizando 19 fábricas entre 1892 e 1950, uma delas da família Indiani, o que favoreceu a produção de cerâmica e, conseqüentemente, a transição do pau-a-pique para a alvenaria nas construções. O casarão da

família Indiani foi erguido entre 1896 e 1903, constituindo um dos exemplos de moradia construída em alvenaria de tijolos, hoje aberta à visitação como Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Figura 13 – Casarão dos Indiani no início do século XX.

Fonte: Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Em Ribeirão Preto, os imigrantes italianos começaram a chegar no final do século XIX, atraídos pelo trabalho na lavoura cafeeira do Núcleo Colonial Antônio Prado, criado em 1887, que ganhou expansão com a implantação da linha férrea Mogiana. Diversos povoados se formaram no entorno das estações, entre eles Brodowski, que surgiu em decorrência da construção da estação homônima, em terreno doado pelo fazendeiro Lucio Eneas de Mello Fagundes à companhia Mogiana, no perímetro da propriedade de café. Aos poucos, famílias italianas da região do Vêneto começaram a se instalar nas proximidades, saídas da lavoura cafeeira em busca de novas oportunidades. Em 1894, com a inauguração da estação com armazém e pátio de manobras, o povoado se ampliou com a chegada crescente de novos italianos, como a família Portinari.

Figura 14 – Brodowski nos primeiros anos, desenho de 1933 de Candido Portinari.

Fonte: Projeto Portinari. Disponível em: <www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2766>. Acesso em: 16 Jun. 2018.

A partir de 1910 diversas indústrias deram impulso à economia de Ribeirão Preto. Com a queda do café, no final da década seguinte, a mão-de-obra estrangeira passou a cultivar cana-de-açúcar, milho, laranja, soja e algodão e a fundar olarias. A prosperidade dos anos seguintes estimulou famílias que vinham enriquecendo a se transferirem para a área urbana, que oferecia instalações mais modernas do ponto de vista do saneamento e da energia. Muitos italianos que enriqueceram compraram casas prontas, a exemplo da família Biagi, que adquiriu a residência de uma fazendeira da região. As plantas do imóvel foram assinadas pelo arquiteto-construtor Arnaldo Maia Lello, ítalo-descendente responsável por diversas construções ecléticas na capital paulista.

Figura 15 – Planta da fachada da Casa dos Biagi em Ribeirão Preto.

Fonte: Casa Memória Italiana/Site. Disponível em: <www.casadamemoriaitaliana.com.br/>. Acesso em: 16 Jun. 2018.

Na capital paulista, a imigração italiana assumiu outro perfil, atraindo operários para a construção civil, para as fábricas e para a indústria, além de intelectuais e artistas, que buscavam na clientela de elite melhores oportunidades de trabalho. Na metrópole em crescimento, enriquecida pela lavoura cafeeira no interior, os imigrantes italianos organizaram-se em vilas operárias e em bairros, como Bexiga, Brás, Mooca, Pompéia e Vila Romana, tradicionalmente relacionados à cultura italiana.

A respeito do bairro Vila Romana, que atualmente integra o distrito da Lapa, as terras outrora pertencentes ao alferes José Manuel Leitão, até então conhecidas como Mandi ou Campos do Pedreira, foram vendidas ao engenheiro italiano Luigi Bianchi Bertoldi nos primeiros anos da imigração italiana na capital paulista, que empreendeu o loteamento nominando-o em homenagem à sua terra natal, cujas ruas em dado momento receberam nomes de imperadores romanos, como Caio Graco, Camilo, Coriolano, Espártaco, Marco Aurélio, Tito, Vespasiano, entre outros. Habitado em sua maioria por italianos, o bairro guarda testemunhos de casas que resistiram ao tempo, à instalação de fábricas na década de 1950 e à especulação imobiliária das décadas seguintes, como a casa de Angelo Bortoli, construída em 1921, quando as ruas ainda não tinham demarcação. Com fachada de inspiração neoclássica, como muitas edificações da época, recentemente foi aberta à visitação como Casa Amarela, abrigando exposições temporárias e outras ações culturais.

Figura 16 – Vila Romana em 1936.

Fonte: Pinterest. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/371758144231353587/>>. Acesso em: 16 Jun. 2018.

Figura 17 – Casa Amarela na Vila Romana.

Fonte: Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/professor-da-usp-analisa-o-processo-de-urbanizacao-da-vila-romana/>>. Acesso em: 08 Jun. 2018.

Já a elite paulistana nessa época habitava palacetes de arquitetura eclética, rica em elementos que remetem a construções italianas. Alguns imigrantes italianos que enriqueceram com a indústria e o comércio, como os Matarazzo e os Scuracchio, viviam em edificações dessa natureza. Uma sobrevivente das sucessivas demolições que ocorreram na cidade para dar lugar a arranha-céus é o palacete de 1924 projetado pelo arquiteto italiano Filiberto Ranzini, que trabalhava no escritório de Ramos de Azevedo.

Figura 18 – Casa Ranzini em São Paulo.

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/pg/CasaRanziniOlharaArte/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

Figura 19 – Interior da Casa Ranzini com a função residencial.

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/CasaRanziniOlharaArte/>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

O escritório dirigido por Ramos e Azevedo foi um dos responsáveis pela promoção do ecletismo na arquitetura paulistana, tendo em seu corpo profissional arquitetos italianos que se ocuparam em diversos projetos construtivos na cidade, incluindo residências. A fundação do Liceu de Artes e Ofícios no final do século XIX, que teve em Ramos de Azevedo um de seus maiores propulsores, contribuiu com esse panorama, visto que também empregava mão-de-obra de italianos, que atuavam com serralheria, marcenaria, pintura e outras técnicas aplicadas aos espaços arquitetônicos e ao mobiliário de estilo para as residências. Assim, São Paulo estava bem provida de operários, artesãos, professores e arquitetos, em sua maioria imigrantes italianos que vieram para a metrópole.

Ao longo do século XX as entradas de imigrantes diminuíram acentuadamente até a eclosão das duas grandes guerras mundiais, quando, ao final da segunda, por volta de 1945, houve uma retomada da entrada de imigrantes, que escapavam do país bombardeado, da carestia e do Fascismo. Ao contrário daqueles que vieram no final do século XIX, o perfil profissional no pós-guerra era outro, a maioria alfabetizada, incluindo técnicos e universitários.

Nesse novo cenário, em 1946 chegaram ao Rio de Janeiro os italianos Lina Bo e Pietro Maria Bardi para a realização de mostras de arte italiana. No ano seguinte, mudam-se para a capital paulista, onde Lina projetou e construiu a residência do casal – a Casa de Vidro.

Figura 20 – Residência de Lina Bo e Pietro Maria Bardi em São Paulo, década de 1950.

Fonte: FRACALOSS, 2011.

Em direção à região Sul, a imigração italiana foi orquestrada pelo governo para povoar áreas desabitadas, cultivar alimentos para abastecer centros urbanos e salvaguardar fronteiras, além de substituir a mão-de-obra escrava. As características climáticas e geográficas locais se assemelhavam às da Itália, facilitando a realização de atividades de cultivo já conhecidas.

No Paraná, que havia recebido os primeiros imigrantes em 1816, de proveniência açoriana, a ocupação se deu de modo lento, computando apenas cinco colônias até 1869. Ao contrário de outras localidades do Império, que buscava na mão-de-obra imigrante a substituição da escrava na lavoura de exportação, na província do Paraná havia o interesse na agricultura de abastecimento, visto que o solo permitia a plantação de gêneros alimentícios, como mandioca, arroz, café, cana, milho, centeio, cevada, trigo, entre outros. Assim, o incentivo à imigração se deu com a concepção de colônias agrícolas no entorno de centros urbanos, a fim de atender ao mercado consumidor local e o excedente destinado à exportação.

Entre 1830 e 1860, a imigração alemã ocupou as cercanias de Curitiba, com alto crescimento demográfico e econômico decorrente das lavouras, o que estimulou novas ações de fomento à imigração, culminando na fundação de 26 novos núcleos e a captação de italianos para ocuparem áreas do litoral.

A colônia Alexandra, próxima a Paranaguá, foi a primeira a receber italianos em 1875, tendo como líder Savino Tripoti. O empreendimento, porém, durou menos de dois anos, vitimado pela má gestão administrativa, pelas condições degradantes em que viviam as famílias – em barracões insalubres –, e pelas moléstias que acometeram pessoas e plantações, gerando uma migração interna rumo a outros centros.

Tal cenário levou o governo local a criar, em 1877, a colônia Nova Itália, em Morretes, de modo a absorver o contingente da extinta colônia Alexandra e para receber novas levas de imigrantes italianos, que introduziu italianos provenientes de diversas comunas do Vêneto. Essa segunda colônia abrangia doze núcleos em vasta área litorânea, mas o empreendimento não atingiu seu potencial devido ao clima de desconfiança que se instalara na província e novamente pela má gestão, que não fornecia aos agricultores informações técnicas que otimizassem o aproveitamento do solo com as culturas vindas de fora. Das 2.500 pessoas que ocuparam a região, a maior parte migrou em direção ao planalto, restando poucos que se ocuparam do cultivo da cana-de-açúcar e da produção de aguardente, e de forma tímida de milho, feijão e café.

No planalto, alguns grupos se fixaram nas cercanias de Curitiba, mesclando-se a imigrantes de outras origens, à exceção daqueles que migraram para os núcleos Alfredo Chaves e Santa Maria do Novo Tirol, que atualmente correspondem aos municípios de Colombo e Piraquara, respectivamente, dominados por italianos. Até 1914 surgiram diversas colônias em todo o estado, computando mais de trinta mil italianos distribuídos por quatorze colônias, com produção agrícola de base familiar, além de vinte colônias mistas de alemães, poloneses, suíços, entre outros povos europeus.

A este estudo interessa particularmente a já citada colônia Alfredo Chaves, onde, em 1888, quarenta famílias conduzidas por um padre e provenientes de Bassano del Grappa, Cismon del Grappa, Marostica e Valstagna, da província de Vicenza, além de outras comunas vênetas, como Pádua, Treviso, Verona, Cremona, Belluno, Ceneda, Údine, Feltre e Veneza, receberam do governo provincial oitenta lotes de terra, sendo metade urbana e metade rural, a fim de constituir uma vila e uma zona de plantio. Dois anos depois, a localidade foi batizada de Vila Colombo, em homenagem a Cristoforo Colombo, navegador italiano que descobriu a América, um símbolo para aquela comunidade.

A ocupação local se deu primeiramente com a construção das moradias e o início das plantações para subsistência e comércio com as capitais das províncias. A comunidade se organizou tendo na religiosidade, na educação e no trabalho suas vertentes principais. A

religiosidade deveu-se não apenas pelo catolicismo enquanto religião comum a todos, mas pelo fato do grupo ter sido conduzido da Itália para o Brasil por um padre; a educação aparece como fator de preocupação, devido à quantidade significativa de crianças e o trabalho como a estrutura de desenvolvimento da economia local.

Os italianos levaram para Colombo saberes relacionados a diversos ofícios que dinamizaram a economia. Represaram o rio Tumiri e construíram o primeiro moinho de fubá com roda d'água; fundaram olarias, fábricas de louçaria, marcenarias, ferrarias, serrarias, pedreiras carrocerias, alfaiatarias e sapatarias, produziram salame e banha, uva e grapa. É nesse contexto que as famílias Mottin e Fracaro se estabelecem em Colombo, protagonizando uma de várias histórias que se perpetuam na antiga residência aberta à visitação pública, a Casa Eugenio Mottin – Memorial do Imigrante Italiano.

Figura 21 – Casa Eugenio Mottin em Colombo.

Fonte: Prefeitura Municipal de Colombo. Disponível em: <www.colombo.pr.gov.br/>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Em Santa Catarina, o primeiro núcleo de italianos foi formado em 1836, chamado Colônia Nova Itália, com trinta famílias da região italiana da Ligúria. Em 1877, um grande contingente proveniente de regiões do norte da Itália adentrou o estado, por meio das colônias elencadas nos próximos parágrafos, mas essa tentativa de colonização enfrentou diversas

dificuldades, como conflitos com os bugres que ocupavam a região, enchentes frequentes e epidemias de malária. Em 1901, a maioria já tinha migrado para outras colônias.

Em 1850, nasceu a colônia Blumenau, formada por alemães, mas que a partir de 1875 passou a receber grande número de italianos, instalados em diversas cidades, entre elas Ascurra, que preserva um dos museu-casa identificados neste estudo, a Casa Buzzi. Como a presença germânica dominava, restaram aos italianos áreas pouco férteis, onde cultivaram arroz, fumo e bicho da seda. Outras colônias formadas originalmente com imigrantes de outras origens passaram a receber italianos, como Dona Francisca, de 1849; Itajaí-Brusque, de 1856, com italianos a partir de 1875, sobretudo nos subdistritos de Brusque e Nova Trento, unidades que prosperaram, esta última particularmente ficando conhecida como centro de cultura italiana formada por trentino, vênnetos, lombardos e emilianos; e a Colônia Nacional de Angelina, de 1866.

No estado catarinense, a inserção de imigrantes europeus já acontecia desde o século XVIII com açorianos ocupando as cidades litorâneas e o planalto, de modo a atender às necessidades do setor militar e produtivo, este segundo voltado à exportação de produtos agrícolas pelos portos locais e às atividades pecuárias de apoio às levas de gado que transitavam entre o Rio Grande do Sul e Sorocaba. Mas havia uma grande extensão de terra a ser ocupada, tanto com o intuito de produção econômica, como de romper com o isolamento entre o litoral e o planalto por meio de estradas. Assim, a partir de 1829 o estado passou a receber levas de alemães, fixados em São Pedro de Alcântara, ao lado de poloneses, austríacos, russos e italianos, distribuídos em lotes no interior: Colônia Dona Francisca, com maioria alemã; Colônia Blumenau, no médio vale do rio Itajaí-Açu, com alemães, austríacos e italianos; Colônia Itajaí – Príncipe Dom Pedro, no vale do rio Itajaí-Mirim, com alemães, poloneses e italianos trentinos, estes últimos ocupando o Alto Vale do Rio Itajaí e o vale do rio Tijucas, dando origem aos distritos de Nova Trento e Porto Franco; e Colônia Azambuja – Urussanga, no vale do rio Tubarão, com italianos. A partir de 1875, uma nova leva de italianos no norte e do Tirol austríaco provocou o surgimento das Colônias Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros.

A dificuldade de integração entre os povos levou à formação de núcleos coloniais homogêneos, com predominância de alemães em Joinville, Blumenau, Brusque, e o isolamento de italianos no interior, em áreas rurais. Novas frentes de colonização foram formadas no sul do estado, com assentamento de italianos de origem veneta, lombarda,

trentina, friulana e da Emilia Romagna, que deram origem às cidades de Urussanga, em 1878, Criciúma, em 1880, Nova Veneza, em 1891, Orleans, em 1913, entre outras.

Nas colônias italianas isoladas foram erguidas casas semelhantes às construções italianas do século XIX, despontando hoje como marcos arquitetônicos. Essa herança cultural do norte da Itália é visível principalmente nas cidades de Nova Trento e Nova Veneza, que correspondem às colônias homônimas. Além das residências visitáveis, capelas e igrejas também se integram a esse acervo construído, muitas tombadas pelo IPHAN, no âmbito das Edificações e Núcleos Urbanos e Rurais relacionados com a imigração em Santa Catarina, e pela Fundação Catarinense de Cultura – FCC. Exemplo significativo está nas Casas de Pedra da Família Bratti.

Figura 22 – Casas de Pedra da Família Bratti em Nova Veneza.

Fonte: Infopatrimônio. Disponível em: <www.infopatrimonio.org/?attachment_id=44265>. Acesso em: 08 Jun. 2018.

No Rio Grande do Sul, a quantidade considerável de terras devolutas do Império apresentava um panorama favorável à entrada de imigrantes europeus para povoamento e aproveitamento do solo para cultivos diversos. O litoral e a campanha já estavam ocupados e com criação de gado rentável, mas na porção norte o vazio demográfico, associado à vasta zona de floresta, requeria providências imediatas.

Em 1824, imigrantes alemães já haviam se instalado nas margens dos grandes rios até o planalto. Entretanto, a diminuição do fluxo migratório da Alemanha, devido a

dificuldades de adaptação no Brasil fez com que o governo local buscasse nos italianos um modo de compensar essa lacuna. Assim, a partir de 1871 começaram a adentrar o território famílias provenientes de regiões do norte da Itália – Lombardia, Vêneto, Trentino e Friuli –, sendo encaminhadas para áreas montanhosas com densa floresta. Estabeleceram-se na zona da mata, na região dos campos de cima da Serra e na depressão central.

As primeiras colônias foram Dona Izabel e Conde D’Eu, correspondentes às atuais cidades de Bento Gonçalves e Garibaldi, respectivamente a primeira e a segunda colônias de imigração italiana no estado. Consistiam em lotes de terras relativamente pobres, com grande derrame de rochas basálticas, o que dificultou o povoamento e a implantação de culturas agrícolas.

A dificuldade de acesso às primeiras regiões, devido à precariedade das estradas e às fortes chuvas, também explica tais providências. Com a iminência da abolição da escravidão, foram criadas outras colônias, como São Marcos, Antônio Prado, Jaguari, Nova Prata, Nova Vicenza, Encantado e Nova Milano; outros núcleos acabaram sendo criados para atender à movimentação de pessoas nessa região, como Santa Cruz, Mont’Alverne e Santo Ângelo, dispersando em menor número por Nova Venezia, Vale Veneto, Nova Udine, Nova Padova, Nova Treviso, Monte Veneto, Nova Roma, Nova Bassano, Nova Bergamo, Nova Torino, Nova Sardenha e outros, em sua maioria recebendo denominações em alusão às terras de origem italiana.

A Colônia de Nova Milano foi fundada por Stefano Crippa, que aos 22 anos, recém-casado, deixou Monza na Itália em busca do *paese de la cucagna*²¹, que prometia terras, uma natureza rica em matérias-primas e oportunidades de trabalho. Em 1875, Crippa chegou à serra do Rio Grande do Sul acompanhado da mulher, Natalina Galiani, e de mais dois companheiros.

O sistema de colonização adotado seguia o modelo federal denominado *Walkefield*, que consistia na distribuição de lotes de terra, ferramentas, sementes e animais, além do fornecimento de subsídio financeiro para a alimentação no primeiro ano de trabalho. Em contrapartida, o colono teria que indenizar o governo em até cinco anos e prestar serviços na construção de estradas.

Nesta região os italianos passaram a viver da plantação de milho, trigo e outros produtos agrícolas, porém, a introdução do cultivo de vinho tornou a vinicultura a principal

²¹ País da abundância. Tradução livre do pesquisador.

economia local. Com a base agrícola, também expandiram sua atividade na produção de couro e têxteis. Em 1936, a localidade foi integrada ao município de Farroupilha.

Em 1876, os colonos ocuparam o Campo dos Bugres, que recebeu o nome de Fundos de Nova Palmira. Em meados de 1877, esse nome foi alterado para Colônia Caxias, a terceira colônia de imigração, que hoje corresponde à cidade de Caxias do Sul. Nesse mesmo ano, surgiu na região central a quarta colônia de imigração italiana, composta pelos municípios de Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca, São João do Polesine, Agudo e Restinga Seca. A criação dessa quarta colônia deve-se à chegada numerosa de italianos, o que exigiu seu encaminhamento para novos locais (DE BONI, 1987; 1990).

Figura 23 – Casas de madeira em Caxias do Sul.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

A maioria das ocupações iniciais era coberta por densa mata, a exemplo da floresta de araucária. Ao receberem seus lotes, os colonos abriam clareiras, cortavam madeiras e retiravam pedras de basalto ou arenito para a construção de casas, a fim de sanar a questão da moradia e iniciar o quanto antes o plantio de milho e trigo, visto que a economia desenvolvida era voltada para a subsistência, com apoio governamental limitado.

Esse histórico de ocupação em áreas caracterizadas por solo rochoso e de densa floresta explica a grande quantidade de casas de pedra e de madeira, muitas das quais encontram-se abertas à visitação como museus públicos ou no perímetro de propriedades

particulares engajadas em rotas turísticas, compondo um panorama dos mais interessantes que se expande entre as cidades.

Figura 24 – Casa da família Lucchese, década de 1960, atual Museu Ambiente Casa de Pedra em Caxias do Sul.

Fonte: Foto Hildo Boff. In: LOPES, 2015.

Durante o processo de ocupação, a cultura italiana foi difundida em colônias rurais e urbanas que deram origem aos municípios, em muitos dos quais as comunidades mantêm, mais de um século depois, fortes elos com seu passado histórico e com tradições do país de origem dos seus antepassados, presentes no dia-a-dia das pessoas e em espaços representativos do cotidiano repletos dessa memória coletiva, particularmente os museus-casas, apresentados no capítulo a seguir.

No decorrer da urbanização das cidades brasileiras, muitas casas de imigrantes italianos foram demolidas, restando poucos exemplares representativos da grande imigração que marcou o país entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX. Por ocasião do centenário da imigração italiana, cujas datas variam entre os municípios devido aos marcos históricos das colônias que os originaram, começou a tomar corpo um movimento de valorização das heranças culturais difundidas pelos italianos no Brasil, entre publicações históricas, estudos no âmbito das universidades, inventários de diversas naturezas e muitas festividades, que contaram, inclusive, com o apoio considerável dos círculos italianos locais, com o corpo consular e com entidades da Itália.

Conscientes da importância desse legado para as comunidades e para a sociedade brasileira como um todo, diversos grupos começaram a se articular nas últimas décadas do século XX para implantar medidas de salvaguarda ao patrimônio edificado do imigrante, a exemplo dos órgãos gestores e de proteção nas três esferas – municipal, estadual e federal. Algumas casas foram tombadas, ocorrendo, muitas vezes em paralelo, uma coleta de objetos para ambientá-las, compondo um patrimônio cultural composto por museus – entre eles museus-casas – e outros pontos de interesse histórico e turístico para os municípios.

2. Da casa ao museu-casa

Ao longo deste estudo, foram identificadas 28 casas abertas à visitação pública que abrigaram famílias italianas durante quase toda a sua existência enquanto moradia. Esses espaços começaram a ser inaugurados a partir das últimas décadas do século XX, no âmbito de ações de valorização do patrimônio cultural, que contou, em alguns casos, com a chancela de patrimônio histórico do IPHAN e dos demais órgãos de preservação estaduais e municipais. A partir da visibilidade dessas primeiras unidades, outras começaram a surgir no seio das comunidades, que viram a oportunidade de se fazerem representar por instituições museológicas ou, em se tratando de casas habitadas ou comerciais, de eventualmente abri-las à visitação pública, em ações de sustentabilidade e de articulação conjunta com programas turísticos.

Acerca dessas duas modalidades de espaços visitáveis – museus e residências –, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, regulamentada pelo Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013, tratou de fazer uma distinção entre museus e coleções visitáveis, definindo os primeiros como

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento²².

Na referida legislação, coleções visitáveis são definidas como conjuntos de bens culturais conservados por pessoa física ou jurídica, que não atendem aos requisitos técnicos que regulamentam os museus. Como exemplo, tem-se as mencionadas casas habitadas ou comerciais que promovem visitas.

Apesar da distinção, os programas de visitação tanto nos museus-casas como nas coleções visitáveis destacam as fases existenciais da edificação: a história da família por trás da habitação e seu contexto de chegada ao Brasil, o que explica as influências culturais sobre a moradia; a construção da casa com mão imigrante; a moradia de uma família italiana; a mudança de função, seja por abandono, desapropriação ou comercialização; a ressignificação por meio do planejamento da nova função; e a democratização dos espaços por meio da visitação, do engajamento com programas turísticos e outras ações culturais.

²² Texto integral disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

Para propiciar o entendimento da leitura desses espaços, este capítulo foi organizado de modo a compreender a arquitetura da habitação do imigrante italiano, com base em suas características formais, seguida de uma apresentação de museus casas e coleções visitáveis – considerando as fases evolutivas mencionadas no parágrafo anterior –, finalizando com reflexões acerca do processo de ressignificação desses espaços.

2.1. Arquitetura da habitação

Recuando temporalmente na concepção da casa enquanto residência, os exemplares das primeiras fases de ocupação do imigrante italiano no Brasil – da década de 1870 à década de 1920 – apresentam similaridades com modelos existentes na Itália, sobretudo com as casas rurais das regiões montanhosas. Os métodos construtivos conhecidos no país de origem foram adaptados a matérias-primas locais, como a madeira da floresta de araucária, a argila extraída da margem dos rios e a pedra basáltica presente em áreas rochosas, compondo uma variedade de soluções técnicas e formais.

As residências construídas posteriormente, em áreas urbanas, a partir da década de 1920, apresentam elementos iconográficos que também são encontrados em casas italianas do meio urbano, como frontões e colunas, no âmbito de um ecletismo em voga, sob influência do neoclassicismo, nas metrópoles em crescimento, a exemplo de São Paulo. Na capital paulista, esse estilo era apreciado pelos imigrantes italianos, “saudosos da pátria e sempre dispostos a homenageá-la” (SALVADORE, 2015, p. 96).

Como na chegada dos imigrantes não havia casas prontas, salvo em situações específicas no âmbito das fazendas de café, as primeiras se apresentavam como abrigos coletivos de madeira ou pau-a-pique, de vinte ou trinta metros quadrados, com cobertura em madeira, palha ou folhas. Posteriormente os barracões foram substituídos por casebres unifamiliares, na medida em que os imigrantes foram recebendo seus lotes de terra e se adaptando às condições locais, cuja construção ficava a cargo da própria família, que por vezes contava com o apoio da comunidade, em regime de mutirão. Os modelos mais simples costumavam ter seis por quatro metros quadrados, com uma porta e uma ou duas janelas, e cobertura com telhas de madeira lascada, denominadas *scandole*.

Figura 25 – Exemplo de telhado de *scandole* em casa italiana no Espírito Santo.

Fonte: FRANCESCHETTO, 2014, p. 526

Com o aumento da família, as pequenas casas de tábua passaram a ser substituídas por outras de materiais mais resistentes, como pedra ou tijolos artesanais, além da própria madeira sobre base de pedra. Os exemplares remanescentes foram construídos em alvenaria autoportante, isto é, cujas bases e paredes mais grossas sustentavam o conjunto sem necessidade de fundação.

Com o surgimento de olarias, o uso de tijolos se intensificou, a princípio com produção familiar, para então ganhar escala industrial. Soma-se o fato de as casas de madeira se deteriorarem com o tempo, requerendo manutenção constante, além do esgotamento dessa matéria-prima na paisagem natural, devido à ausência de políticas de reflorestamento. O tijolo produzido artesanalmente era moldado à mão e queimado em fornos improvisados ou secos ao sol, o que favorecia a confecção de peças em formatos especiais e para usos específicos, como nas cimalthas, onde se assentam os beirais do telhado, e no acabamento de vãos das aberturas das casas de pedra – portas e janelas –, muitas vezes rebocado com massa de barro e cal, ou barro e palha picada. Posteriormente, modelos industrializados passaram a ser empregados.

Na casa definitiva, a base de pedra semienterrada destinava-se a porão de uso múltiplo, abrigando depósito, cantina e oficina. O corpo de pedra, madeira ou tijolos destinava-se aos dormitórios, tendo uma sala de tamanho variável, que nos exemplares mais humildes se resumia a um corredor alargado de comunicação entre aposentos. Essa estrutura

interna podia compor dois pavimentos interligados por escada de madeira; três ou quatro pisos eram raros, mas tornaram-se comuns na medida em que as famílias enriqueciam. O sótão era usado tanto para o depósito de grãos, como se adequava a dormitório. Para a cobertura, de duas ou quatro águas, persistiu nas primeiras décadas o uso de *scandole*, vindo a ser substituído por telhas de barro ao longo do século XX.

As primeiras cozinhas eram separadas da habitação para proteger os dormitórios dos riscos de incêndio, devido ao material altamente inflamável da construção em contato com a lenha usada no preparo de alimentos. Com o crescente uso de tijolos esse ambiente foi se aproximando da casa, até sua completa integração, embora tenha permanecido como espaço autônomo, reflexo da importância desse aposento para as famílias italianas. Outras construções eram implantadas no entorno como apoio à rotina doméstica, como lavanderia, despensa e banheiro, além das relacionadas ao trabalho, como abrigos para animais, depósitos para a produção agrícola, forragem, equipamentos e lenha.

Os banheiros eram fossas afastadas da casa, devido à ausência de saneamento local. Com o tempo as fossas foram aproximadas do núcleo da propriedade, dentro de “casinhas”, como eram chamadas. Quando as cidades começaram a ser abastecidas com sistema de esgotamento sanitário, o banheiro adentrou o recinto doméstico.

Como a maioria dos imigrantes praticava agricultura de subsistência ou mantinha algum tipo de atividade comercial no perímetro da moradia ou dentro dela, as construções acumulavam funções, de vivenda a depósito. Quando não trabalhavam com agricultura, tinham um pequeno comércio caseiro, como armazém de secos e molhados, vinícola, marcenaria, ferraria, entre outros ofícios. As reformas e ampliações acompanharam as necessidades das famílias e os ganhos financeiros com o trabalho.

O fato de que muitos italianos se declararam agricultores, quando na verdade vinham de outros ofícios, explica-se devido à política governamental de cessão de terras a famílias que atuassem no cultivo da terra para a produção de gêneros alimentícios, para o cultivo do café que movia boa parte da economia e para a extração da madeira, o que camuflou inicialmente a verdadeira origem laborativa de muitos italianos. Com o estudo dos museus-casas e a história individual de seus antigos moradores, algumas dessas verdades se revelam.

Um primoroso tratamento artesanal foi aplicado tanto nas construções, como nos móveis e utensílios, resultando em moradias singulares. Com a mecanização crescente, elementos construtivos passaram a ser padronizados, ganhando características ornamentais,

como lambrequins de madeira ou chapa de zinco contornando o telhado e balcões das varandas com composições variadas.

Na terra de origem, as pessoas residiam em pequenas vilas e se deslocavam para o campo para trabalhar, quando não moravam no perímetro de propriedades agrícolas, e suas residências dispunham de depósitos de materiais, de grãos e abrigos de animais. No Brasil o mesmo ocorreu nas áreas rurais, e a vida se organizou em propriedades auto-suficientes e um tanto distantes umas das outras. Com o crescimento dos povoados e vilas, as casas passaram a ficar mais próximas.

Considerando estudos existentes acerca das fases evolutivas das casas de famílias italianas no Brasil (FLORIANO, 1990; LEMOS, 1990; MUNIZ, 1997; e POSENATO, 2004), os especialistas convergem na classificação das construções de acordo com os períodos que marcaram a imigração e os respectivos sistemas de fixação do homem, cuja cronologia dialoga com a relação entre adaptação, tradição e modernidade.

A primeira década, a partir de 1874, é apontada como de adaptação ao ambiente natural, marcada pela arquitetura de pequenos proprietários nas antigas colônias, com edificações vernaculares temporárias. A segunda fase, até o final do século XIX, compreende edificações permanentes, quando a propriedade já proporcionava sustento à família, embora ainda construídas de modo vernacular, sem vidro nas janelas e melhorias que só viriam a ser implantadas no início do século XX; soma-se a esse segundo panorama a fixação de imigrantes em fazendas de café e emprego nas ferrovias, com produção arquitetônica em povoados e vilas.

A terceira fase, nas primeiras décadas do século XX, nasce do florescimento econômico da região, e os imigrantes buscaram na arquitetura um meio de afirmação identitária e cultural, aliada a conforto e segurança. Multiplicaram-se os pavimentos das casas, chegando a quatro andares, com emprego de materiais industrializados como vidros e telhas de barro, zinco ou ferro galvanizado. Apesar da constituição permanecer austera, surge uma preocupação com os ornamentos. O período também foi marcado pela aquisição de casas prontas, que apresentavam certo luxo, por parte de imigrantes que prosperaram economicamente em municípios emancipados.

É importante ressaltar que, ao longo dessas fases, a base da arquitetura se manteve artesanal, contando com mutirões entre famílias e vizinhos de mesma origem étnica, em uma constante adaptação aos materiais encontrados no entorno imediato. Soma-se as más condições das estradas, que dificultavam a circulação de bens e materiais de construção.

Mesmo com o acesso a materiais industrializados, as técnicas manuais se mantiveram predominantes, com diversidade de soluções.

Do denominado ciclo de prosperidade da imigração italiana, entre 1875 e 1950, as casas apresentam características mais elaboradas, tanto do ponto de vista do projeto habitativo, quanto de estilo. Após a década de 1950, as casas dos italianos deixaram de ser distinguidas em função de suas características etnológicas, pois incorporaram as características formais – construtivas e estilísticas – do processo de urbanização, muitas vezes motivado pela especulação imobiliária. Com o amplo processo de urbanização das cidades a partir de meados do século XX e a consequente demolição de construções remanescentes da ocupação imigrante, os exemplares que chegaram até os dias atuais sobreviveram pela intenção clara de preservar esse legado, tanto por razões históricas como econômicas. A primeira motivação deve-se à preocupação das comunidades em manter vivas suas heranças culturais, vistas sob a ótica identitária; a segunda, pelo potencial turístico que alimenta a economia de diversas regiões.

Nos núcleos urbanos, a construção se resumia à residência, que podia ser mais elaborada do ponto de vista estético, mas com estruturas secundárias reduzidas, adequada aos lotes de menores dimensões e considerando que não havia a necessidade de uma estrutura produtiva de apoio.

Entre os anos 1940 e 1960, com a progressiva mudança da economia baseada no sistema rural familiar auto-suficiente para a industrialização, que promoveu o êxodo rural e a concentração da população nos núcleos urbanos, a casa diminuiu de tamanho e perdeu a imagem simbólica de superação do imigrante frente a um ambiente inóspito, passando a ser basicamente local de moradia. Esse panorama foi reforçado pela política nacionalista do então presidente da república Getúlio Vargas, que acabou reprimindo a cultura regional de matriz italiana, fortemente influenciada pela posição da Itália fascista na Segunda Guerra Mundial. Até então as comunidades de imigrantes italianos se mantinham culturalmente fiéis às suas origens e, de certo modo, resistentes à absorção dos costumes luso-brasileiros. Nessa fase houve uma perda do ponto de vista das tradições, com reflexos evidentes para a arquitetura, já que foram destruídas diversas construções de herança vernacular, substituídas por modelos que estavam em voga, particularmente nos estilos Déco.

Também surgem nessa fase casas pré-fabricadas de produção serial, com plantas básicas que ofereciam a possibilidade de adaptações de acordo com a topografia e o gosto, como o número de quartos (de dois a três) e os ornamentos. Esses modelos foram

popularizados nas classes modestas por custo relativamente baixo e razoável conforto, atendendo, ainda, à explosão populacional nas cidades que criava problemas de espaço e infraestrutura, e à abertura de edificações de caráter comercial.

Na metrópole paulistana, a presença de arquitetos, artífices e artistas italianos influenciou a iconografia das construções e a decoração dos ambientes na primeira metade do século XX. A influência estilística no Neoclassicismo norteou muitas das construções ecléticas, e os exemplares que sobreviveram à urbanização e à especulação imobiliária da segunda metade do século XX testemunham esse panorama. Com a inserção de outros materiais na construção civil, como concreto armado, aço e vidro, a cidade vai assumindo outro aspecto, o de metrópole.

Seguindo o olhar dos mencionados especialistas, este estudo organizou uma apresentação de alguns museus-casas considerando os métodos construtivos de suas edificações, expondo os processos de transformação de residências a museus e de ressignificação de acervos, no âmbito de ações educativas e de turismo cultural.

Representativos de edificações construídas com métodos vernaculares adaptados a matérias-primas locais, tem-se em sequência uma casa de pau-a-pique, no Espírito Santo; casas de madeira com base de pedra no Paraná e no Rio Grande do Sul; construções de pedra aparente no Rio Grande do Sul; casas de tijolos artesanais em alvenaria autoportante em Santa Catarina e São Paulo.

Representativos dos centros urbanos em crescimento, o estudo se debruça sobre edificações em que predominam tijolos, associados a outros materiais, em Ribeirão Preto e na capital paulista, remanescentes da década de 1920, fruto do encontro da indústria com a construção civil. E da fase tardia da imigração italiana na capital paulista, no pós-guerras, uma casa de vidro, aço e concreto armado.

Após décadas de urbanização e transformações políticas, econômicas e sociais, as heranças culturais materializadas na arquitetura são visíveis na paisagem, onde as casas dos italianos são facilmente identificadas em contraste com as edificações dos imigrantes alemães, que empregavam a técnica do *enxaimel*²³ nas construções; dos poloneses, com sua técnica *blockbau*²⁴, dos luso-brasileiros, enfim, cada etnia com suas particularidades, embora tenham havido miscigenações, intersecções culturais e arquiteturas híbridas. A presença dessas casas

²³ Antiga técnica construtiva de estrutura aparente, com ripas de madeira encaixadas entre si, com vãos preenchidos por tijolos. Definição livre do pesquisador.

²⁴ O sistema *blockbau* compreendia a construção de paredes com troncos de madeira superpostos e encaixados em posição horizontal.

demonstra a força desse legado, figurando muitas vezes como sobreviventes ao crescimento das cidades, à especulação imobiliária e aos arranha-céus, a exemplo da antiga casa da família italiana Lucchese, hoje Museu Ambiente Casa de Pedra, em Caxias do Sul.

Figura 26 – Museu Ambiente Casa de Pedra na área urbana de Caxias do Sul.

Fonte: Portal Guia Caxias do Sul. Disponível em: <www.guiadecaxiasdosul.com/atrativos-turisticos/categoria/la-citta/museu-ambiencia-casa-de-pedra-41>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

Figura 27 – Casa do Imigrante Alemão Carl Weege, que integra a Rota do Enxaimel em Pomerode.

Fonte: Rota 23. Disponível em: <www.rota23.com/blog/2018/4/11/pomerode-descobrindo-a-cidade-mais-alem-do-brasil>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Figura 28 – Casa polonesa no Bosque do Papa, em Curitiba.

Fonte: Curitiba Space. Disponível em: <<http://curitibaspace.com.br/bosque-do-papa-bosque-estadual-joao-paulo-ii/>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Figura 29 – Museu Etnográfico Casa dos Açores em Biguaçu.

Fonte: Fundação Catarinense de Cultura. Disponível em: <<https://biguanews.com.br/museu-etnografico-casa-dos-aco-res-recebera-projeto-de-r-225-mil/>>. Acesso em: 06 Jun. 2018.

2.2. Museus-Casas e Coleções Visitáveis no Brasil

2.2.1. Casa Lambert

Originalmente isolada na paisagem natural, como visto na figura 9, a Casa Lambert de 1876 é testemunho do esforço de adaptação do italiano à região que o recebera, caracterizada por vales e montanhas de mata fechada, e o emprego de recursos extraídos da natureza. Também reflete uma tradição construtiva adaptada ao novo ambiente, pois a região de origem da família, o Trento, é repleta de casas nos flancos das montanhas, relacionadas a criação local de cabras e bois e a atividades de extração da madeira de pinheiros. A casa brasileira foi erguida em um vale, na técnica do pau-a-pique, aproveitando a madeira das araucárias e a argila das margens do rio Timbuhy. Para a base da casa, pedras foram retiradas da região, enquanto as paredes foram estruturadas com ripas de madeira e taipa de mão nas vedações, e telhado de tábuas de madeira, as já mencionadas *scandole*.

Figura 30 – Casa Lambert em Santa Teresa, 1982.

Fonte: Biblioteca IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=438802&view=detalhes>>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

Em 1875, o viúvo Giovanni Virgilio Lambert, de 37 anos, sua filha Erminia Clotilde, de três anos, e seu irmão Domenico Antonio, de 41 anos, saíram de Centa San Nicolò, comuna da região do Trento, no norte da Itália, com destino ao Brasil, adquirindo um lote de terra na Colônia Timbuhy, no Espírito Santo.²⁵

Virgilio trabalhava como marceneiro na manutenção de navios em portos europeus, enquanto Antonio frequentava a Academia de Belas Artes de Veneza, laureando-se como pintor e escultor. Empreendedores, os Lambert migraram para o Brasil com o intuito inicial de fazer fortuna na extração de madeira, e suas experiências profissionais favoreceram a construção da moradia com o uso da matéria-prima local.

As casas de taipa eram comuns no Brasil, mas desconhecidas na Itália. Provavelmente os Lambert tomaram conhecimento da técnica assim que chegaram à colônia, visto que muitos dos barracões temporários que abrigavam os recém-chegados eram assim constituídos. Após o período de desbravamento, as casas temporárias de pau-a-pique ou madeira eram substituídas por outras mais resistentes, o que não ocorreu com a Casa Lambert, remanescente da primeira fase de ocupação da colônia Timbuhy, e que foi integrada ao contexto urbano do município de Santa Teresa.

A Casa Lambert é a materialização dos esforços de preservação da cultura de origem em um contexto de adaptação, com soluções plásticas que marcam sua presença na paisagem. Ainda que o método construtivo não corresponda aos empregados no Trento italiano, os aspectos formais e os hábitos tradicionais no uso dos espaços imperaram, ligando a casa no Brasil simbolicamente à casa-natal italiana.

O passado, as origens culturais e o sonho de uma vida melhor vivem na nova casa do imigrante italiano. Seus projetos de vida, deuses domésticos, valores e, enfim, a sua cultura se refletem na sua arquitetura nas novas terras. A dualidade entre o adaptar-se ao novo e preservar a memória e a própria identidade permanece na arquitetura. A organização do espaço, a estrutura, os materiais usados na construção mostram a mistura das lembranças do passado e os condicionamentos do novo meio (MUNIZ, 1997, p. 17).

A preservação da casa pioneira com o método construtivo original a destaca como testemunho único das práticas que os italianos realizaram em terras brasileiras, que incluíram o aperfeiçoamento da taipa de mão para deixá-la mais sólida e o sistema de vedação com um gradeamento reforçado, com ripas de madeira na diagonal, que proporcionaram maior estabilidade às paredes, contribuindo com a sobrevivência da estrutura por mais de cem anos.

²⁵ Família Lambert registrada sob nº 19339 no Projeto Imigrantes Espírito Santo. Disponível em: <<http://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Figura 31 – Casa Lambert, detalhe da estrutura de pau-a-pique.

Fonte: Muniz, 1997, p. 124-125.

Internamente, a edificação foi estruturada em três pavimentos, o térreo com sala e dois dormitórios, além de cozinha localizada em construção anexa, de formato circular, ao modo trentino; no primeiro andar, cujo acesso se dava por escada removível, mais dois dormitórios e uma segunda escada de acesso ao sótão. A escada portátil foi projetada para impedir o acesso de animais selvagens, visto que a casa fora construída entre densa floresta, e à noite era retirada para que todos dormissem em segurança.

Ao longo dos anos, a casa sofreu algumas modificações, como a substituição do telhado de madeira lascada – *scandole* – por zinco, a caiação das paredes nos ambientes internos, a aplicação de assoalho sobre o piso de barro e a demolição do volume circular que constituía a pequena cozinha externa, que seguia um modelo trentino, com fechamento do vão com pedras. Foi construído um novo anexo na lateral oposta, de tijolos, em formato retangular, para abrigar a nova cozinha, além de um banheiro e uma área de serviço nos fundos, destinada aos trabalhos manuais que os irmãos desenvolviam.

O uso abundante de madeira é visível na estrutura das paredes, no piso, nos móveis e objetos. As janelas, de duas folhas, abrem-se para o lado de fora da casa, a fim de não ocupar o espaço interno dos ambientes, em contraponto a outras casas, que se abrem para dentro. As técnicas no emprego da madeira foram transmitidas de pai para filho, dando continuidade ao trabalho de marcenaria. Muniz aponta (MUNIZ, 1997) que essa herança constitui na atualidade um legado significativo que exalta os marceneiros ítalo-descendentes como os melhores do Espírito Santo.

Figura 32 – Plantas da Casa Lambert antes e após as modificações.

Fonte: MUNIZ, 1997, p. 140.

Figura 33 – Lateral da casa sem a cozinha anexa, fechada por pedras.

Fonte: MUNIZ, 1997, p. 140.

Em 1899, um dos irmãos, Antonio Lambert, construiu uma capela em frente à casa, de alvenaria de pedra e barro e cobertura de *scandole*, também substituído posteriormente por zinco. O pequeno templo foi erguido em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, vindo a abrigar imagem homônima esculpida por ele, o que flagra a fé católica da família. O interior exhibe pinturas com motivos sacros e esculturas de santos, além de altar, balaústres e bancos executados por ele e seu irmão. Com as transformações urbanísticas, a construção de uma rodovia cortou o terreno e separou o pequeno templo da casa, o que não impediu que uma das descendentes ministrasse com regularidade aulas de catequese para as crianças da região.

Figura 34 – Capela Nossa Senhora da Conceição e Casa Lambert separadas pela rodovia.

Fonte: Google Street View. Disponível em: www.google.com.br/maps/@-19.9334805,-40.6044584,3a,60y,222.27h,90.98t/data=!3m6!1e1!3m4!1splHzpd_Ozm7vNxgETyBaBA!2e0!7i13312!8i6656. Acesso em: 12 Jun. 2018.

Figuras 35 e 36 – Capela de N. Senhora da Conceição, de onde se vê a Casa Lambert.

Fonte: Revista Vitruvius e Google Maps. Acesso em: 19 Out. 2017; e Google Maps. Disponível em: Acesso em: 03 Jun. 2018.

Em 1985, o Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo tombou juntamente casa, capela e algumas peças de imaginária sacra de autoria dos Lambert, com registro nos livros de tomo histórico e de belas artes²⁶. Mas a residência permaneceu habitada até 2007, quando foi adquirida pela prefeitura para ser transformada em equipamento cultural. A articulação com a família para desapropriação do imóvel visava preservá-lo, pois a continuidade do uso residencial colocava em risco a conservação predial, que dava sinais de deterioração que suscitavam intervenção especializada, devido também a trepidações decorrentes da passagem de caminhões e outros veículos motorizados na rodovia. Em 2010 casa e capela foram restauradas e desde 2011 estão abertas à visitação, sob gestão da Secretaria Municipal de Turismo, em parceria com o Circolo Trentino local.

Enquanto casa pertencente a um fenômeno migratório ocorrido há mais de um século, celebrou esse acontecimento no discurso oferecido aos visitantes e no modo como se apresentou para a sociedade, com o termo “imigrante” incorporado ao seu nome. A casa vem sendo apresentada como memorial da família e dos imigrantes italianos que fazem parte da história local, da colônia que deu origem ao município e dos valores culturais enraizados na comunidade, muito ligados à religiosidade.

Figura 37 – Casa Lambert, dias atuais.

Fonte: Fonte: Revista Vitruvius. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/07.082/5001>. Acesso em: 19 Out. 2017.

²⁶ Tombamento disponível na resolução CEC nº 07/85, disponível em: <https://secult.es.gov.br/Containers/Item/Display/5291>. Acesso em: 10 Mai. 2018.

Figura 38 – Placa antiga da Casa Lambert.

Fonte: Rotas Capixabas. Disponível em: <www.rotascapixabas.com/tag/casa-do-lambert/>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

Em 2015, a Prefeitura Municipal de Santa Teresa sancionou uma lei²⁷ que dispõe sobre a criação da Casa de Memória “Casa Lambert”. Tratou-se de mais uma ação de proteção patrimonial, oficializando o escopo da missão do espaço cultural, vinculando-a à memória da família Lambert e da imigração italiana no município. Tal iniciativa é de grande importância, pois assegura que a casa não seja destinada para outros fins, visto que o tombamento de 2010 a protege do ponto de vista físico, mas não conceitual.

Art. 5.º A Casa Lambert terá como objetivos:

I - promover a proteção e difusão dos valores culturais presentes no município, principalmente os relacionadas a imigração italiana, datada do final do século XIX;

II - proteger e informar sobre a importância arquitetônica da construção uma vez que apresenta-se como uma das primeiras moradias existente até dias atuais no município e pelas técnicas construtivas peculiares empregadas na edificação.

III - informar sobre a história da Família Lambert, inicialmente formada por imigrantes italianos que imigraram para Santa Teresa em busca de melhores condições de vida.

IV - proteger e abrigar os diversos bens doados pela família Lambert para ilustrar e contar a história da imigração e da família.

A mencionada lei também prevê a possibilidade de parcerias com entidades privadas e do terceiro setor, viabilizando a atuação do Circolo Trentino de Santa Teresa, que atualmente realiza a gestão do museu.

Na comunicação visual da exposição, o primeiro ambiente destaca a casa acolhedora, com imagens da residência em diversos momentos, informações técnicas sobre a construção e as influências trentinas, os conhecimentos adaptados ao novo ambiente, e um destaque para o significado desse lar para a família que nele habitara. Mais do que um abrigo físico, a casa

²⁷Lei nº 2.622/2015, disponível em:

<www3.camarasantateresa.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/image/L26222015.pdf>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

expressava o sonho de uma nova vida, alicerçado em valores culturais e na memória afetiva da terra natal.

Diferentemente da maioria dos museus-casas, a ambientação original não foi preservada ou reconstituída para representar uma residência tradicional, com os espaços úteis mobiliados de acordo com suas funções. Em alguns ambientes, optou-se por uma interpretação inusitada para sensibilizar os visitantes, com um poema ilustrado que mescla história e memória afetiva, transportando os visitantes para os acontecimentos que cercaram a vida dos protagonistas, em um processo de apelo às sensibilidades para torná-los coadjuvantes em uma viagem no tempo.

Figura 39 – Expografia da Casa Lambert: a casa acolhedora.

Fonte: Prefeitura de Santa Teresa. Disponível em: <https://santateresa.es.gov.br/site/espaco_cultural/casa_lambert/1>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

A narrativa poética aborda a saga dos italianos que ali viveram, apresentando, além de textos, a árvore genealógica da família, informações da região italiana de origem, fotografias, correspondências e objetos pessoais doados pelos descendentes.

Figuras 40 e 41 – Expografia da Casa Lambert: a chegada em terras brasileiras e a ocupação do território.

Fontes: Prefeitura de Santa Teresa; Circuito Turístico Caravaggio. Disponíveis em: https://santateresa.es.gov.br/site/espaco_cultural/casa_lambert/1; www.facebook.com/CircuitoCaravaggio/photos/a.479170968899675.1073741827.127718440711598/479171245566314/?type=3&theater. Acesso em: 02 Jun. 2018.

O empreendedorismo dos irmãos Lambert também é destacado na expografia por meio do tear manual e de outros itens relacionados à sericicultura, atividade que Virgílio implantou nos fundos da sua propriedade, após receber por carta, de seu irmão Michele que

permaneceram no Trento, ovos do bicho-da-seda e sementes de amoreira. As folhas dessa árvore nutrem as lagartas que saem dos ovos, que por sua vez produzem os casulos que geram as fibras a serem trabalhadas no tear. A Itália entrara na rota da seda vinda do oriente por volta do século XIV, a partir de Gênova e Veneza, e no século XIX contava com produção na Toscana e em outras regiões do norte, como o Trento.

“Partindo daí ele fez o seu próprio instrumento pra desfiar o casulo com todo contentamento e fez os fios de seda com todo o regulamento”, narra o poema na museografia, que também expõe o tear manual construído e usado por Virgílio, alguns fios de seda e certificados de premiação no exterior, incluindo menções honrosas recebidas em Berlim e Paris, em 1889. Houve uma tentativa frustrada de obter recursos do governo brasileiro, e a atividade não vingou devido a limitações financeiras.

Figuras 42 e 43 – Expografia da Casa Lambert: a produção da seda.

Fonte: Circuito Turístico Caravaggio. Disponível em: <https://www.facebook.com/CircuitoCaravaggio/photos/a.479170968899675.1073741827.127718440711598/479171208899651/?type=3&theater>. Acesso em: 02 Jun. 2018; Blog Por aí – Dicas de viagem. Disponível em: <https://poraidicasdeviagem.wordpress.com/2018/05/03/casa-lambert-uma-das-primeiras-moradias-de-santa-teresa/>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

Esse acontecimento já era destacado pelos descendentes na ambientação da casa quando ainda era habitada, com a exposição desses objetos na sala de estar, ao lado de esculturas religiosas entalhadas de autoria de Antonio e Virgílio.

Além de diversas esculturas em madeira, a maioria de temática religiosa, os irmãos Lambert deixaram aos seus descendentes livros antigos e prêmios pelo cultivo do bicho-da-seda, entre estes uma Menção Honrosa da Exposição Universal de Paris, de 1889. Nas paredes da sala estão expostos dois diplomas de Antonio Lambert e o

certificado da República Francesa conferindo ‘Mention Honorable’ a Virgílio Lambert (MUNIZ, 1997, p. 140).

Figura 44 – Expografia da Casa Lambert: a religiosidade.

Fonte: Circuito Turístico Caravaggio. Disponível em: www.facebook.com/CircuitoCaravaggio/photos/a.479170968899675.1073741827.127718440711598/479171135566325/?type=3&theater. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Acerca da religiosidade, o poema na expografia revela que uma das italianas que viera no grupo dos Lambert para a colônia Timbuhy trouxera de sua terra-natal uma imagem de Santa Teresa, e que em 1891 dera nome ao município.

Dia 15 de outubro fizeram um agrupamento / das barracas existentes naquele acampamento / e à sombra do Pau Peba deu-se o acontecimento. / Foi à hora do angelus começou a oração / pois esses imigrantes tinham muita devoção / com muito, muito cuidado prestaram toda atenção. / Maria Madalena A. Armini, devota de Santa Teresa / colocou a imagem da Santa com muita fé e firmeza / trazida de sua pátria disto todos têm certeza.

Essa história é compartilhada pela Câmara Municipal de Santa Teresa, que guarda testemunhos escritos de antigos moradores. Era comum escreverem diários, como fez Virgílio Lambert. Um desses testemunhos corrobora a versão poética da Casa Lambert, registrando que após a derrubada das árvores para a instalação das casas, os habitantes do povoado se reuniram para rezar coletivamente na clareira, quando o sol iluminou uma das cavidades de uma árvore próxima, revelando um pequeno nicho natural, onde foi colocada uma imagem de Santa Teresa. A partir de então, todos as tardes os fiéis se reuniam em frente ao oratório para

rezar ave-marias, local que em data ignorada foi construída uma capela, substituída em 1925 pela Igreja Matriz.

Os únicos ambientes recompostos de acordo com suas funções foram a cozinha e a oficina, dada a importância de tais espaços para os antigos moradores. Na cozinha, o forno a lenha e os utensílios são identificados com as respectivas denominações no idioma de origem, documentando um pouco do dialeto trentino. O local também exibe um vídeo sobre os Lambert pioneiros, a partir de testemunhos de seus descendentes, integrando a memória oral ao patrimônio preservado.

Figuras 45 e 46 – Fogão e utensílios. Casa Lambert.

Fonte: Google Maps; Blog Fuxicos de viagens. Disponível em: www.google.com.br/maps/place/Casa+Lambert/; www.fuxicosdeviagens.com.br/2018/04/santa-teresa-es-primeira-cidade-colonizacao-italiana-brasil.html. Acesso em: 03 Jun. 2018.

Na oficina localizada no quintal, onde os irmãos produziam esculturas e peças utilitárias, podem ser vistos instrumentos de trabalho. Esse testemunho é importante para registrar, a partir dos Lambert, que muitos italianos que vieram para o Brasil tinham um perfil diverso da maioria de camponeses que colonizaram a região.

Figura 47 – Oficina dos irmãos Lambert.

Fonte: Rotas Capixabas. Disponível em: <<http://www.rotascapixabas.com/tag/casa-do-lambert/>>. Acesso em: 04 Jan. 2018; Blog Indas e Vindas. Disponível em: <<https://www.idasevindasblog.com/o-que-fazer-em-santa-teresa-es/>>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

Na Sala dos Ofícios, o museu projeta imagens de trabalhos realizados pelos irmãos Lambert e oferece oficinas para a comunidade, um modo de despertar o interesse dos munícipes para fazeres tradicionais. É importante salientar que a presença dos equipamentos de trabalho nos museus-casas simboliza a importância do empreendedorismo para o italiano, afinal esta foi a principal razão de sua migração para o Brasil.

Na Casa Lambert, a construção do discurso considera diversas temporalidades ao narrar – de modo poético – o percurso inerente à migração entre a cidade natal e a cidade de destino, o processo de construção da casa e suas transformações ao longo do tempo, os acontecimentos que marcaram as vidas dos moradores, tendo como referenciais materiais os objetos. Assim, a racionalidade na concepção na expografia busca tocar a sensibilidade do visitante, que imerge em uma poética de imersão, deslocando-o no tempo e no espaço, como no devaneio que Gaston Bachelard aborda em *A poética do espaço* (2008, p. 26):

Abordando as imagens da casa com o cuidado de não romper com a solidariedade entre a memória e a imaginação, podemos esperar transmitir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove em graus de profundidade insuspeitados. Pelos poemas, talvez mais que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa.

Notadamente, esse tipo de experiência imersiva é favorecido em um museu-casa, que traz a residência como um mergulho sensorial em vivências pessoais ao tocar no aspecto da intimidade, promovendo empatia em quem o visita. As memórias do outro acabam despertando as memórias dos visitantes, que vão relacionar objetos comuns, fatos cotidianos e histórias de famílias às suas próprias vidas.

Saindo da Casa Lambert, o visitante é estimulado a seguir o Circuito Caravaggio, rota turística que compreende cantinas, fábricas, vinícolas, pontos de interesse cultural e religioso, além da paisagem local, proporcionando uma imersão na história da cidade e na cultura italiana ali difundida. O circuito movimenta a economia do município, atraindo milhares de pessoas por ano. O museu-casa se integra ao percurso, que recebe o nome em homenagem à Virgem de Caravaggio, uma das maiores devoções dos italianos que migraram ao Brasil.

A Casa Lambert também se engaja em outra rota turística, o Caminho do Imigrante, que anualmente perfaz o percurso entre as cidades de Santa Teresa e Santa Leopoldina, outrora colônias Timbuhy e Porto do Cachoeiro, destacando os deslocamentos realizados pelos italianos entre ambas. É um dos vários momentos de celebração que ocorrem na cidade

durante de todo o ano, ao lado da Festa do Imigrante Italiano e do evento gastronômico A Itália é aqui.

Figura 48 – Circuito turístico Caravaggio em Santa Teresa.

Fonte: Blog Cidade de Santa Teresa. Disponível em: <<http://cidadessantateresa.com.br/circuito-caravaggio/>>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

Figura 49 – Apresentação da *tarantella* em Santa Teresa, 26ª Festa do Imigrante Italiano, 2017.

Fonte: Secretaria de Estado de Turismo do Espírito Santo. Disponível em: <<https://setur.es.gov.br/Not%C3%ADcia/xxvi-festa-do-imigrante-italiano-anima-santa-teresa>>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

Na Festa do Imigrante de Santa Teresa, as casas se “vestem” com as cores da bandeira italiana, e os adereços podem ser vistos por todo o município. Um grande cortejo formado por carros alegóricos traz cenários alusivos à chegada dos italianos, como o caminhão que simula um navio, além de representações de salumerias, de vinícolas, no âmbito da produção de alimentos que deu impulso à economia da região. Desfile de trajes típicos e apresentações da *tarantella* são pontos fortes do espetáculo, que conta com sonorização de músicas italianas consideradas tradicionais.

Comparando com festas similares que ocorrem em cidadezinhas da Itália, a dinâmica é a mesma, repleta de teatralidade, à exceção do excesso de cores da bandeira italiana presentes no evento de Santa Teresa, ao passo que na Itália as roupas tradicionais se preservam fiéis na composição, nas cores e nos ornatos, característica que distingue as comunidades entre si. As coreografias da *tarantella* também apresentam variações entre as localidades, cada uma com seus passos característicos.

2.2.2. Museu Casa Zinani

O Museu Casa Zinani integra um complexo privado da família que lhe dá nome, originalmente grafado Zinanni, mas alterado no Brasil como ocorreu com muitos sobrenomes. O espaço museal na antiga residência está articulado ao Café Colonial, instalado no andar térreo, e a outras edificações externas, a Pousada Memorial d'Itália, a Fontana dell'Amore, o Belvedere Colassion e o Parreiral del Colassion.

Antes isolada na paisagem, em um lote da Terceira Léguas da colônia Caxias, cujo povoado começou a ser formado em 1892 com vênets, a casa aberta à visitação permanece em área afastada da zona urbana, cujo acesso se dá pela Estrada do Imigrante. A área é protegida pelo Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural (COMPAHC), no âmbito de Zona de Interesse Turístico²⁸.

A família Zinani chegou no Brasil em 1898, composta por Amedeo, sua esposa e quatro filhos, procedentes de Fanano, comuna de Modena, na região Emilia-Romanha. Após alguns meses vivendo em outra localidade na zona rural de Caxias do Sul, construíram em São Pedro da Terceira Léguas – atualmente bairro do referido município – uma casa que

²⁸ Áreas de proteção sob fiscalização do COMPAHC foram relacionadas nos anexos da Lei nº 7.495, de 19 de outubro de 2012, disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/>>. Acesso em: 17 Jun. 2018.

abrigava residência e ferraria, substituída em 1915 pela construção atual, que abrigou quatro gerações.

Figura 50 – Fachada do Museu-Casa Zinani em Caxias do Sul.

Fonte: Viagens e caminhos. Disponível em: <www.viagensecaminhos.com/2017/03/estrada-do-imigrante-gruta-da-terceira-legua-caxias-do-sul.html>. Acesso em: 17 Mai. 2018.

A casa definitiva foi erguida com madeira de árvores locais, sobre pilares de pedra para evitar a umidade, prática comum na época. O arcabouço é formado por barrotes e vigas, com revestimento de tábuas verticais. A divisão interna, em três pavimentos, conta com sala, quartos, uma cozinha e sótão, este último seguindo a forma inclinada do telhado, tradição transplantada da Europa. O telhado do alpendre é arrematado com lambrequins, que servem de “pingadeiras” nas ocasiões de chuva, protegendo o beiral, e de elemento decorativo da fachada. A varanda constitui volumetria para acesso ao interior da casa suspensa do solo, e foi construída ao redor de uma árvore.

A casa testemunha a extração da madeira para fins construtivos e como fator de renda, dada a variedade de espécies que viabilizou o aparecimento de madeireiras e alimentou a indústria moveleira. Das espécies nativas, as mais utilizadas para este fim foram o pinheiro da araucária, além de cedro, ipê, angico e Cabreúva.

Com o tempo, a base da casa apodreceu, colocando-a em risco, com danos parciais, que incluíram a quebra de vidros das janelas. Em 2011, um técnico da Itália foi a local refazer as bases, empregando madeira de eucaliptos de cerne.

Figura 51 – Museu Casa Zinani visto de outro ângulo, com pilares à mostra.

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: <www.tripadvisor.com.br/Casa_Zinani>. Acesso em: 17 Jun. 2018.

Internamente, o museu expõe o acervo original da antiga residência, composto por mobiliário, equipamentos e utensílios domésticos, peças de vestuário, fotografias, documentos – como os passaportes dos primeiros Zinani no local – e ferramentas de trabalho utilizadas na ferraria gerida pelo patriarca, entre itens trazidos da Itália e outros manufaturados no Brasil.

Do mobiliário presente nos dormitórios, há camas de palha e colchões de crina de cavalo e lã de ovelhas. O urinol sob o berço flagra os hábitos noturnos, devido ao banheiro localizado em área externa, enquanto a máquina de costura revela uma das muitas atividades delegadas às mulheres, a quem ficava a responsabilidade pela gestão do lar, enquanto os homens trabalhavam na ferraria, cujos equipamentos ficam no sótão.

Na cozinha, objetos fora de uso permanecem como testemunho das práticas de outrora, como a pia de madeira, o fogão a lenha e a geladeira rudimentar, a base de gelo, antecessora do modelo movido a eletricidade. Garrações de vinho lembram da bebida obrigatória nas refeições, enquanto um caldeirão pendente pontua o preparo da polenta a partir do milho – primeiro produto cultivado no povoado –, consumida quente e cremosa na

primeira refeição da manhã, e torrada sobre chapa de ferro – brustolada – no almoço dos agricultores. Itens curiosos compõem a mostra, como a fole-formigueiro, usada para prevenir a proliferação de insetos na cozinha e na horta.

Figura 52 – Mobiliário e objetos. Museu Casa Zinani.

Fonte: Casa Zinani. Disponível em: <<http://casaszinani.blogspot.com.br/p/museu-casa-zinani.html>>. Acesso em: 17 Mai. 2018.

Figura 53 – Mobiliário e objetos. Museu Casa Zinani

Fonte: Casa Zinani. Disponível em: <<http://casaszinani.blogspot.com.br/p/museu-casa-zinani.html>>. Acesso em: 17 Mai. 2018.

Figura 54 – Fole-formigueiro. Museu Casa Zinani.

Fonte: Museu Casa Zinani/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/MuseuZinani/photos/>. Acesso em: 17 Junho. 2018.

Figura 55 – Geladeira. Museu Casa Zinani.

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: <www.tripadvisor.com.br/>. Acesso em: 17 Jun. 2018.

Sobre o vinho produzido na região, as mudas de videiras trazidas da Itália não vingaram, mas a comunidade contou com a ajuda de imigrantes alemães que tiveram a mesma

experiência e que conseguiram cultivar uvas provenientes da América do Norte. As videiras fornecidas pelos alemães foram plantadas próximas às casas, em áreas de encosta, e o vinho artesanal ganhou visibilidade na região e fora dela, viabilizando a criação de cantinas locais e a venda para outros mercados.

A visitação é esporádica e conta com a mediação de estudantes do curso de história da universidade local e de D. Ivete Zinani, que viveu na edificação quando criança. A apresentação da casa destaca a história da família Zinani, a formação e evolução da cidade com mão-de-obra italiana, o desenvolvimento do lanifício que movimentou a economia local a partir do início do século XX, a contribuição com o Exército em 1945, conspirações contra o proprietário em 1953 e seu declínio a partir de 1979, entre outros fatos curiosos. Cada objeto é abordado durante a visita, sendo relacionado a fatos e costumes da casa e da região. “Minhas roupas de batismo, tal como a de minha mãe e de minha avó, que veio da Itália, estão disponíveis aqui dentro”²⁹, ressalta D. Ivete.

Figura 56 – Irmãos Ademir e Ivete Zinani, antigos moradores da casa e empreendedores do complexo turístico familiar, que também conduzem a visitação.

Fonte: Tour da Experiência/Site. Disponível em: www.tourdaexperiencia.com.br/experiencia/vivencia-casa-zinani. Acesso em: 17 Jun. 2018.

²⁹ In: Museu em casa de imigrantes comemora centenário. Matéria da revista eletrônica Leia Fácil, disponível em: <www.leiafacil.com.br/noticia/Museu+em+casa+de+imigrantes+comemora+centenario/1559>. Acesso em: 17 Jun. 2018.

Em frente ao museu, uma carroça documenta um dos meios de transporte usados nos primórdios das colônias, e ao ofício de carroceiro, que viabilizava o transporte de mercadorias entre as cidades. A carroça puxada por cavalo, mula ou boi adaptou-se aos caminhos difíceis da serra.

Figura 57 – Carroça na propriedade da família Zinani.

Fonte: Museu Casa Zinani/Facebook. Disponível em: www.facebook.com/search/top/?q=casa%20zinani. Acesso em: 17 Jun. 2018.

O museu-casa integra os roteiros turísticos Estrada do Imigrante e Tour da Experiência, ambos percorrendo as estradas centenárias abertas pelos imigrantes e que preservam outras casas de madeira e de pedra. Analisando as opiniões dos visitantes no Tripadvisor, o principal canal internacional de avaliação de serviços na *web*, os termos “preservação”, “cultura italiana” e “viagem no tempo” são recorrentes, o que demonstra a eficácia do museu na difusão das heranças culturais.

Do mesmo modo, o contato com um ambiente representativo de famílias que enfrentaram os desafios da migração gera empatia e solidariedade nos visitantes, que naturalmente se imaginam naquele cenário, como em uma viagem no tempo. Esse viés psicológico de deslocamento no tempo e no espaço é inerente ao museu enquanto repositório de memórias e acontecimentos que muitas vezes ligam lugares diferentes no imaginário, como reflete o filósofo Michel Foucault (FOUCAULT, 1967) quando trouxe a debate o museu no âmbito das heterotopias do tempo.

Figura 58 – Avaliação de visitante do Museu Casa Zanini no Tripadvisor.

Avallou em 20 de novembro de 2016

Viagem no tempo!

A casa, os objetos e as histórias da sra. Ivete Zinani fazem do Museu da família uma viagem no tempo. No térreo tem uma loja com produtos coloniais (massas, queijos, salame, geleias caseiras, doces, biscoitos) e artesanatos. Os outros dois andares da casa guardam desde as ferramentas usadas na construção do espaço até o berço de madeira que embalou a curadora da casa. Aberto nos fins de semana e feriados, para outros dias é necessário ligar antes (como outras atrações da região).

Fonte: Museu Casa Zinani/Tripadvisor. Disponível em: <www.tripadvisor.com.br/>. Acesso em: 17 Jun. 2018.

2.2.3. Casa de Eugenio Mottin | Memorial do Imigrante Italiano

A Casa de Eugenio Mottin, construída em 1922, foi doada por Rui Alceu Mottin em 2005 para o município de Colombo, ocasião em que foi transferida inteiramente de seu local original, na rua Francisco Camargo, centro da cidade, para o Parque Municipal da Uva, a fim de compor um monumento aos imigrantes italianos que povoaram a cidade. Inaugurada em 2015, a casa integra um complexo no Bosque da Uva, sob a gestão do Museu Cristoforo Colombo.

Figura 59 – Fachada da Casa Eugenio Mottin em Colombo.

Fonte: Prefeitura Municipal de Colombo. Disponível em: <<http://portal.colombo.pr.gov.br/memorial-do-imigrante-italiano-recebe-reforma-e-restauracao/>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

A casa leva este nome em memória de seu morador Eugenio Mottin, filho dos imigrantes italianos Francesco Mottin e Carolina Fracaro, pioneiros da colônia Alfredo

Chaves, que vieram da província de Vicenza com 14 e 11 anos, respectivamente. Ambos se estabeleceram na localidade, que em 1890 recebeu o nome de Vila Colombo. Nas primeiras décadas, os italianos casavam-se entre si, sem interagir com imigrantes de outras origens, por isso as duas gerações seguintes foram criadas em um núcleo exclusivamente formado por italianos, vivenciando as próprias tradições. Foi nesse cenário que Francesco, já adulto e com ofício de ferreiro, esposou Carolina, gerando sete filhos. Entre eles, Eugenio, nascido em 1889, casou-se com Maria Toniolo e foram viver na casa de madeira onde tiveram nove filhos.

Restaurada, a edificação preserva a estrutura predial de madeira, construída com matéria-prima da região, assim como as janelas e portas, os lambrequins e o balcão do alpendre, fruto do trabalho artesanal da mão imigrante que se estabeleceu na cidade. Internamente, a pintura das paredes, com frisos de motivos florais, também foi conservada.

Figura 60 – Detalhe do alpendre. Casa Eugenio Mottin.

Fonte: TAKEUSHI, 2018. Casa de Eugenio Mottin em Colombo. In: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Os lambrequins apareceram na região sul do Brasil no final do século XIX com a inserção de imigrantes europeus. No Paraná, com a disponibilidade da madeira da araucária, aliada ao talento de diversos artesãos, proliferaram-se casas com esses elementos arquitetônicos no início do século XX, embora também tenham sido elaborados a partir de chapas de zinco. Os desenhos variam, “desde o simples corte em ângulo reto voltado para o

solo, passando por inúmeras formas, saídas umas das outras até chegar a compor longos rendados” (IMAGUIRE JR., 1975). Dificilmente aparecem exemplares iguais, cada composição dando singularidade a uma casa específica. O mesmo se aplica ao guarda-corpo dos alpendres, em composições únicas.

Figura 61 – Detalhe dos lambrequins. Casa Eugênio Mottin.

Fonte: TAKEUSHI, 2018. Casa de Eugenio Mottin em Colombo. In: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Elemento funcional e decorativo, o lambrequim passou a ser utilizado para facilitar o escoamento da água da chuva, protegendo o madeiramento do telhado. Comparando casas italianas com as de outros imigrantes, as primeiras distinguem-se pela maior variedade de desenhos, seguidas das casas dos alemães e das polonesas, estas últimas com desenhos mais simples. As cores variam entre verde, marrom e branco, e há sua razão de ser: referem-se a elementos da natureza, como a uva, a paisagem do entorno e a neve da terra-natal no norte da Itália.

Internamente, o aspecto residencial foi organizado respeitando as funções de cada ambiente: sala, cozinha e dormitórios. O acervo móvel apresenta itens dos Mottin, entre outros doados por famílias imigrantes, por isso o museu apresenta o nome de Eugenio Mottin associado ao de Memorial do Imigrante Italiano.

Móveis feitos artesanalmente, objetos de uso pessoal, peças de vestuário, imagens de devoção, fotografias, utensílios domésticos e de trabalho relembram a vida nos primórdios da

colônia e que refletem as tradições culturais da atualidade, como relembram Rui Alceu Mottin, um de seus antigos moradores, e Bete Pavin, prefeita de Colombo, quando da inauguração, em 2015³⁰.

Eu morei nessa casa durante 23 anos. E tudo faz lembrar a minha família, meus nove irmãos e meus pais. E estar aqui é voltar ao passado, ver a casa é muito emocionante, pois está como antigamente, do jeito que eu me lembrava”. Rui Alceu Mottin

Eu morei em uma casa parecida, quando era criança, e essa casa me traz boas lembranças. Eu a vejo como uma oportunidade para aqueles não viveram nessa época, os mais jovens e as crianças, principalmente, podem ter contato com o passado através dela. Bete Pavin.

Figura 62 – Dormitório. Casa Eugenio Mottin.

Fonte: TAKEUSHI, 2018. Casa de Eugenio Mottin em Colombo. In: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

As recomposições oferecem testemunhos dos hábitos cotidianos, como a higiene matinal realizada no quarto de dormir, pontuada pela bacia sobre a cômoda, e o urinol sob o leito, que sinaliza a ausência de banheiro dentro da casa. A religiosidade é marcada pelas representações do Coração de Maria e do Coração de Jesus em quadros pendurados sobre a cama, os rosários nas cabeceiras e esculturas de santos de pequenas dimensões apoiados em

³⁰ Prefeitura Municipal de Colombo. Disponível em: <<http://portal.colombo.pr.gov.br/esta-aberto-para-visitacao-o-memorial-do-imigrante-italiano/>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

alguns móveis próximos às camas, proporcionando proteção aos moradores católicos e aos entes falecidos, lembrados nos retratos que dão fisionomia aos pioneiros de Colombo.

Figura 63 – Dormitório. Casa Eugenio Mottin.

Fonte: TAKEUSHI, 2018. Casa de Eugenio Mottin em Colombo. In: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

A colcha rendada destaca um dos ofícios destinados às mulheres, que além de se ocuparem da cozinha e da nutrição da família, realizavam trabalhos manuais, também evidenciados pela máquina de costura na sala de estar. Dos ofícios masculinos, a feitura dos

móveis registra a qualidade dos carpinteiros que povoaram a cidade. Os elementos florais pintados em estêncil nas paredes da sala e do quarto de casal foram elaborados por Evaristo Busato, descendente de italianos.

Figura 64 – Dormitório anterior visto de outro ângulo.

Fonte: TAKEUSHI, 2018. Casa de Eugenio Mottin em Colombo. In: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Figura 65 – Cozinha. Casa Eugenio Mottin.

Fonte: TAKEUSHI, 2018. Casa de Eugenio Mottin em Colombo. In: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Como dito anteriormente, a cozinha era reduto feminino e nesse ambiente a família era nutrida com produtos cultivados nos arredores, como o milho, usado para diversas receitas. O assento da cadeira e as cestas de palha evidenciam outros usos desse cereal, que fornecia palha para a feitura artesanal de utilitários. O fogão a lenha, a tábua de pão, o moedor de carne e o bule de café dão indícios dos alimentos consumidos. Na mesa comprida de madeira tanto se reunia a família para as refeições, como ali a massa era preparada com as receitas ancestrais. Esticado em uma das paredes da cozinha, o panô bordado resume o significado da casa para a família: “o mundo todo não vale o meu lar”.

Figura 66 – Vista interna. Casa Eugenio Mottin.

Fonte: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Figura 67 – Vista interna. Casa Eugenio Mottin.

Fonte: TAKEUSHI, 2018. Casa de Eugenio Mottin em Colombo. In: Blog Circulando por Curitiba. Disponível em: <www.circulandoporcuritiba.com.br/2018/05/casa-eugenio-mottin-em-colombo.html>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

Na sala, vê-se um pequeno compartimento de acesso ao porão, local de depósito de garrações de vinho, produção celebrada anualmente na Festa da Uva, um dos eventos anuais realizados no bosque, além das festas da polenta e do frango, que celebram a produção de alimentos na região e a memória imigrante responsável por esse empreendimento.

A Casa Eugenio Mottin se integra ao percurso de visitao no referido bosque, juntamente com seu gestor, o Museu Cristoforo Colombo, e a outra casa instalada em 2017, tambm transferida de outro local, uma residncia que documenta a interao entre italianos e poloneses a partir da terceira gerao das famlias pioneiras: o Memorial talo-Polons – Famlias Perin e Puka. Os equipamentos culturais se articulam ao Circuito Italiano de Turismo Rural de Colombo, que promove aoes voltadas a valorizar o patrimnio cultural e o homem do campo.

Figura 68 – Memorial talo-Polons – Famlias Perin e Puka.

Fonte: SEICTT/Site. Disponvel em: <<http://turismo.colombo.pr.gov.br/2017/02/23/atrativos-culturais/>>. Acesso em: 18 Jun. 2018.

2.2.4. Memorial Casa Italiana

A residncia do casal Claudino e Angelica Peteffi foi construda em 1937 na Linha Furna, rea rural de Gramado, vindo a ser deslocada para o centro da cidade em 2013, quando foi inaugurada como Memorial da Casa Italiana. Trata-se de uma casa de agricultores que se estabeleceu no povoado, um dos 28 que foi integrado ao municpio.

A ao de transferncia da casa para figurar como equipamento cultural da cidade foi iniciativa da prefeitura, do Crculo Trentino de Gramado e de moradores locais, com o intuito de salvaguardar a construo, valorizar as razes da comunidade italiana e dinamizar o turismo.

Figura 69 – Memorial Casa Italiana na Praça das Etnias, Gramado.

Fonte: Google Maps. Disponível em: <www.google.com.br/maps/place/Praça+das+Etnias/>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

Figura 70 – Memorial Casa Italiana, vista posterior.

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303536-d6686056-i121328547-Praca das Etnias-Gramado State of Rio Grande do Sul.html>>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

A casa rural testemunha as origens da ocupação italiana na localidade – tardia, nas primeiras décadas do século XX, se comparada com outras cidades gaúchas –, motivo pelo qual foi selecionada como lugar de memória, considerando que aqueles que viviam nas cercanias da cidade “mantinham uma relativa continuidade dos hábitos, usos e costumes” (CASAGRANDE, 2006, p. 6), enquanto os habitantes da zona urbana conviviam com outras etnias, ao tempo em que se dedicavam à política, à gastronomia e à hotelaria.

Apesar da documentação escassa sobre a presença italiana na formação de Gramado, há registro de que “por volta de 1890 alguns imigrantes partiram de Caxias do Sul a procura de novas terras. Uns porque casaram e desejavam cultivar suas próprias terras e outros porque a família era numerosa e o lote tornara-se pequeno” (KOPPE e DRECKSLER, apud CASAGRANDE, 2006, p. 58). Entre essas famílias, a maioria de origem trentina, figuram os Peteffi no levantamento da prefeitura.

Nas cidades do interior gaúcho são numerosas as casas italianas edificadas em madeira de pinho, com telhados pendentes para facilitar o escoamento da neve esporádica, como no norte da Itália. Como em tais localidades, no povoado que deu origem ao município de Gramado o emprego de madeira e pedra atendeu à necessidade de adequação aos materiais disponíveis, devido à dificuldade de transporte que impedia a chegada de materiais de construção. Os únicos meios de transporte eram as carretas movidas a tração animal.

Figura 71 – Carreta. Memorial Casa Italiana.

Fonte: Memorial Casa Italiana/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/pages/Memorial-Casa-Italiana/1110681482305098>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

Como na Casa Zinani, em Caxias do Sul, a presença da carreta na área externa do Memorial Casa Italiana de Gramado testemunha o ofício do carreteiro, que cuidava do transporte de produtos na cidade e da cidade para as localidades vizinhas. A grande maioria

destinava-se à circulação de insumos da lavoura, enquanto outras transportavam desde pães a toras de madeira e pedras. Esse meio de transporte é de tal relevância para a comunidade que figura em um desfile de carretas na Festa da Colônia que acontece anualmente na cidade.

Figura 72 – Desfile de carretas na Festa da Colônia de Gramado, 1996.

Fonte: CASAGRANDE, 2006, p. 51.

Outro elemento tradicional das moradias italianas é o nicho que abriga a imagem de Santo Francisco de Assis, instalado ao lado da casa, que testemunha uma das práticas religiosas de pagamento de promessas aos santos de devoção. Eram construídos com os mesmos materiais empregados nas moradias, como esse exemplar em madeira com telhado contornado por lambrequins.

Figura 73 – Oratório dedicado a São Francisco de Assis. Memorial Casa Italiana.

Fonte: Memorial Casa Italiana/Tripadvisor. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303536-d6686056-i121328547-Praca_das_Etnias-Gramado_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html. Acesso em: 22 Mai. 2018.

Internamente, o memorial reconstitui uma residência rural italiana do início do século XX, com acervo de móveis, objetos utilitários, peças de artesanato e instrumentos de trabalho utilizados pelos colonos quando da ocupação da cidade. A organização dos ambientes contou com doações de famílias locais, como na grande maioria dos museus-casas, de modo a compor os aposentos de acordo com suas funções originais. Nas imagens a seguir, vê-se que, tal qual a casa habitada, no pavimento inferior foi instalado um mix de depósito e cantina, enquanto no pavimento intermediário uma grande sala atende às representações de estar e cozinha, ficando o superior reservado para os dormitórios.

O porão de pedra também servia de abrigo de animais e de lenha, sobretudo quando o inverno era rigoroso, mas no dia a dia funcionava como local de trabalho, onde os proprietários desenvolviam alguma atividade específica. Como se trata de uma representação, buscou-se exibir diversos equipamentos alusivos aos diversos ofícios, como a feitura de pão, a produção de linguiça, de cestas de palha ou vime, de vinho, serviços de ferragem de cavalos, carpintaria, além da agricultura, pontuada nos instrumentos de trabalho do campo. O ambiente lembra um armazém de secos e molhados, onde produtos de diversas utilidades eram comercializados.

Figura 74 – Cantina e depósito. Memorial Casa Italiana.

Fonte: Gramado/Site. Disponível em: <https://www.gramadosite.com.br/noticias/autor:GramadoSite/id:285216>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

(...) à esquerda os secos e molhados, com grandes tulhas e os cereais a granel, a balança para a conferência do cliente. Do outro lado, utensílios destinados ao uso doméstico; baldes, regadores, bacias, urinóis, caçarolas, canecas e paneiros, louças de barro, cafeteiras esmaltadas, chaleiras, tamancos e chinelos de flanela (...) as gavetas eram utilizadas para guardar as rendas, agulhas, botões, alfinetes, grampos

para cabelo, meias, e os armarinhos. Tecidos em metro como pelúcia, brim e chitas. Vendiam ainda pás, facões, foices, arame farpado, pregos e tachos. A corda era mercadoria permanente. O estabelecimento também colocava à venda, artigos e objetos femininos, pó de arroz, sabonetes e colônias aromáticas. Pequenos objetos de porcelana para presentes, brinquedos para crianças, peças de roupas prontas, doces e balas compunham os itens da loja. Para os homens a brilhantina e fumo. (CASAGRANDE, 2006, p. 61)

No grande salão que integra a sala de estar à cozinha, a profusão de objetos deixa claro que se trata de uma coletânea, dada a variedade de itens semelhantes, cada um identificado em sua denominação, função e procedência, registrando as famílias que os doaram e que querem se ver representadas. Não há reserva técnica, portanto tudo é exposto, tentando se harmonizar ao ambiente a que se destina. As repetições são interessantes para pontuar como os objetos mudaram com o tempo, no que se refere ao design e as melhorias tecnológicas, como a cadeira de assento de palha produzida artesanalmente e a poltrona de courino vermelho, o televisor e os rádios.

Figura 75 – Sala. Memorial Casa Italiana.

Fonte: Gramado/Site. Disponível em: <https://www.gramadosite.com.br/noticias/autor:GramadoSite/id:285216>>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

Diversas máquinas de costura e revistas de moda registram que o vestuário era produzido em casa, assim como os bordados, as almofadas de crochê e a manta de tricô. Nas paredes, diversas imagens de santos mostram as diversas devoções, imperando o Coração de Jesus e o Coração e Maria, que figuram na maioria das casas. No lado da cozinha, a mesa comprida e farta lembra que as famílias italianas eram numerosas, enquanto a mesa de apoio

pontua a feitura das massas e dos pães. Além dos utensílios de cozinha, como caldeirões, moedores de café e canecas esmaltadas, os fogões de metal marcam a produção industrial desse tipo de equipamento, em substituição ao fogão de alvenaria.

Figura 76 – Sala vista de outro ângulo. Memorial Casa Italiana.

Fonte: Gramado/Site. Disponível em: <https://www.gramadosite.com.br/noticias/autor:GramadoSite/id:285216>>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

Figura 77 – Cozinha. Memorial Casa Italiana.

Fonte: Blog Falando em Viagem. Disponível em: www.falandodeviagem.com.br/viewtopic.php?f=510&t=12035>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

No dormitório, móveis rústicos se misturam a peças encontradas em residências urbanas, produzidas por artífices locais. A configuração do quarto segue a tradição: a cama do casal ao centro, com o urinol próximos para as necessidades noturnas; berços para as crianças menores que dormiam com os pais; o baú representativo da grande viagem da Itália para o Brasil, trazendo os pertences pessoais; algumas peças de vestuários, incluindo calçados; tudo isso circundado pelos santos que dão proteção à família e a quem lhes são oferecidas orações antes de dormir.

Figura 78 – Quarto de dormir. Memorial Casa Italiana.

Fonte: Gramado Site. Disponível em: <<https://www.gramadosite.com.br/noticias/autor:GramadoSite/id:285216>>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

Gramado foi colonizada por italianos, alemães e portugueses, e para marcar a presença dessas culturas inaugurou a Praça das Etnias em 2012, deslocando para o local antigas casas de imigrantes que documentam a ocupação da cidade. A casa italiana contrasta com as casas portuguesas e alemãs, cada uma com suas características peculiares.

2.2.5. Casa de Bona

Construídas em 1888, as casas que compõem a propriedade Casa de Bona, em Farroupilha, abrigaram a residência do casal Giuseppe Strapazzon e Angela Madallozzo de seus cinco filhos. Foi vendida em 1911 para outro casal, Giovanni De Bona e Domenica

Piucco, que ali também viveram com sua família. Foram preservadas até os dias atuais em meio à natureza, podendo ser visitadas mediante agendamento com o proprietário. Além de museu familiar, também é utilizado para locações de filmes e de ensaios fotográficos.

Figura 79 – Casa de Bona em Farroupilha.

Fonte: Portal do Município de Farroupilha. Disponível em: <http://farroupilha.rs.gov.br/portaldoturista/atracoes/casa-de-bona/#atracao>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

A construção maior tem quatro pavimentos. O porão de pedra semienterrado inicialmente abrigava uma vinícola, e com a mudança de proprietários passou a funcionar como armazém, abrangendo também o andar térreo. A parte superior, de madeira, que inclui sótão, serviu de moradia para as famílias até 1981. A casa ao lado, toda de pedra, abrigava a cozinha.

Internamente, preserva poucos móveis e objetos. Na sala, encontram-se bancos e uma mesa comprida de refeições de madeira, fotografias de família e algumas peças de artesanato de palha. Nos quartos praticamente vazios, vê-se uma cama de solteiro no modelo patente, um berço de vime e algumas poucas cadeiras de madeira com assento de palha, além de malas e um baú que era utilizado como cofre. Na cozinha, há dois fogões a lenha, um de alvenaria e outro de metal, com algumas caçarolas de ferro.

No entorno há outras edificações em ruínas, como o moinho de pedra mais antigo que as casas abertas à visitação.

Figuras 80, 81 e 82 – Ambientes internos. Casa de Bona.

Fonte: Adaptado de Velho Casarão. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=2sAlvjXH5lc>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Figura 83 – Fotografias de família e objetos. Casa de Bona.

Fonte: Casa de Bona/Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casadebona/>>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Figura 84 – Cama patente. Casa de Bona.

Fonte: Viciados em Estrada/Blog. Disponível em: <<https://viciadosemestrada.blogspot.com/2017/11/casa-de-bona-cenario-de-cinema.html>>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Figura 85 – Cozinha. Casa de Bona.

Fonte: Viciados em Estrada/Blog. Disponível em: <<https://viciadosemestrada.blogspot.com/2017/11/casa-de-bona-cenario-de-cinema.html>>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

2.2.6. Museu Cainelli

No seio de propriedades privadas, onde a vida prossegue ininterrupta, espaços parcialmente abertos à visitação são democratizados no âmbito de ações de sustentabilidade que contribuem com sua continuidade.

O Museu Cainelli em Bento Gonçalves apresenta uma casa construída em 1929, período em que se proliferam casas em que a madeira e a pedra compõem em igualdade de proporções a construção, principalmente nas edificações que combinavam moradia e comércio ou moradia e vinícola. Assim, além da vivência residencial de uma família italiana, o museu conta a história da cultura da uva e da fabricação do vinho na região, apresentando diversos objetos e fotos da família proprietária, revelando a vida em sociedade em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, a partir da terceira década do século XX.

Figura 86 – Museu Cainelli em Bento Gonçalves.

Fonte: <<http://aqueleslugarzinhos.blogspot.com.br/2011/02/museu-cainelli.html>>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

A história da família no Brasil iniciou com a vinda de Gasparino Cainelli em 1875, juntamente com sua esposa Maria De Carli e o filho Domenico, que faleceu durante a viagem de navio, que durou 36 dias. Provenientes de Barbaniga di Civezzano, província de Trento, eram agricultores que se dedicavam ao cultivo de videiras e ao comércio de uvas para produção de vinho.

Após aportarem no Rio de Janeiro, seguiram viagem até Porto Alegre, com escalas por portos intermediários como Santos, Paranaguá, Florianópolis e, finalmente, Rio Grande, onde mudaram de embarcação para chegar à capital gaúcha, a Montenegro e à colônia de Dona Isabel, percurso final percorrido a pé ou com mulas, juntamente com 45 famílias do Tirol. A produção de vinho iniciou décadas depois, com o filho Ricardo, nascido no Brasil, durando de 1929 a 1970.

A ideia do museu surgiu em paralelo com o desejo de reativar a vinícola da família, reinaugurada em 2010, sob gestão dos descendentes dos Cainelli pioneiros. Sobre a adega situada no pavimento inferior da casa dos antepassados, foi preparado um espaço de visitação contando a história da família por trás da produção do vinho.

Na área doméstica, no pavimento superior, a intimidade presente no quarto de dormir e na cozinha registra a vida de seus primeiros moradores, cujas memórias se mesclam a dos primeiros habitantes da região. O mobiliário de madeira de fatura rústica impera nos ambientes, assim como motivos religiosos em quadros – Santa Luzia ao lado de São José no dormitório e a Santa Ceia na cozinha – e pequenas esculturas de santos, algumas dentro de um oratório. Os utensílios simples lembram que se trata de uma casa rural do início do século XX, preservada desse modo para propiciar aos visitantes uma imersão no modo de vida dos antepassados, também eternizados em fotografias.

Figura 87 – Cozinha. Museu Cainelli.

Fonte: Vinícola Cainelli. Disponível em: <<http://vinicolacainelli.com.br/museu>>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

Figuras 88 e 89 – Quarto de casal. Museu Cainelli.

Fonte: Vinícola Cainelli. Disponível em: <<http://vinicolacainelli.com.br/museu>>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

O museu propõe um percurso que compreende a casa, a vinícola e os vinhedos. É uma visita imersiva e que integra o programa de sustentabilidade da propriedade, onde as pessoas participam da colheita, da preparação da uva, do processo de fabricação do vinho até a degustação, com música italiana ao vivo. Integrando as ações de sustentabilidade, os proprietários comercializam os vinhos fabricados com uva moscatel.

Figura 90 – Adega. Vinícola Cainelli.

Fonte: Vinícola Cainelli/Tripadvisor. Disponível em: <www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g680210-d6857156-i173223880-Vinicola_Cainelli-Bento_Goncalves_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

Figuras 91 e 92 – Ações com a comunidade no entorno do Museu Cainelli.

Fonte: Vinícola Cainelli/Tripadvisor. Disponível em: <www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g680210-d6857156-i173223880-Vinicola_Cainelli-Bento_Goncalves_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html>. Acesso em: 12 Mai. 2017.

2.2.7. Museu Ambiência Casa de Pedra

Continuando a abordagem dos museus-casas cujas edificações foram construídas nas últimas décadas do século XIX, as casas de pedra e madeira são significativas do Rio Grande do Sul, onde os imigrantes italianos se fixaram em maioria em áreas ricas em rochas basálticas e de densa floresta de araucária. Em Caxias do Sul, o Museu Ambiência Casa de Pedra é ícone da colonização italiana na cidade. Antiga moradia da família Lucchese, foi construída por volta de 1885 por Giuseppe e seus filhos Giacomo, Antonio e Luis, que residiam na localidade desde 1879, na antiga 9ª Léguas de Caxias do Sul, hoje correspondente ao bairro de Santa Catarina.

Em 1913, a propriedade foi vendida para Jacob Brunetta, contando com uma casa de madeira ligada à de pedra por um passadiço. Essa construção anexa foi ampliada para instalação de matadouro, açougue e armazém, além de hospedagem para tropeiros. Em 1946, o conjunto foi adquirido por Davi Tomazzoni, último proprietário particular.

Com a transformação urbanística, a edificação ficou em risco de demolição, quando em 1974 a diretoria de museus da prefeitura local viu no imóvel a possibilidade de criação do primeiro museu da imigração italiana no Brasil, às vésperas de seu centenário. Em ruínas, a casa foi adquirida pelo município e restaurada em tempo recorde, juntamente com móveis e utensílios resgatados no local, com apoio da comunidade e de empreendedores. Finalmente, dois meses depois, no início de 1975, o museu foi inaugurado³¹ juntamente com o Museu do Vinho, ambos integrando oficialmente a programação da Festa da Uva.

Figura 93 – Inauguração da Casa de Pedra em 1975.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/category/arquitetura/?topo=35,1,1,,,35>>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

³¹ A inauguração da Casa de Pedra foi registrada em vídeo pelo Arquivo Municipal, disponível em: <<http://videos.clicrbs.com.br/rs/pioneiro/video/memoria/2015/11/memoria-inauguracao-casa-pedra-fevereiro-1975/137203/>>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 94 – Inauguração da Casa de Pedra com descendentes da família Lucchese.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/category/arquitetura/?topo=35,1,1,,35>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 95 – Museu Ambiência Casa de Pedra em Caxias do Sul.

Fonte: Foto de Aldo Toniazzo.

Atualmente denominada Museu Ambiência Casa de Pedra, a construção apresenta pedras assentadas e rejuntadas com barro, aberturas em pinhos e janelas fixadas com tijolos artesanais. Internamente, três ambientes foram reconstituídos com mobiliário e objetos relacionados ao cotidiano na transição do século XIX para o século XX: sala, dormitório e

cozinha representam a vida centrada na pequena propriedade familiar. O acervo móvel foi doado pela comunidade e contempla mobiliário, utensílios domésticos, vestuário e itens representativos de artes manuais, como têxteis e cestaria, além de equipamentos de trabalho, como tear manual e instrumentos agrícolas, entre outros. Em 2003, o museu-casa foi tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPAHC)³².

Juventino Dal Bó, diretor da instituição em 2007, testemunha que a casa de pedra musealizada é uma ramificação do museu municipal, e que abriu suas portas para marcar o centenário da imigração italiana. A coleta de acervo privilegiou peças que ajudassem a reconstituir uma residência típica do imigrante pioneiro na região, e que tivessem relação com “a partida da Itália, a longa viagem, o estabelecimento em lotes coloniais, o trabalho com a terra, a religião, o comércio, a indústria” (DAL BÓ, 2007, p. 85). O acervo inicial de centenas de peças continuou a aceitar doações, chegando a mais de oito mil unidades em 2007. Ganhou instrumentos de trabalho, como arado, enxada, baú de madeira, lençol de linho, balde de cobre, alambique e um quadro de Santo Antônio de Pádua.

Importante destacar a articulação entre o museu e o Arquivo Público Municipal, visto que há um diálogo entre o acervo exposto no primeiro com a documentação conservada no segundo, produzida pelos órgãos públicos e instituições privadas e no âmbito de famílias que testemunharam os acontecimentos na comunidade, incluindo a história oral.

O primeiro ambiente interno do museu representa a sala de estar, que não recebeu muitos objetos para se adequar à entrada de visitantes, visto que o espaço é compartilhado com o receptivo. Uma escada de madeira leva ao quarto, provido de duas camas, um guarda-roupa com peças de vestuário e calçados de couro com sola de madeira. Como não havia banheiro dentro da casa, a higiene pessoal se dava com o uso de gomil e lavândula, presentes no conjunto de porcelana disposto próximo às camas, além do urinol esmaltado armazenado embaixo dos leitos ou em compartimentos de criados-mudos, próprios para essa finalidade. A presença infantil se dá pela presença de um berço e de alguns brinquedos, entre eles bonecas de pano e de sabugo de milho, uma bola de tecido e um carrinho de madeira. A devoção católica é presente nas imagens do Sagrado Coração de Maria, tanto na sala como no quarto de dormir. Sobre a cabeceira de uma das camas, um grande rosário também testemunha a religiosidade.

³² Declaração de tombamento publicada no Diário Oficial de Caxias do Sul em 30/07/2003, à página 15. Disponível no link: <<https://caxias.rs.gov.br/uploads/documents/2018/01/16/cf658d05-64a4-4160-88fe-603841003437.pdf>>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

Figura 96 – Dormitório. Museu Ambiência Casa de Pedra.

Fonte: Pela Serra Gaúcha/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/pelaserragaucha>. Acesso em: 10 Jun. 2018.

Figura 97 – Objetos de higiene pessoal. Museu Ambiência Casa de Pedra.

Fonte: Museu Ambiência Casa de Pedra/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/search/str/museu+ambiencia+casa+de+pedra/photos-keyword>. Acesso em: 10 Jun. 2018.

Na cozinha, diversas panelas de barro e de ferro, como tachos e caldeirões, figuram entre os utensílios destinados à alimentação, além de um fogão de pedra, um forno, uma máquina de massa e uma batedeira rudimentar. Um dos caldeirões encontra-se suspenso por corrente, sobre o fogão, representativo do preparo da polenta, herança alimentar dos italianos do norte da Itália.

Figura 98 – Cozinha. Museu Ambiência Casa de Pedra.

Fonte: Adaptado de Wikipedia. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Assim como no país de origem, a cozinha permaneceu sendo um espaço de socialização importante. Seu principal equipamento era o *focolaro*, onde se acendia o fogo, inicialmente como plataforma pouco elevada do chão, feita de material isolante como tijolo ou pedras. Sobre ele pendia uma corrente terminada em gancho que segurava o caldeirão para preparo dos cozidos. Coifas e chaminés são essenciais, e a fumaça podia escapar por alguma abertura no telhado ou na parede.

Completavam o ambiente uma grande mesa e cadeiras, centro das reuniões familiares mais do que a sala de estar. Uma despensa independente podia existir em apoio à cozinha, bem como um forno para pães. Os *focolari* foram sucedidos pelos fogões de lenha, antes da implementação daqueles alimentados com gás.

Artesanato em vime, palha de mitro e trigo e taquara é tradição da região, como consta no inventário do Projeto Antigas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul, realizado por pesquisadores da Universidade Caxias do Sul.

Figura 99 – Objetos do cotidiano. Museu Ambiência Casa de Pedra.

Fonte: Adaptado de Revista Talian Brasil/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/pg/Revista-Talian-Brasil-152763768165633/photos/>. Acesso em: 18 Jun. 2018.

Figura 100 – Registro fotográfico da confecção de cesta de vime, década de 1980.

Fonte: Instituto Memória Histórica e Cultural. Disponível em: <<https://biblioteca.ucs.br/gallery3/index.php/IMHC/Ecirs/ecirs-pb/vime>>. Acesso em: 18 Jun. 2018.

Na área externa do museu, um parreiral faz referência à principal atividade agrícola desenvolvida pelos italianos na região, o cultivo da uva, ao lado de outras árvores frutíferas e ornamentais. Sobre a presença de parreiras no museu, o antigo diretor comenta que “neste museu, os melhores monitores para acompanhar uma pessoa interessada nos costumes locais são os velhos ‘colonos’ italianos que passaram grande parte de suas vidas cuidando do seu parreiral no interior do município” (DAL BÓ, 2007, p. 87). Um forno confeccionado artesanalmente com tijolos e barro foi instalado também no exterior, de modo a recordar como esse equipamento era disposto nas casas. Em 1977, foi instalado próximo à casa o Monumento aos Tiroleses, em homenagem aos imigrantes que vieram do norte da Itália.

Figura 101 – Parreiral. Museu Ambiência Casa de Pedra.

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo Caxias do Sul. Disponível em: www.facebook.com/TurismoCaxiasDoSul/. Acesso em: 10 Jun. 2018.

Figura 102 – Monumento aos tirolezes, próximo ao Museu Ambiência Casa de Pedra.

Fonte: Tirolezes no Brasil/Blog. Disponível em: <https://tirolezes.com.br/>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

2.2.8. Museu Municipal Casa de Pedra

O Museu Municipal Casa de Pedra também é uma construção que agregou moradia e espaço de trabalho, embora em área urbanizada, no centro da antiga Vila de Nova Vicenza, um dos núcleos pioneiros da formação do atual município de Farroupilha, constituído, em sua maioria, por italianos. Construída entre 1890 a 1896, a edificação de pedras regulares aparentes e cobertura em *scandole* abrigou a residência e a casa de negócios da Família Fin, na via que consistia o eixo comercial da cidade no começo do século XX. Internamente era dividida em porão, para o depósito, andar térreo para o estabelecimento comercial e o sótão para residência. Em uma grande reforma na década de 1940, as tabuinhas de madeira do telhado foram substituídas por telhas francesas, a camarinha foi suprimida e as janelas modificadas.

Figura 103 – Museu Municipal Casa de Pedra em Farroupilha

Fonte: Prefeitura de Farroupilha/Site. Disponível em: <http://farroupilha.rs.gov.br/portaldoturista/atracoes/museu-municipal-casa-de-pedra/>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

Em 1980, a casa foi adquirida pela prefeitura, tendo sido aberta à visitação em 1983, três anos após o tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAÉ)³³, com inscrição no livro do tombamento histórico. Com acervo formado por

³³ Portaria 05/85 da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul. Em 2010 o tombamento foi expandido para áreas do entorno da casa por meio da portaria 26/2010 da referida secretaria. Disponíveis em: www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=14811. Acesso em: 28 Mai. 2018.

equipamentos domésticos, entre móveis, imagens de culto, peças de vestuário, utensílios de cozinha, ferramentas de trabalho, fotografias, entre outros itens que fazem a ponte entre uma residência familiar e a imigração italiana na região.

Figura 104 – Fotografias da família Fin. Museu Municipal Casa de Pedra.

Fonte: Prefeitura de Farroupilha/Site. Disponível em: <<http://farroupilha.rs.gov.br/2017/01/27/especial-nossa-farroupilha-conheca-os-museus-casa-de-pedra-e-casal-moschetti-e-amplie-sua-visao-cultural-de-farroupilha/>>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Figura 105 – Dormitório. Museu Municipal Casa de Pedra.

Fonte: Prefeitura Municipal de Farroupilha. Disponível em: <<http://farroupilha.rs.gov.br/portaldoturista/atracoes/museu-municipal-casa-de-pedra/>>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

Figura 106 – Cozinha. Museu Municipal Casa de Pedra.

Fonte: RGS Tur. Disponível em: <<http://www.rgstur.com/museu-municipal-casa-de-pedra-em-farroupilha-rs/>>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

Figura 107 – Cozinha. Museu Municipal Casa de Pedra.

Fonte: Prefeitura Municipal de Farroupilha/Site. Disponível em: <<http://farroupilha.rs.gov.br/2017/01/27/especial-nossa-farroupilha-conheca-os-museus-casa-de-pedra-e-casal-moschetti-e-amplie-sua-visao-cultural-de-farroupilha/>>. Acesso em: 23 Jun. 2018.

Além da ambientação residencial, o museu apresenta objetos relacionados ao trabalho na antiga colônia, relacionados à agricultura, ferraria, carpintaria, tanoaria e produção de vinho.

Figura 108 – Equipamentos de trabalho. Museu Municipal Casa de Pedra.

Fonte: Casa de Pedra/Tripadvisor. Disponível em: <[www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1600110-d2415136-i121995701-Casa de Pedra-Farroupilha State of Rio Grande do Sul.html](http://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1600110-d2415136-i121995701-Casa_de_Pedra-Farroupilha_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html)>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

2.2.9. Casas de Pedra da Família Bratti

Na cidade catarinense de Nova Veneza, destaca-se um conjunto de casas de alvenaria autoportante com pedra aparente denominadas Casas de Pedra da Família Bratti, também conhecidas como Casas de Pedra do Nonno Gigio Bratti. De propriedade privada, o grupo de casas foi inscrito no IPHAN no livro de tombamento Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no de Belas Artes, ambos em 2015, e na Fundação Catarinense de Cultura em 2002³⁴, quando foi restaurado. O conjunto permanece isolado na paisagem, intocada pela urbanização, integrando o Projeto Roteiros Nacionais de Imigração, do IPHAN, que chancela o patrimônio cultural dos imigrantes, contribuindo com o desenvolvimento sustentável das localidades abrangidas (VIEIRA FILHO e WEISSHEIMER, 2011).

As casas começaram a ser construídas pelo imigrante italiano Luigi Bratti em 1891, na colônia Nova Veneza, em alvenaria autoportante de pedras aparentes, aproveitando a matéria-prima natural em abundância.

³⁴ Decreto nº 5.725 de 30 de setembro de 2002. Disponível em: <<http://www.cultura.sc.gov.br/index.php/a-fcc/sobre/patrimoniocultural/benstombados/4422-4422-nova-veneza>>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

Figura 109 – Casas de pedra da família Bratti em Nova Veneza.

Fonte: IPHAN. Disponível em: <http://www.infopatrimonio.org/?attachment_id=28217>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 110 – Casas de Pedra da Família Bratti vistas do alto.

Fonte: Google Street View. Disponível em: <http://www.infopatrimonio.org/?attachment_id=22773>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Ao longo de 14 anos, a residência foi estruturada em três edificações: a primeira abrigada moradia, adega e estábulo, sendo posteriormente destinada somente à estrebaria; quando o segundo filho do casal nasceu, foram construídas outras duas casas, distantes da primeira, sendo uma térrea, com cozinha e adega, modificada depois para cozinha e sala de jantar; e outra de dois pavimentos, com dormitório, no andar superior, e uma sala adaptada

para receptivo. A cozinha era separada dos outros ambientes residenciais, como de praxe, pelo receio de incêndio por parte dos moradores.

Esse conjunto apresenta configuração diversa da maioria das casas preservadas nos tempos atuais, que abrigam os ambientes sob único teto. Seus descendentes testemunham que Bratti era construtor de profissão, tendo sido responsável por diversas edificações na região. As pedras basálticas foram recolhidas na área e sobre o uso desse material o dossiê de tombamento do IPHAN aponta que (IPHAN 2011, p.141):

Abundantes em toda a região, as pedras não podiam deixar de fazer parte da arquitetura construída pelos imigrantes. Todas as etnias as utilizaram, em especial nas fundações, sendo que os italianos foram os únicos a edificarem paredes autoportantes de alvenaria de pedras – muitas delas aparentes na sua face externa.

Internamente, as Casas Bratti apresentam poucos móveis e objetos, selecionados pontualmente para representar o modo de vida dos imigrantes e suas origens. Os móveis de madeira foram feitos artesanalmente, assim como o colchão no quarto de dormir, preenchido de palha de milho.

Tanto a casa, como os objetos estão repletos de nostalgia pelos antepassados, além da comunicação visual modesta na área externa homenagear os avós Bratti, “que vivem ainda nestas pedras”.

Figura 111 – Dormitório. Casa Bratti.

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g3844596-d6510423-Reviews-Casas_De_Pedra_Nono_Luigi_Bratti-Nova_Veneza_State_of_Santa_Catarina.html>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 112 – Sala. Casa Bratti.

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g3844596-d6510423-Reviews-Casas_De_Pedra_Nono_Luigi_Bratti-Nova_Veneza_State_of_Santa_Catarina.html>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 113 – Cozinha. Casa Bratti.

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g3844596-d6510423-Reviews-Casas_De_Pedra_Nono_Luigi_Bratti-Nova_Veneza_State_of_Santa_Catarina.html>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 114 – Cozinha. Casa Bratti.

Fonte: Blog Viajei bonito. Disponível em: <<https://viajeibonito.com.br/o-que-fazer-em-nova-veneza-em-santa-catarina/>>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 115 – Adega. Casa Bratti.

Fonte: Blog Viajei bonito. Disponível em: <<https://viajeibonito.com.br/o-que-fazer-em-nova-veneza-em-santa-catarina/>>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

2.2.10. Casarão dos Veronese

Em Otávio Rocha, distrito de Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul, o Casarão dos Veronese é um museu-casa desprovido de acervo móvel. Foi construído entre 1895 ou 1898 por Felice Veronese, imigrante do norte da Itália que chegou à localidade em 1882 e se destacou no cultivo de videiras e como produtor de vinho e grapa. Após constituir família com Domenica Stella, com quem teve dez filhos, resolveu erguer uma grande casa para abrigar a residência de sua numerosa prole, além de uma cantina doméstica para fabricação de vinho e uma pequena fábrica de pólvora.

Figura 116 – Casarão dos Veronese, década de 1980.

Fonte: Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade Caxias do Sul. Disponível em: <https://biblioteca.ucs.br/gallery3/index.php/IMHC/Ecirs/ecirs-pb/Arquitetura-Rural?page=15>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

A edificação de planta retangular apresentava originalmente dois pavimentos e sótão, entrepisos de madeira constituídos por barroteamento e assoalho de tábuas, e cobertura de duas águas. As paredes foram erguidas com pedras de basalto, abundante no local, com

assentamento em barro, revestida internamente com alvenaria de tijolos, assentados com terra, areia e cal. As diversas janelas de madeira da região – extraídas das araucárias – são assentadas com tijolos. A função residencial perdurou durante décadas, passando a partir de 1919, com a morte do proprietário, para outras duas famílias italianas, e posteriormente por um período de abandono e ruínas até ser adquirida pelo município.

Figuras 117 e 118 – Casarão dos Veronese, década de 1980.

Fonte: Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade Caxias do Sul. Disponível em: <<https://biblioteca.ucs.br/gallery3/index.php/IMHC/Ecirs/ecirs-pb/Arquitetura-Rural?page=12>>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Figura 119 – Casarão dos Veronese em ruínas.

Fonte: IPHAE. Disponível em: <www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=14813>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

Com o passar do tempo, o casarão passou ter importância cultural e a ser visto como símbolo arquitetônico da imigração italiana de Flores da Cunha. Os esforços para a sua preservação foram iniciados em 1980 e, atendendo ao pleito da comunidade, teve o reconhecimento de interesse público formalizado em 1986, no tombamento pelo IPHAE³⁵ por seu valor histórico e arquitetônico, com inscrição no livro do tombamento histórico. A restauração recente – finalizada em dezembro de 2017 – conservou a estrutura remanescente em pedra, incorporando partes de vidro e metal para pontuar o antigo e o novo. Portas e janelas foram recuperadas conforme as características originais, incluindo o restauro dos beirais de tijolos, o piso e a escadaria de madeira que liga os dois pavimentos internamente. Optou-se por fazer uma nova cobertura com telhas metálicas, considerando a ausência das telhas de barro originais.

Figura 120 – Casarão dos Veronese, dias atuais

Fonte: Guia Caxias do Sul. Disponível em: <www.guiadecaxiasdosul.com/turismo/categorias/roteiro-caminhos-da-colonia/casarao-dos-veroneses-645>. Acesso em: 17 Mai. 2018.

³⁵Portaria 044/86 da Secretaria de Estado da Cultura. Disponível em: <www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=14813>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

Atualmente no casarão funciona um centro cultural, em uma ação de parceria entre a prefeitura e a Associação de Amigos de Otávio Rocha, com atividades que vão da visita a oficinas e palestras. Apesar da ausência de ambientação residencial, o programa de visita contempla a história da casa e de seus habitantes no contexto da imigração italiana no município. Mas ainda é precoce teorizar sobre a poética de imersão na casa enquanto residência, visto que fora aberta à visitação recentemente e que abriga um centro cultural com auditório e bistrô, o que poderia dispersar a experiência. Registrá-la neste estudo pode contribuir para o futuro da casa, ao inseri-la na discussão da poética dos espaços vazios e incentivar a produção de exposições temporárias que reconstituam parcialmente alguns ambientes, de modo a oferecer ao visitante a oportunidade de conhecer o viés residencial com os equipamentos domésticos. São experiências que, aliás, todas as casas abordadas neste estudo poderiam considerar.

Figura 121 – Casarão dos Veronese, vista interna.

Fonte: Prefeitura Flores da Cunha. Disponível em: <www.floresdacunha.rs.gov.br/turismo_int.php?id=90>. Acesso em: 30 Mai. 2018.

2.2.11. Casa Buzzi

Localizada em Ascurra, no estado de Santa Catarina, a Casa Buzzi foi construída em 1886 por Giovanni Buzzi e seus filhos Ferdinando, Batista, Emilio e Tranquillo, com o apoio de cinco colonos, em alvenaria autoportante de tijolos aparentes, feitos artesanalmente.

Giovanni Costantino Buzzi viera de Cremona, na província da Lombardia, no norte da Itália, ao lado de sua esposa Pazienza e de seis filhos, chegando na colônia Blumenau em 1876, sendo então encaminhados para o núcleo São Paulo, atual município de Ascurra. O patriarca se tornou homem de confiança do Governo na direção da colônia, tendo prosperado economicamente, o que se verifica na casa que sediou sua residência, considerada mansão para os padrões da época. A importância que essa personalidade adquiriu ao longo do tempo tem o crivo da Câmara de Vereadores local, em que 1975 o declarou oficialmente fundador do município.

Tombada pelo Iphan em 2007³⁶, no âmbito das edificações e núcleos urbanos e rurais relacionados com a imigração em Santa Catarina, a casa foi inscrita nos livros de tombamento histórico e de belas artes em 2015.

Figura 122 – Casa Buzzi em Ascurra.

Fonte: Portal IPHAN. Disponível em: <www.infopatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/07/Casa-Buzzi-Imagem-Iphan.jpg>. Acesso em 05 Jan. 2018.

A Casa Buzzi apresenta fachada frontal simétrica, com diversas janelas no térreo e no primeiro pavimento, com grande espaçamento entre si. As proporções são ressaltadas no pé direito alto e na cobertura com telhas francesas. Internamente, os ambientes foram concebidos para as funções de sala, quartos e cozinha dispostos no térreo, enquanto o

³⁶ IPHAN. Bens Tombados e processos de tombamento em andamento – Santa Catarina. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Santa_catarina_bens_tombados_novembro_2017.pdf>. Acesso em 10 Mai. 2018.

pavimento superior era composto por sala e quatro dormitórios, com acesso por meio de escada de madeira.

Floriano analisa esta casa abordando a “volumetria de dois pavimentos e cobertura em quatro águas, onde se observa todo um repertório da arquitetura vernácula da área rural italiana” (FLORIANO, 2006, p. 677). O especialista observa ainda que essa construção integra “marcos referenciais importantes na paisagem da região, que representam a nível espacial a materialização desse processo que se inicia em 1875 com famílias da região de Trento, Vêneto e Lombardia”, da Itália.

Atualmente, a propriedade integra os Roteiros Nacionais de Imigração por ser considerada monumento arquitetônico da imigração italiana. No entanto, a visitação pública ainda se encontra restrita, visto que a casa aguarda restauro. O atual proprietário, Wilson Buzzi, acompanha as visitas no interior da antiga residência, que exhibe apenas um piano, pinturas parietais com frisos de uvas e folhas de parreira – alusivos ao cultivo da uva –, além meia dúzia de quadros e da representação em afresco do Coração de Jesus, que anunciava boas novas, segundo as crenças locais.

Em seu discurso, repleto de memória afetiva, o “guia familiar” destaca que a casa fora batizada em homenagem a Santo Ambrogio, padroeiro da cidade-natal do antepassado, revelando a importância da religiosidade para a família ancestral³⁷, que se instalou em uma colônia de agricultores católicos. A narrativa espontânea e desprovida das técnicas desenvolvidas nos museus dá um tom pitoresco à experiência.

À diferença das casas visitáveis que apresentam cômodos mobiliados e com objetos representativos das rotinas domésticas, a Casa Buzzi e sua ausência de móveis e objetos não deixa de encantar. Os testemunhos dos visitantes revelam que a imaginação reconstrói essas lacunas ao adentrar os espaços vazios, em uma poética que Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço*, teoriza como de sonho (2008, p. 25):

Veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou, inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.

³⁷ Entrevista de Wilson Buzzi, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=5foX42CO0Vw>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

Figuras 123 e 124 – Casa Buzzi, vista interna.

Fonte: Prefeitura Municipal de Ascurra. Disponível em: <www.ascurra.sc.gov.br/turismo/guia/detalhe/16011>. Acesso em: 05 Jan. 2018.

Figura 125 – Afresco do Sagrado Coração de Jesus. Casa Buzzi.

Fonte: Prefeitura Municipal de Ascurra. Disponível em: <www.ascurra.sc.gov.br/turismo/guia/detalhe/16011>. Acesso em: 05 Jan. 2018.

2.2.12. Museu da Imigração Italiana de Quiririm

Em Quiririm, distrito de Taubaté, no interior de São Paulo, o casarão inspirado na arquitetura do norte da Itália exerceu a função de moradia da família Indiani de 1903 a 1958, ficando desabitado até meados da década de 1990, com declaração de utilidade pública pela Câmara Municipal em 1985. Sem manutenção e sob ameaça de desabamento, foi submetido a uma grande reforma em 1995, subsidiada pela Prefeitura de Taubaté, no âmbito de um projeto da comunidade de origem italiana, que pleiteava a instalação no local de um museu que os representasse. Em 1997, o imóvel foi tombado como patrimônio público municipal pelo Decreto nº 8.483 de 16/05/1997.

Figura 126 – Casarão dos Indiani em ruínas, antes da reforma na década de 1990.

Fonte: Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Os primeiros moradores, Gaudenzio Indiani e sua esposa Blandina Faraboli, vieram de Calvatone, comuna da província italiana de Cremona, na região da Lombardia, chegando ao Porto de Santos em 1892. Após o período de praxe na Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, seguiu para a Fazenda do Quilombo, também chamada Fazenda Barreiro, no Vale do Paraíba. Dois anos depois, devido às dificuldades comuns entre os colonos, o casal mudou-se para a Colônia de Quiririm, juntamente com os seis filhos. No povoado, construíram sua casa com tijolos artesanais, dada a abundância de argila na região de várzea, onde residiram e

montaram uma olaria, como testemunha José Indiani, neto da primeira geração que habitou o sobrado:

Meu avô, Gaudêncio Indiani, quando desembarcou da Itália no porto de Santos, foi para São Paulo e depois foi encaminhado para a fazenda Barreiro, do Coronel Marcondes de Mattos para cultivar café. Mas lá não deu certo, chegaram pobres, saíram miseráveis. A família toda foi tirada de lá e trazida para a fazenda Quiririm, e aqui as coisas melhoraram (...) meu avô ficou com uma terra de 6 alqueires, e como tinha boa argila e lenha em fartura, ele montou uma olaria. (...) Então aproveitando as fornadas da olaria, eles foram produzindo os tijolos que foram usados para subir o casarão. A construção foi lenta e durou de 1896 a 1903³⁸.

Figura 127 – Fachada do Museu da Imigração Italiana de Quiririm em Taubaté.

Fonte: Foto da pesquisadora.

³⁸ Entrevista de José Indiani à Revista Vitti, disponível em: <<http://revistavitti.com.br/2016/03/entrevista-jose-indiani/>>. Acesso em: 12 Mai. 2018.

Nos primeiros anos de moradia, o casarão tinha os tijolos aparentes, como visto na figura 13, mas foram rebocados posteriormente, opção conservada na reforma de 1995, que consistiu em um trabalho minucioso de reconstituição das características originais da casa, contando com a supervisão de José Indiani. A participação do antigo morador contribuiu com testemunhos sobre as características da construção, o que possibilitou a reconstituição de lacunas, a exemplo do muro no entorno da casa, reconstruído em tijolos feitos artesanalmente a partir da forma original, disponibilizada por um morador local.

Figura 128 – Tijolos da olaria Indiani. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Alguns tijolos produzidos na olaria dos Indiani encontram-se expostos no Museu da Agricultura, instalado em 2003 ao lado do casarão, que expõe fotografias, maquinário e instrumentos de trabalho relacionados às atividades econômicas desenvolvidas no Vale do Paraíba entre as décadas de 1920 e 1950, como agropecuária de subsistência e de abastecimento das regiões mineradoras e de produção da cana-de-açúcar, rizicultura, olaria e produção de cordas.

Na área externa do museu, podem ser vistos alguns testemunhos da antiga residência, como a inscrição “aprile 1903³⁹” em um dos degraus, que marca a data de inauguração da casa, um poço que fornecia água para o consumo, além de dois banheiros e uma parreira.

³⁹ Abril de 1903. Tradução livre da pesquisadora.

Figuras 129, 130, 131 e 132 – Vista do piso original da olaria na área externa do museu, onde também se vê o Museu da Agricultura; poço desativado; banheiros externos; parreira no quintal. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Fotos da pesquisadora.

Figuras 133 e 134 – Entrada do museu; escada reconstituída a partir de elementos da original; pintura mural de Basílio Indiani com vista da cidade italiana de Cremona. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Fotos da pesquisadora.

No interior do museu, a nostalgia é evidente. Ao lado da porta principal, uma chapeleira com chapéus antigos; a escadaria de madeira reconstituída a partir de fragmentos da original; pinturas murais realizadas por Basílio Indiani, um dos últimos moradores, com paisagens de Cremona que mostram similaridades da arquitetura local com o casarão dos Indiani no Brasil; e fotografias do casal pioneiro, os patriarcas da família Indiani em Quiririm, em destaque na museografia.

Figuras 135 e 136 – Fotografias de Gaudenzio Indiani e Blandina Feraboli. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Adaptado de foto da pesquisadora no espaço museal.

Dois ambientes foram mobiliados de modo a representar suas funções residenciais. No dormitório, peças de mobília mostram como um quarto de solteiro era organizado, com guarda-roupa, cômoda, penteadeira, cama unitária e criados mudos; gomil e lavândula para

higiene pessoal, ladeados por quadros com a heráldica da família Indiani; peças de vestuário com detalhes bordados e rendados no interior dos móveis de guarda, incluindo peças de crochê que destacam ofícios femininos; calçados de couro e roupas típicas da *tarantella*; estatuetas que flagram os santos de devoção, como São Francisco de Assis e a representação da Pietá. Na cozinha, dois fogões a lenha e um elétrico mostram como os alimentos eram cozidos e assados, e as melhorias tecnológicas que esse tipo de espaço ganhara durante a primeira metade do século XX; uma grande mesa de refeições preenche o espaço, como se uma família italiana numerosa ainda estivesse ali; além de utensílios relacionados ao preparo dos alimentos.

Figura 137 – Dormitório. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Portal de Taubaté. Disponível em: <www.taubate.com.br/portal/Acidade/MuseuImigracaoItaliana.aspx>. Acesso em: 16 Jan. 2016.

Figuras 138 e 139 – Fogões a lenha e elétrico. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Fotos da pesquisadora.

Figura 140 – Mesa de refeições. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Além dos ambientes que evocam a memória residencial, outros remetem a famílias italianas que, a partir de 1891, estabeleceram-se na colônia agrícola que deu origem ao distrito de Quiririm. Muitas dessas famílias se uniram para a formação da Società 30 di Aprile. Painéis destacam os sobrenomes e a trajetória deles na região, também mencionados nas legendas dos

objetos, pontuando o cada uma doou para o museu. Muitas das ações promovidas pela Società também estão destacadas em diversos ambientes. Uma sala de aula foi montada com móveis escolares, de modo a referenciar a educação infantil a cargo das famílias pioneiras nos primeiros tempos de Quiririm.

Figura 141 – Sala de aula. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Foto da Pesquisadora, fevereiro de 2018.

Os objetos expostos flagram a rotina doméstica, a religiosidade, o artesanato, o trabalho rural, as questões linguísticas, o gosto, a musicalidade, em uma inter-relação que testemunha a vida passada.

Figura 142 – Detalhes da exposição. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Composição da pesquisadora a partir de imagens do Circolo Italiano de Taubaté. Disponível em: <www.circoloitalianoditaubate.com.br/>. Acesso em: 16 Jan. 2016.

As trajetórias dos imigrantes se cruzam nos museus-casas, visto que se tratam de locais que testemunham esse processo, promovendo reflexões sobre o passado, o presente e o futuro. Ressignificando o passado no presente, os museus-casas promovem empatia em quem os visita, que se reconhece nesse cosmos, tornando a casa simbolicamente morada de todos e símbolo da identidade cultural.

Estou escrevendo daqui de Quiririm. Há um sol muito bonito, uma brisa que acaricia o meu rosto. Fizemos o preparo da terra... plantamos um arrozal de dar gosto. A terra daqui tem um cheiro forte, tem o calor de um abraço de amor. Mamma! Eu já antevejo os cachos louros como os cabelos de uma criança, revelando o cantochão da terra. Dê um abraço ao padre Genaro... beijos a todos daí... Quando o sino tocar, em nossa capelinha, reze por mim. Diga a Deus que eu estou construindo e afagando a terra de uma pátria distante, mas já tem o formato do meu rosto. Beijos, Carlo⁴⁰.

Em dias festivos relacionados à fundação das cidades e aos imigrantes ali estabelecidos, os programas educativos desses museus fazem a mediação da memória das casas com as heranças culturais, enquanto manifestações populares ganham vida no entorno,

⁴⁰ Transcrição de um cartão-postal em destaque na expografia do Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

sobretudo nas festividades relacionadas à imigração, ocasiões em que procissões, bailes, floradas e preparação coletiva de comidas típicas celebram o espírito italiano.

O museu integra a programação da Festa Italiana de Quiririm, organizada anualmente desde 1989 pela comunidade, dentre as ações que visam manter vivas a memória do distrito e a cultura dos imigrantes que ali se instalaram. Outras comemorações que se destacam são as festas de Santa Lucia, de Santo Antônio e da Imaculada, representativas da devoção católica.

Figura 143 – Homenagem aos 100 anos do casarão Indiani. Festa da Imigração Italiana de Quiririm, 2003.

Fonte: Blog Vale Pensar. Disponível em: <<http://valepensar.net/2034-2/>>. Acesso em: 12 Mai. 2018.

A gestão do museu já esteve a cargo da Associação Circolo Italiano di Taubaté, por meio de concessão administrativa, entre junho de 2011 e janeiro de 2016. Nesse período o museu sediou diversas ações voltadas a potencializar sua função cultural, pedagógica e social, como o Projeto Museu Dinâmico, que realizou oficinas culturais, exposições, seminários, entre outras atividades extra-muros; e o Projeto Prosa no Museu, que promoveu debates sobre temas de importância para a comunidade, sobretudo relacionados à identidade do Vale do Paraíba.

2.2.13. Museu Casa de Portinari

O Museu Casa de Portinari é uma casa de personalidade que apresenta como protagonista o pintor Candido Portinari, destacando sua trajetória de vida e as pinturas que o artista realizou usando as paredes da edificação como suporte, razão pela qual a propriedade foi tombada e musealizada. Apesar desse protagonismo, a história da casa está enraizada na família Portinari, responsável pela edificação e que habitou seus espaços até a década de 1960. O pai de Candido, Giovanni Battista Portinari, a avó Pellegrina e a mãe Domenica Torquato eram imigrantes vênnetos que chegaram ao Brasil no final do século XIX, em momentos distintos, e são destacados em diversos momentos na exposição “Narrativas de uma vida: um pintor, um tempo, um lugar”.

A museóloga e gestora do museu, Angelica Fabbri, registra que Domenica Torquato chegou primeiro ao Brasil, em 1888, ainda criança, acompanhada dos pais e de quatro irmãos, provenientes de Rosà, comuna do distrito de Bassano, na província de Vicenza. O pai, Giuseppe Torquato, era artesão e vinha de família de funcionários públicos; a mãe, Maria Sandri, de família de agropecuários que exportava frutas e aves para o Tirol. Tinham destino ao porto do Rio de Janeiro, para então dirigir-se a Nova Friburgo, mas o navio aportou primeiro em Santos e um equívoco no desembarque os conduziu de trem a Brodowski, no interior de São Paulo, sendo introduzidos na colônia de Morro Alto como agricultores na Fazenda Fartura e, posteriormente, na Fazenda Santa Rosa.

Giovanni Battista Portinari chegou ao Brasil em 1894, juntamente com os pais, Candido Portinari e Pellegrina Massoco, além de cinco irmãos. Eram da comuna de Chiampo, província de Vicenza, tendo desembarcado no porto do Rio de Janeiro, com destino a Juiz de Fora, no interior de Minas Gerais. Um ano depois, migraram para Jardinópolis, no interior de São Paulo, onde trabalharam como agricultores na Fazenda Visconde de Parnaíba, em seguida transferindo-se para a Fazenda Santa Rosa, onde conheceram Domenica Torquato e sua família.

Domenica e Battista se casaram muito jovens, ela ainda adolescente e ele passando dos 18 anos. Em 1906, quando tinham três filhos, entre eles Candido Portinari, mudaram-se para as cercanias da estação de trem Brodowski – que recebeu o nome do engenheiro que a construiu –, onde se estabeleceram como comerciantes e deram continuidade à sua numerosa família, que contou com o nascimento de mais nove membros e a companhia de Pellegrina, mãe de Battista. Candido testemunha que chegaram quando o povoado estava em formação,

ocupado por famílias morando no entorno da estação de trem. Nessa época, cerca de trezentos e cinquenta imigrantes italianos moravam no local. Posteriormente, em 1913, o povoado foi elevado à categoria de município, oficializado com o mesmo nome.

Nasci numa fazenda de café. Meus pais trabalhavam na terra... Mudaram-se da fazenda Santa Rosa para a estação de Brodósqui – onde não havia ainda povoado; eu devia ter dois anos de idade.⁴¹

Fixados na cidade, Battista tocava na banda local e já tinha muitos amigos, que lhe ajudaram em diversos momentos da vida, inclusive na construção da casa, erguida em 1908 em regime de mutirão. A casa constitui exemplar de construção vernacular em alvenaria de tijolos de barro, cobertura com telhas do tipo colonial, contornada por lambrequins, piso com assoalho de madeira e ladrilho hidráulico. A edificação sofreu modificações e ampliações até a década de 1950 para adequar os espaços às necessidades da família, e por isso apresenta elementos de características diversas instalados ao longo desse tempo, como portas, janelas, paredes e acabamentos.

A casa simples da família Portinari “cresceu desordenada, sem planejamento, junto com a família que também foi crescendo”, como aponta o vídeo institucional (MUSEU CASA DE PORTINARI, 2016). Além de ganhar aposentos, sofreu melhorias quando Candido já era um importante artista. Mesmo tendo ido morar no Rio de Janeiro e no exterior, nunca deixou de voltar à casa de Brodowski, até sua morte, em 1962. O local continuou sendo habitado pela mãe e pela irmã de Portinari até 1965, vindo a ser tombado pelo IPHAN em 1968⁴², com inscrição nos livros de tombo histórico e de belas artes, e pelo CONDEPHAAT em 1970⁴³, com inscrição no livro de tombo histórico. Em 1969, o imóvel foi adquirido pelo Governo de São Paulo para ser restaurado e transformado em museu, inaugurado no ano seguinte com a presença da mãe do artista.

Entre 2013 e 2014, o museu-casa passou por novo restauro e por uma reformulação museológica, apresentando na reinauguração uma exposição que interpreta a relação do pintor com a casa, a família e a cidade. O museu dispõe de mais de seiscentos itens de valor histórico e artístico, incluindo casa, edícula, capela, jardim, pinturas murais e desenhos, mobiliário, utensílios de uso doméstico, do ofício de artista e de uso pessoal, vestuário,

⁴¹ Disponível em <<https://www.museucasadeportinari.org.br/candido-portinari/linha-do-tempo/de-1903-a-1918>>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

⁴² Processo 801/68. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_processos_andamento_2018>. Acesso em: 05 Jun. 2018.

⁴³ Processo 16223/70. Disponível em: <<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/casa-de-candido-portinari/>>. Acesso em: 05 Jun. 2018.

fotografias e documentos, conforme elenca seu plano museológico (FABBRI e ZOLCSAK, 2018). A ambientação dos espaços apresenta cômodos que permaneceram com as funções originais e outros que foram adaptados para receber expografia e atividades educativas com recursos tecnológicos.

Figura 144 – Museu Casa de Portinari, década de 1970.

Fonte: APESP. Disponível em: http://200.144.6.120/uploads/acervo/iconografico/fotos/secretaria_governo/BR_APESP_SEGOV_ICO_NEG_2_462_01.jpg. Acesso em: 05 Jun. 2018.

Figura 145 – Museu Casa de Portinari, dias atuais.

Fonte: Museu Casa de Portinari. Disponível em: www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/fotos-do-museu. Acesso em: 21 Mai. 2018.

“A casa de Portinari conta sua história através dos detalhes”, como sinaliza o vídeo institucional (MUSEU CASA DE PORTINARI, 2016). A curadoria coloca em diálogo a história da edificação, a vida cotidiana e a trajetória de Candido como artista e sua relação afetiva com o reduto familiar e a cidade. Sobre a casa, além da própria edificação musealizada, uma das salas apresenta uma maquete eletrônica que expõe o processo de expansão entre a construção original e o complexo que constitui o museu na atualidade. Também são evidenciados o método construtivo, os materiais empregados ao longo das reformas, e as camadas pictóricas das paredes em prospecções realizadas durante o último restauro.

No percurso de visitação, fotografias e citações do artista testemunham a casa e a presença marcante de sua família, além da genealogia exposta em um dos espaços:

Nosso quintal estendia-se por todos os lados, podia-se brincar. Meu pai nunca teve ideia de propriedade. O mundo para ele não passava de baldeação, onde todos podiam alegrar-se com os espetáculos grátis que as flores, os ventos, os mares, os jardins ofereciam. O quintal vivia repleto de madeira e uns barracos onde guardava milhões de coisas (...).

O sol e a lua moravam atrás de nossa casa. Quantas vezes vi o sol parado. Éramos os primeiros a receber sua luz e calor. Em muitas ocasiões ouvi a lua cantar. Esmerava-se para aparecer nitidamente redonda. Candido Portinari.

Figura 146 – Fotografia da família Portinari reunida na antiga varanda de casa. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Vídeo institucional – Museu Casa de Portinari. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/videos>. Acesso em: 05 Jun. 2018.

A presença familiar é fortemente sentida na composição dos ambientes que remetem à vida cotidiana, como a grande mesa da sala que reunia os Portinari nos momentos de refeição; na cozinha, com a receita da polenta em destaque, o fogão a lenha, os utensílios relacionados ao café, as cadeiras de taboa⁴⁴ confeccionadas por Battista; no dormitório das irmãs de Candido, com a máquina de costura e os bordados; no jardim, com os bancos em que todos se reuniam para uma prosa e as roseiras cultivadas por Domenica; no tanque de lavar roupa, na capela da *nonna*, enfim, em cada canto da casa.

Relembrando o Nono, a Nona, o tio Bepe, a Noninha Peregrina (para quem meu pai fez a capelinha), naquelas noites em que a família inteira – gente de todas as idades – ficava reunida em torno da grande mesa de jantar. (...) Jogava-se víspera, usando feijão para marcar as cartelas, ao som da voz da Nona, que cantava os números com sotaque italiano: trenta i due, e lá íamos nós, colocando o grão de feijão na casa do 32... O café sempre quentinho no bule de metal que ficava sobre o fogão de lenha, a polenta milagrosa do café da manhã (...) ⁴⁵.

Figura 147 – Mesa de jantar em destaque. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Adaptado de Museu Casa de Portinari/Site. Imagem original disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/fotos-do-museu>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

⁴⁴ Vegetal típico de terreno alagadiço, muito utilizado para a confecção de assentos e esteiras.

⁴⁵ Depoimento de João Candido Portinari. In: KLINTOWITZ, 2017, p. 17.

A *nonna* Pellegrina foi imortalizada por Candido em um dos afrescos que mostra o seu perfil, além da capela erguida para sua devoção e para atender às necessidades da matriarca, cuja saúde frágil a impedia de se deslocar até a igreja mais próxima. O interior da capela volta a imortalizar fisionomias, pois rostos de parentes e amigos foram emprestados aos santos, que também flagram as devoções de preferência da avó e da família.

Figura 148 – Perfil da *nonna* Pellegrina, afresco de Candido Portinari. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Adaptado de Museu Casa de Portinari/Site. Imagem original disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/fotos-do-museu>. Acesso em: 30 Mai. 2018.

Figura 149 – Capela da *nonna*. Museu Casa de Porinari.

Fonte: Museu Casa de Portinari/Site. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/fotos-do-museu>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

A família Portinari era devotada ao catolicismo, e a produção artística de Candido incorporada à casa reflete essa influência temática. As pinturas murais de São Jorge, Coração de Jesus, São Francisco de Assis e Santa Luzia flagram os santos prediletos, além do canteiro no jardim compor a palavra *Dio* (Deus na língua italiana).

Dos ambientes preservados em suas funções, a cozinha constitui exemplar representativo das cozinhas italianas, com o fogão de alvenaria, construído para funcionar a lenha, porém adaptado a gás no decorrer dos anos, como ocorreu em muitas residências, e as cadeiras com assento de palha, presença quase absoluta nos museus-casas na Itália e dos imigrantes italianos no Brasil.

Battista Portinari mantinha em casa uma pequena carpintaria para o fabrico de móveis artesanais e um armazém. Assim, a casa congregou espaço residencial e de trabalho, cujo ofício contava com o envolvimento da família. Esses primeiros tempos na casa têm na memória de Cândido um testemunho importante:

No local viviam com meus pais, minha vó paterna, um tio e uma tia, ambos irmãos de meu pai. Lembro-me vagamente da casa e do armazém; havia um quarto cheio de melancias e de caixas de vinho do Porto. Estas caixas vinham sempre com surpresa. Grande foi minha alegria quando numa veio um pequeno canivete com cabo de madrepérola.⁴⁶

Com camaradas íamos à mata cortar madeira. Dava-me aflição assistir às derrubadas barulhentas e assustadoras. Um pau poderia matar alguém. Com meu irmão e outros garotos “camaradas” íamos ao brejo cortar taboa que servia para empalhar cadeiras. Dentro d’água não era perigoso. Na beirada, era lugar de urutu, a mais perigosa serpente⁴⁷.

Figura 150 – Fogão a lenha. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Adaptado de Museu Casa de Portinari/Site. Imagem original disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/ngg_tag/museu-casa-de-portinari>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

⁴⁶ Disponível em <<https://www.museucasadeportinari.org.br/candido-portinari/linha-do-tempo/de-1903-a-1918>>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

⁴⁷ Apud FABBRI, s.d., não publicado.

Figura 151 – Cozinha. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Museu Casa de Portinari/Site. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/fotos-do-museu>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Toda casa também tem uma alma. E em casa de família italiana a alma quase sempre fica na cozinha. Se tem fogão de lenha, então, dá pra sentir a força, o cheiro e até o gosto dessa alma. Aqui a família se reunia, sentada nas cadeiras de palha de taboa saídas das mãos de seu Battista (...) ⁴⁸.

O modo de fazer o trançado de palha pelos italianos preserva-se após um século de imigração, como registra o estudo sobre o artesanato de palha nas colônias de italianos no Rio Grande do Sul, empreendido pelo Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul, e as ações educativas do Museu Casa de Portinari.

Figura 152 – Registro da confecção de cadeira em palha na década de 1980.

Fonte: Projeto ECIRS/UCS. Disponível em: <<https://biblioteca.ucs.br/gallery3/index.php/IMHC/Ecirs/ecirs-pb/palha/ECIRS-PB-6330-NF>>. Acesso em: 23 Mai. 2018.

⁴⁸ Trecho do vídeo institucional do Museu Casa de Portinari. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/videos>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figura 153 – Ação educativa para o IX Encontro Brasileiro de Museus-Casas e Casas Históricas, 2015. Museu Casa de Portinari.

Fonte: foto da pesquisadora.

Dentre esses saberes perpetuados no museu, também são destacados o modo de preparar a polenta tipicamente italiana, cuja receita provavelmente registra essa prática no Vêneto, de onde veio a família Portinari, além do modo de fazer os bordados. Representam ofícios femininos, cujas tradições são passadas de mãe para filha.

Figura 154 – Receita da tradicional polenta italiana na comunicação visual da exposição.

Fonte: Museu Casa de Portinari. Disponível em: <https://www.museucasadeportinari.org.br/ngg_tag/museu-casa-de-portinari>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

Figura 155 – Receita da tradicional polenta italiana no Twitter, em ação educativa para o Museum Week 2016. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Museu Casa de Portinari/Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/casadeportinari/status/715610885335552001>>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

“Das mãos das mulheres da família nasciam bordados e rendas, costuras e histórias”, narra o áudio da exposição, em diálogo com os têxteis expostos no quarto das irmãs, onde também figura uma máquina de costura.

Figura 156 – Quarto das irmãs Portinari. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Museu Casa de Portinari/Site. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/fotos-do-museu>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

Figuras 157 e 158 – Máquina de costura e detalhe do trabalho manual. Museu Casa de Portinari

Fonte: Adaptado de Museu Casa de Portinari/Site. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/fotos-do-museu>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

2.2.14. Casa da Memória Italiana

Próximo a Brodowski, em Ribeirão Preto, a Casa da Memória Italiana representa uma moradia urbana típica das primeiras décadas do século XX, erguida em alvenaria autoportante de tijolos produzidos por olarias locais. A casa fora construída entre 1923 e 1925 por uma fazendeira da região, de origem portuguesa, que ali viveu alguns anos, tendo sido adquirida em 1941 pelo italiano Pietro Biagi, prática comum entre os imigrantes que prosperavam economicamente.

Pietro chegou ao Brasil com apenas seis anos, acompanhado dos pais, no final do século XIX, provenientes da comuna de Pádua, na região do Vêneto. Foram residir e trabalhar na Fazenda Itatiba, mas acabaram deixando o local em 1890, como ocorreu com muitas famílias imigrantes, fixando-se em Sertãozinho, onde trabalharam na lavoura de cana-de-açúcar, com a produção de aguardente e com olaria, na propriedade batizada de Lagoa de Itaré. Em 1909, Pietro, já casado com Eugenia Viel, adquiriu em Pontal uma propriedade rural, denominada Sítio Vargem Rica, onde atuou com as mesmas atividades de seu pai. Ao longo dos anos Pietro expandiu os negócios, quando em 1936, já com doze filhos, comprou uma usina de açúcar e, em 1941, uma casa no centro de Ribeirão Preto.

A casa em estilo *bungalow* foi construída entre 1923 e 1925 para abrigar a moradia da fazendeira Joaquina Evaristo Meirelles. Após a compra pelos Biagi, a casa foi habitada até o falecimento da última moradora, Angela Biagi, em 2012, quando então foi restaurada para abrigar o Instituto Casa da Memória e a Casa da Memória Italiana.

Figura 159 – Fachada da Casa da Memória Italiana em Ribeirão Preto.

Fonte: Casa da Memória Italiana. Disponível em: <www.casadamemoriaitaliana.com.br/arquitetura/>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

Figura 160 – Pietro Biagi, a esposa Eugenia e os doze filhos. Casa da Memória Italiana.

Fonte: Casa da Memória Italiana/Site. Disponível em: <[www.casadamemoriaitaliana.com.br/linha-do-tempo/#ctl_prettyPhoto\[pp_gallery-200\]/0/](http://www.casadamemoriaitaliana.com.br/linha-do-tempo/#ctl_prettyPhoto[pp_gallery-200]/0/)> Acesso em: 16 Jun. 2018.

A mobília exposta é original da casa na década de 1920, que foi vendida com “porteira fechada”, que no jargão popular indica que foi repassada com tudo o que havia dentro por ocasião da compra. Diversas peças em estilo afrancesado foram produzidas por imigrantes italianos, o que reflete a mimese do gosto europeu nos ambientes aristocráticos. Os móveis em estilo Luís XVI que ocupam a sala de visitas foram produzidos pelos irmãos Gino

e Renato Ghilardi, mestres do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, enquanto a da sala de jantar fora produzida pela Fábrica de Móveis Miguel Nardella.

Figura 161 – Sala de visitas com móveis em estilo Luís XVI. Casa da Memória Italiana.

Fonte: Casa da Memória Italiana/Site. Disponível em: <www.casadamemoriaitaliana.com.br/arquitetura/>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

Figura 162 – Sala de jantar. Casa da Memória italiana.

Fonte: Casa da Memória Italiana/Site. Disponível em: <www.casadamemoriaitaliana.com.br/arquitetura/>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

A reprodução de estilos do passado no mobiliário era uma forte tendência no Brasil, influenciada pelo gosto francês que vinha reverenciando modelos de seus antigos monarcas, e pela divulgação de ebanistas que vinham se destacando nas exposições universais. Essa transposição se observa na importação de móveis, quase que exclusivamente da França e da Inglaterra, com a intermediação da Casa Mappin Stores, como aponta Bardi (BARDI, 1997, p. 186), ou trazidos pelas próprias famílias em porões de navios, após viagens a esses países. Uma vez figurando nas salas das famílias economicamente prósperas, passam a servir de modelos para as fábricas locais e para os liceus na capital paulista e no interior de São Paulo.

Na Itália observa-se a mesma tendência, pois em diversas residências do final de século XIX e início do século XX figuram conjuntos de mobília semelhantes, nesse país classificados como estilo Neoclássico. Os móveis produzidos para a burguesia italiana são muito similares aos franceses no estilo Luís XVI (FIORATTI, 2004, p. 220).

A separação da sala de jantar da cozinha, enquanto ambientes destinados às refeições, difere do encontrado nas casas rurais, visto que esta última reunia em um mesmo ambiente os utensílios e equipamentos destinados à fatura do alimento e a grande mesa capaz de congrega a numerosa família italiana.

Enquanto na casa burguesa a sala de visitas é o coração da casa, na casa do camponês italiano a cozinha desempenha esse papel.

A cozinha é o ambiente em que se verificam as maiores transformações nas residências ao longo do tempo, devido, sobretudo, aos ganhos tecnológicos que levaram à produção de utensílios cada vez mais modernos, cuja aquisição variava conforme as posses dos moradores. Assim, em um museu-casa urbano e típico da aristocracia, vê-se fogões a gás, em substituição aos alimentados a lenha, além de eletrodomésticos e serviços de jantar sofisticados. Outra diferença marcante está na separação do espaço de preparação de alimentos da sala de jantar, pontuando as hierarquias entre empregados e patrões.

Na cozinha do museu-casa, a presença de fogões a gás e elétrico testemunha como o avanço tecnológico proporcionou melhorias na qualidade de vida das pessoas, assim como as instalações dos banheiros, que passaram a incorporar chuveiros a gás e movidos a eletricidade, na medida em que a cidade foi provida de saneamento e energia.

Os banheiros são costumeiramente sacrificados para dar lugar ao serviço administrativo dos museus, por isso são poucas as casas que conservam tais ambientes. A Casa da Memória Italiana preserva todas as áreas de higiene pessoal, revelando um hábito comum entre famílias italianas do Vêneto: a separação dos espaços de acordo com suas

funções. Em um recinto, tem-se o vaso sanitário; em outro vê-se pia, bidê, banheira e chuveiro, distinguindo o local das necessidades fisiológicas do local de higienização do corpo.

Figura 163 – Cozinha. Casa da Memória Italiana.

Fonte: Casa da Memória Italiana. Disponível em: <www.casadamemoriaitaliana.com.br/arquitetura/>. Acesso em: 13 Mai. 2018.

Figuras 164, 165 e 166 – Vaso sanitário em ambiente separado da área de banho, com chuveiro, bidê e banheira. Casa da Memória Italiana.

Fonte: Fotos da pesquisadora.

Os dormitórios seguem o padrão das casas em geral, com cama, criados mudos, cômoda e guarda-roupa, além das imagens de devoção católica, distinguindo-se das casas camponesas pela sofisticação do ambiente, do mobiliário de estilo, das peças de vestuário e objetos de uso pessoal. A ausência do baú de viagem é sentida, que para muitas famílias servia de móvel de guarda e de item afetivo, devido à sua carga simbólica que remete ao país de origem.

Figura 167 – Penteadeira do quarto de casal. Casa da Memória Italiana.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Figura 168 – Representação da Madonna no dormitório de casal. Casa da Memória Italiana.

Fonte: Foto da pesquisadora.

2.2.15. Museu Municipal Casal Moschetti

Construída em 1958, a casa com linhas *art déco* que desde 1972 abriga o Museu Municipal Casal Moschetti e o acervo residencial dos italianos que lhe dão nome – Luis Moschetti e Lydia Giannoni Moschetti –, abrigou inicialmente a residência do Monsenhor Thiago Bombardelli, líder religioso de origem italiana que exerceu o sacerdócio no município de Farroupilha por mais de quarenta anos.

Figura 169 – Museu Municipal Casal Moschetti em Farroupilha.

Fonte: Prefeitura Municipal de Farroupilha/Site. Disponível em: <http://farroupilha.rs.gov.br/portaldoturista/atracoes/museu-municipal-casal-moschetti/>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Lydia Bastogi Giannoni nasceu em 1888 na comuna de Fucecchio, na Toscana e descendia de família nobre. Devido a uma crise financeira, migrou com 19 anos para o Brasil, juntamente com a mãe e as irmãs. Em São Paulo, conheceu o também italiano Luis Moschetti, engenheiro que estava prosperando economicamente. Em 1921, já casados, mudaram-se para Porto Alegre, e na capital gaúcha empreenderam diversas obras assistenciais.

Além de filantropa, Lydia era professora, escritora, pintora de cavalete, atriz e cantora lírica. Sua sensibilidade artística, aliada ao poder aquisitivo, viabilizou a coleção de obras de arte em sua residência, além de mobiliário de estilo e de diversos objetos requintados típicos de uma moradia aristocrática.

As frequentes idas à cidade de Farroupilha para tratar da saúde do filho deixaram marcas positivas em sua memória, o que a motivou a doar parte de seu acervo móvel para o município, colonizado por italianos e considerado berço da imigração dessa etnia no Rio Grande do Sul.

O acervo é composto por pratarias, porcelanas, esculturas em mármore, móveis de estilo entalhados a mão, espelhos, livros e pinturas, reconstituindo o aspecto de uma residência burguesa da primeira-metade do século XX.

Figura 170 – Sala de visitas. Museu Municipal Casal Moschetti.

Fonte: Prefeitura Municipal de Farroupilha. Disponível em: <http://farroupilha.rs.gov.br/portaldoturista/atracoes/museu-municipal-casal-moschetti/>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

A prefeitura do município realiza a gestão desse museu em diálogo com a leitura dos espaços do Museu Municipal Casa de Pedra, visto anteriormente, de modo a pontuar para os visitantes as fases de urbanização da cidade, as facetas da sociedade local, os diversos caminhos da imigração italiana e sua interlocução com a economia, e as questões do gosto em residências de famílias que prosperaram na atividade que desenvolveram. A filantropia é destacada como um viés das famílias católicas que enriqueceram, e que tem na personagem Lydia uma representante ímpar para a cidade.

Figuras 171 e 172 – Sala de jantar. Museu Casal Moschetti.

Fonte: Prefeitura Municipal de Farroupilha. Disponível em: <http://farroupilha.rs.gov.br/portaldoturista/atracoes/museu-municipal-casal-moschetti/>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

2.2.16. Casa Amarela

Datada de 1921, a Casa Amarela foi construída pelo italiano Angelo De Bortoli, filho de camponeses nascido em Pádua, em 1862, que chegou ao Brasil em 1880, sozinho, com 18 anos. Trabalhou como motorista de Tilburi, carro de praça conduzido por cavalos, e quando se estabeleceu adquiriu um terreno para ser pensão de imigrantes, no perímetro da chácara em que vivia com a família na Vila Romana.

Figura 173 – Casa Amarela na Vila Romana.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A antiga residência se tornou casa de artista, tendo à frente a bisneta de Angelo, a artista plástica Janice De Piero, que abre o imóvel à visitação e também promove ocupações artísticas e outras ações no âmbito de seu Projeto Pedagógico-Artístico-Social na casa. As ocupações consistem em exposições e coabitações, que são intervenções na casa sob a forma de instalações, palestras, apresentações, musicais, oficinas, entre outras ações culturais que “implicam estreitamentos sensíveis entre casa, identidade, cidade, memória, indivíduo e coletividade”, como salienta a gestora, que testemunha que “a casa se tornou um ícone” no

bairro, pela sua conservação em meio a tantas modificações no entorno, decorrente da especulação imobiliária que modificou a paisagem local⁴⁹.

As visitas à casa ocorrem em dias específicos, e uma vez por ano a programação oferecida se integra à Jornada do Patrimônio, evento anual promovido pelo Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da Prefeitura de São Paulo.

Figura 174 – Intervenção no espaço expositivo. Casa Amarela.

Fonte: Casa Amarela/Janice Del Piero. Disponível em <www.janicedepiero.art.br>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

Figura 175 – Ocupação do ambiente doméstico com a exposição de Janice Del Piero “De casa a caso”. Casa Amarela.

Fonte: Casa Amarela/Janice Del Piero. Disponível em: <www.janicedepiero.art.br/de-casa-a-caso>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

⁴⁹ Testemunho de Janice De Piero disponível em: <www.janicedepiero.art.br/casa-amarela>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

2.2.17. Casa Ranzini

A Casa Ranzini foi projetada e construída em 1924 pelo imigrante italiano Filiberto Ranzini para abrigar sua residência em São Paulo. Ranzini nasceu em 1881 em San Benedetto Pò, comuna da província de Mântua, na região da Lombardia, tendo chegado ao Brasil ainda criança, na grande onda migratória, juntamente com a família. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde também atuou como professor de desenho arquitetônico e estreitou relações com Domiziano Rossi, arquiteto italiano que fora seu professor e que o convidou a ingressar como colaborador do Escritório de Ramos de Azevedo.

O palacete de estilo florentino, com tijolos aparentes e a presença da bifora toscana⁵⁰ é remanescente da corrente eclética que imperou na capital paulistana desde o final do século XIX, impulsionada pelo *revival* na própria Itália dos elementos estilísticos do *Quattrocento*, e que encontrou adeptos entre os arquitetos e a clientela paulista enriquecida pela economia cafeeira. Muitos desses arquitetos, como o próprio Ranzini, trabalhavam com Ramos de Azevedo, um dos maiores apoiadores do estilo e responsável por diversos projetos em São Paulo.

Acerca do estilo que caracteriza a edificação, o historiador Waldir Salvadore – que empreendeu vasta pesquisa sobre Ranzini e sua residência – observa tratar-se de uma linguagem recriada – neoflorentina – da tradição toscana na arquitetura, da Idade Média ao Renascimento (SALVADORE, 2015):

Em meio à exuberante arquitetura eclética que floresceu em São Paulo nas primeiras décadas do século passado e, sem dúvida, vinculado ao fato de que, naquela altura, a cidade constituía uma das maiores aglomerações mundiais de italianos fora da Itália, manifestou-se com força, notadamente entre os anos 1920 e 1930, o estilo genericamente conhecido como “florentino” – em versões temperadas, naturalmente, com as liberdades compositivas então reinantes.

Muitos imigrantes – enriquecidos ou não – trouxeram para a arquitetura de suas residências e negócios elementos que “falavam” de suas origens. (...) Felizberto Ranzini, ao projetar em São Paulo, produziu dentro da mesma lógica. Ora exaltando a etnicidade, ora produzindo arquiteturas de grande requinte ornamental (...). Fernando Atique, historiador (In: SALVADORE, 2015, p. 18-19).

⁵⁰ Janela dividida verticalmente em duas aberturas (luzes), em arcos plenos ou ogivais, intercaladas por uma coluna final. In: SALVADOR, 2015, p. 205.

Figura 176 – Casa Ranzini em São Paulo.

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/CasaRanziniOlharaArte/>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

A casa foi habitada pelos descendentes do arquiteto até 2006, o que contribuiu com a sua integridade física, quando foi adquirida para se tornar um escritório de arte-educação, que compreende galeria para exposições de arte, espaço de cultura e aprendizado com programação de palestras e oficinas, e laboratório de pesquisa de técnicas fotográficas do século XIX.

Figura 177 – Casa Ranzini.

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/CasaRanziniOlharaArte/>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

A edificação foi restaurada em 2007, conservando a estrutura em dois pavimentos, que conta com porão, pátio e garagem. Foi tombada em 2015 pelo CONDEPHAAT⁵¹, com inscrição no livro do tombamento histórico, e pelo CONPRESP⁵².

⁵¹ Resolução SC 81 de 23/07/2015, disponível em: <www.infopatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/03/razini-res.pdf>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Apesar de não se apresentar como museu-casa, o palacete tem vocação natural para explorar esse conceito, sendo, no âmbito deste estudo, compreendido como coleção visitável, pois externa para o público o contexto residencial ainda explícito na divisão dos ambientes, nas pinturas decorativas das paredes e teto, nos vitrais típicos de residências dessa natureza, além das peças de mobiliário que foram mantidas em seus espaços. Assim como a Casa Amarela da Vila Romana, a Casa Ranzini oferece visitas em seu programa de atividades, integrando-se à já mencionada Jornada do Patrimônio do DPH da Prefeitura de São Paulo.

Adentrando pela pequena *loggia*, tem-se um *hall* de acesso às salas de visitas e de jantar. Um corredor liga esses primeiros ambientes ao escritório do morador, ao lavabo, à copa e à cozinha. Da copa tem-se acesso ao porão, que apresenta a mesma configuração espacial do térreo, abrigando despensa, um laboratório de fotografia com câmara escura, além de adega, dois depósitos e uma sala para a guarda de malas. No primeiro andar, cujo acesso se dá pela escada do *hall* no térreo, uma antecâmara conduz a um terraço, a dois dormitórios, que se ligam por corredor a outro quarto, ao banheiro e a outro terraço.

Figura 178 – Vista interna. Casa Ranzini.

Fonte: Pablo Segovia/Site. Disponível em: <<http://cargocollective.com/pablosegovia/Arquitetura>>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

⁵² Resolução Conpresp nº 15/2015, disponível em: <www.infopatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/03/felizberto-conpresp.pdf>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Figura 179 – Vitral com cena alusiva aos canais de Veneza. Casa Ranzini.

Fonte: Pictaram. Disponível em: <www.pictame.com/media/1641042992129943922_1329112747>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

Além de arquiteto, Ranzini também era pintor e decorador, sendo responsável pelos frisos decorativos que podem ser vistos em algumas paredes do palacete. O afresco com motivos vegetais no teto da sala de jantar é atribuído a Oscar Pereira da Silva.

O banheiro e a cozinha preservam peças originais – como as louças sanitárias, a coifa e o aquecedor a gás –, o que se explica devido ao uso como moradia pelo arquiteto até 1976 e por seus descendentes até 2006, mantendo os equipamentos em funcionamento e com revisão periódica.

Figura 180 – Detalhe do friso de autoria de Filiberto Ranzini. Casa Ranzini

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/CasaRanziniOlharaArte/>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

Figura 181 – Afresco atribuído a Oscar Pereira da Silva. Casa Ranzini.

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/CasaRanziniOlharaArte/>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

Figura 182 – Luminária de cristal centralizada na decoração de estuque. Casa Ranzini.

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/CasaRanziniOlharaArte/>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

Figura 183 – Banheiro. Casa Ranzini.

Fonte: Site Refúgios Urbanos. Disponível em: <<http://refugiosurbanos.com.br/casas-predios/casa-ranzini/>>. Acesso em: 13 Jun. 2018.

2.2.18. Instituto Bardi / A Casa de Vidro

A residência dos italianos Lina Bo e Pietro Maria Bardi é ícone da arquitetura moderna brasileira, projetada e construída por Lina para abrigar a residência do casal em São Paulo em 1951. Conhecer suas trajetórias de vida é salutar para refletir sobre fatos prévios que vieram a influenciar na concepção desse espaço.

Acchilina di Enrico Bo nasceu em 1914 em Prati di Castello, comuna da capital italiana, filha de Giovanna Adriana Grazie e do engenheiro civil e pintor de cavalete Enrico Bo, de quem recebeu os primeiros ensinamentos no desenho e a inspiração pela arquitetura.

Lina cursou o Liceu Artístico e em seguida ingressou no curso de arquitetura da Universidade dos Estudos de Roma, uma das poucas mulheres em um ambiente exclusivamente masculino e em um período marcado pelo Fascismo. Graduou-se em 1939, tendo como trabalho final um projeto de arquitetura moderna para o Núcleo Assistencial da Maternidade e da Infância, que não foi bem aceito pelos diretores do curso, entre eles Marcello Piacentini, o mesmo que projetou diversos palacetes na cidade de São Paulo.

Mudando-se para Milão em 1940, Lina trabalhou com figuras que viriam a contribuir com seu olhar voltado para a arquitetura moderna e o *design*, entre eles Carlo Pagani e Giò Ponti. Também realizou intensa pesquisa sobre artesanato em diversas comunas italianas, no âmbito de estudos de *design*, nutrindo seu interesse pela arte popular, tema que reencontrou anos depois na Bahia.

Figura 184 – Lina Bo Bardi sentada em cadeira de sua autoria na residência em São Paulo.

Fonte: Estadão/Site. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/casa-e-decoracao,moveis-de-lina-bo-bardi-das-decadas-de-1940-e-1950-ganham-reedicao,1696949>>. Acesso em: 19 Jun. 2018.

Pietro nasceu em La Spezia, pequena comuna da província de Gênova, em 1900. Ainda rapaz, trabalhou como operário assistente no Arsenal Marítimo e como aprendiz em um escritório de advocacia, quando em 1917 foi convocado a servir o exército, ocasião em que começou a colaborar com artigos em jornais e outros veículos de comunicação. Após a baixa na carreira militar, Pietro fixou-se em Bérgamo, na província de Milão, passando a atuar como jornalista em diversos periódicos. Em 1924, já em Milão, casado e com duas filhas, começou a atuar como *marchand* e crítico de arte, adquirindo e administrando galerias de

arte. Em 1929, foi convidado a dirigir uma galeria em Roma, o que oportunizou sua ida a Buenos Aires e São Paulo, em 1933, por ocasião de exposições.

Em 1944, Pietro conheceu Lina no Studio d'Arte Palma, criado por ele, com quem veio a se casar dois anos mais tarde, após se divorciar da primeira esposa. Recém-casados, emigraram em 1946 para o Rio de Janeiro a bordo do cargueiro Almirante Jaceguay, transportando uma grande coleção de arte e artesanato italianos para uma série de exposições, além de uma extensa biblioteca – que foi doada ao Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) ainda em vida.

Figura 185 – Pietro Maria Bardi no MASP.

Fonte: História contemporânea/Blog. Disponível em: <<http://historiacontemporanea-mlopomo.blogspot.com/2010/06/pietro-lina-o-casal-das-artes.html>>. Acesso em: 19 Jun. 2018.

Os Bardi deixaram a Itália no pós-guerra, em um momento de reconstrução de cidades destruídas pelos bombardeios, e esse contexto teve reflexo significativo no pensamento deles, que tinham uma visão politizada e humanista. A reconstrução não poderia ser apenas física, deveria ser vista sob um viés transformador na concepção do mundo e dos espaços voltados para o homem.

A chegada ao Brasil marcou o encontro do casal com a vanguarda artística no país, bem como o início de um trabalho vigoroso de Bardi em externar a arte italiana por meio de exposições. Em 1947, mudaram-se para São Paulo, a convite do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que chamara Pietro para dirigir um museu de arte.

Na capital paulista, Lina projetou e construiu sua residência no loteamento da antiga Fazenda de Chá Muller Carioba, transformado em bairro do Morumbi, sendo uma das primeiras casas no local. Aliando funcionalidade e estética, Lina projetou sua casa aproveitando o terreno acidentado, com a parte frontal da construção apoiada sobre pilotis, e os fundos no solo, sobre base de concreto. Os panos de vidro sustentados por aço dão a leveza e a transparência que Lina buscava, no intuito de integrar a casa a um ambiente natural e, assim, usufruir dele. A natureza circunda toda a moradia, favorecendo a ventilação, tendo ainda uma árvore incorporada ao edifício.

A casa Bardi foi a primeira que se construiu no Jardim Morumbi, quando o bairro ainda tinha esse nome (antiga Fazenda de Chá Müller Carioba). Atrás da antiga Casa da Fazenda, toda branca e azul, que conservava ainda os ferros e as correntes do tempo da escravidão; os enormes tachos, bacias de cobre e outros utensílios; e atrás ainda da senzala (...), estendia-se o lago (...), com uma mata Atlântica ao fundo. Lina Bo Bardi⁵³

Figura 186 – Instituto Bardi / A Casa de Vidro em São Paulo.

Fonte: Instituto Bardi / A Casa de Vidro. Site. Disponível em: <http://institutobardi.com.br/?page_id=11>. Acesso em: 19 Jun. 2018.

Internamente, a casa foi dividida em duas áreas. A primeira com sala de estar e jantar, envoltas por vidro e natureza, sem as instalações elétricas tradicionais de iluminação artificial no teto; para valorizar a luz natural vinda de fora, foram dispostos pontos de

⁵³ In: Lina Bo Bardi, a representação da mulher no espaço público, Iphan, 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3486/lina-bo-bardi-a-representacao-da-mulher-no-espaco-publico>>. Acesso em: 19 Jun. 2018.

eletricidade no piso revestido com vidrottil para poucas luminárias de pedestal. A segunda área foi concebida para dormitórios e serviços, conectada à primeira por cozinha nos moldes americanos, com equipamentos modernos, com lavadora de louças e incinerador de lixo, novidades para a capital paulistana. Além do olhar atualizado para o que de havia de tecnológico no âmbito residencial, a ausência de coleta de lixo sistematizada no bairro do Morumbi nos anos 1950 também explica a aquisição dos equipamentos. Mais uma vez pensando na funcionalidade, a cozinha apresenta menor espaço de circulação, visto que deveria ser usada exclusivamente na preparação de alimentos e refeições.

Locus do pensamento crítico do casal, totalmente engajado nas questões socioculturais paulistas e brasileiras, e que constantemente abria as portas para artistas e outros intelectuais, em 1987 a casa foi tombada pelo CONDEPHAAT⁵⁴ como patrimônio histórico do estado e em 1991 pelo CONPRESP⁵⁵, incluindo a área envoltória no ano seguinte. Em 1990, a residência passou a compartilhar seus espaços com o Instituto Quadrante, criado para promover a pesquisa em arquitetura e urbanismo, *design* e arte popular brasileira. Em 1993, o instituto mudou de nome, passando a chamar-se Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, abrindo suas portas à visitação algum tempo depois.

Os Bardi moraram nessa casa por quase cinquenta anos, até a morte de Pietro em 1999, sete anos depois do falecimento de Lina. Aberta à visitação inicialmente com a denominação do Instituto, em 2018 passou a denominar-se Instituto Bardi / Casa de Vidro, oferecendo diversas exposições temporárias que abordam desde a casa enquanto residência, como temáticas, sobretudo acerca do *design* do mobiliário de Lina.

Destacando a casa como moradia, a visita aborda o projeto construtivo, o pensamento de Lina e Pietro sobre arquitetura e arte moderna, o cenário cultural em que estavam engajados, para então adentrar os espaços íntimos, repletos de testemunhos de sua presença. Diversos momentos da casa são apontados por meio de fotografias, que mostram como a configuração dos móveis e objetos na grande sala foi alterada ao longo dos anos. Peças de mobiliário italiano dos séculos XVI ao XIX – como o *cassone di nozze*⁵⁶ florentino – se mesclam aos móveis com *design* moderno criados por Lina, em uma intersecção entre o olhar

⁵⁴ Processo de tombamento CONDEPHAAT nº 24938/86 aprovado pela resolução SC 6/87. Disponível em: <<http://www.sppatrimonio.com.br/casa-de-vidro-2/>> e em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cf22f_RES.%20SC%20N%2006%20-%20Casa%20de%20Vidro.pdf>. Acesso em: 28 Jun. 2018.

⁵⁵ Resoluções CONPRESP 5/91 e 16/92. Disponíveis em: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/da440_16_AE_Casa_de_Vidro.pdf>. Acesso em: 28 Jun. 2018.

⁵⁶ Baú de núpcias de manufatura florentina. Tradução livre da pesquisadora.

do *marchand* e galerista com a arquiteta e *designer*; esculturas clássicas convivem com arte moderna e popular, um encontro que celebra olhares tão atentos e sensíveis.

Figuras 187 e 188 – Sala em momentos distintos: como moradia, em data indefinida; e na exposição A Casa como casa, que apresenta uma das diversas ambientações ao longo do tempo. Instituto Bardi / A Casa de Vidro.

Fonte: ArchDaily/Site. Disponível em: <www.archdaily.com.br/br/01-12802/classicos-da-arquitetura-casa-de-vidro-lina-bo-bardi>; Ana Harada/Casacor. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/arquitetura/a-casa-como-casa-lina-bo-e-pietro-m-bardi-retornam-ao-lar/> Acesso em: 19 Jun. 2018.

Figura 189 – Pintura moderna sobre mobiliário italiano antigo. Instituto Bardi / A Casa de Vidro.

Fonte: Folha de São Paulo/Site Uol. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2018/04/1963947-exposicao-recria-ambiente-em-que-lina-e-pietro-bardi-viveram-ultimos-dias.shtml. Acesso em: 19 Jun. 2018.

2.3. Museus-casas na Itália

A Itália apresenta uma infinidade de museus-casas em seu território, representativas de comunidades diversas e contemplando todos os extratos sociais. É uma tipologia de museu muito difundida, sobretudo nas comunas espalhadas pelo interior das grandes cidades.

Apesar das visitas técnicas realizadas por ocasião deste estudo terem abrangido diversos museus-casas, foram escolhidos para este capítulo aqueles que se assemelham formalmente com os museus de imigrantes italianos no Brasil, notadamente os museus que representam comunidades do campo.

2.3.1. Sa Domu Beccia

Localizada em Tortoli, comuna da província de Ogliastra, na Sardenha, o museu-casa Sa Domu Beccia⁵⁷ apresenta uma construção do início do século XIX erguida com método vernacular próprio da localidade, com o emprego de tijolos artesanais de barro e palha, cozidos ao sol, denominados *ladiri* no dialeto local, moldados em forma retangular de madeira, para compor paredes grossas e autoportantes.

Figura 190 – Parede erguida no método *ladiri*, típico da Sardenha.

Fonte: Architettura Ecosostenibile/Site. Disponível em: <www.architetturaecosostenibile.it/materiali/laterizi-terra-cruda/ladiri-tradizione-terra-cruda-471/>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

⁵⁷ Sa Domu Beccia é uma expressão sarda no dialeto tortoliese que significa La Casa Vecchia, em Italiano, e A Casa Velha, na língua portuguesa. Nota da pesquisadora.

A casa foi restaurada em 2009 e em seguida ambientada com objetos coletados na comunidade, estando aberta à visitação nas estações entre primavera e verão, ocasião em que integra o Programa Monumenti Aperti⁵⁸, que promove a valorização dos bens culturais locais, com foco em educação patrimonial, contando com a participação massiva das comunidades e de grupos escolares.

Figuras 191 e 192 – Sa Domu Beccia em Tortoli, Sardenha.

Fonte: Fotos da pesquisadora.

⁵⁸ Programa Monumentos Abertos. Disponível em: <<http://monumentiaperti.com/it/>>. Acesso em 24 Jun. 2018. Tradução e nota da pesquisadora.

A casa tem pé-direito baixo, adequado à baixa estatura da população, e telhado de cerâmica revestido internamente com feixes de zimbros, espécie de arbusto que fornece madeira de boa qualidade, formando uma trama que segura as telhas, conhecida popularmente como *teula*. Trata-se de uma antiga residência de família de renda média-baixa, construída provavelmente pelos próprios moradores, caracterizada pela simplicidade dos espaços, tanto externos quanto internos.

Passando pela porta principal, abre-se um cortile, denominado *sa cortigia*, pátio comum nesse tipo de habitação, onde se vê utensílios do trabalho no campo e da vida doméstica, testemunhando que nesse espaço se desenvolviam atividades correlatas.

Na cozinha, vê-se os equipamentos essenciais: dois fogões de alvenaria (*forredus*), o típico braseiro (*sa zeminera*) e nas paredes os utensílios. Para a fatura do alimento principal – o pão –, um quarto contíguo chamado aposento dos pães (*s'apposentu de su pani*) apresenta equipamentos artesanais específicos. Ao seu lado, uma despensa para conservação de alimentos e grãos.

Figura 193 – Detalhe da cozinha. Sa Domu Beccia.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Figura 194 – Quarto de preparo dos pães. Sa Domu Beccia.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Saindo dos espaços de preparo dos alimentos, segue-se para ao ambiente destinado a eventos de importância social: a sala de refeições, onde também ocorriam celebrações de nascimento, noivado e casamento, além de velórios.

Uma escada de madeira conduz ao dormitório (*s'apposentu de croccai*), que eventualmente poderia ser cedido a um casal na noite de núpcias. Mobiliário de madeira de fabricação artesanal, roupa de cama com barras bordadas, objetos de uso pessoal, muitos rosários e a clássica representação do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de

Maria ambientam o local. Sobre o criado-mudo, o livreto *Sposa e madre* (esposa e mãe) traz ensinamentos à matriarca da família, tão importante quanto um livro de orações.

Figura 195 – Detalhe do dormitório. Sa Domu Beccia.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Figura 196 – Detalhe do dormitório. Sa Domu Beccia.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Figuras 197 e 198 – Equipamentos de costura e peças de bordado típicos da comunidade. Sa Domu Beccia.

Fonte: Fotos da pesquisadora.

2.3.2. Casa D'Erci – Museo della Civiltà Contadina

A Casa D'Erci é uma habitação rural que remonta ao século XVI, localizada no flanco de um bosque cultivável em Borgo San Lorenzo, província de Florença, na região da Toscana. Cerca de dois mil itens compõem o museu, de modo a reconstituir a cultura comunitária entre o final do século XIX e a metade do século XX.

Além da exposição permanente, o local se apresenta como laboratório de memória, oferecendo atividades didáticas, encontros e seminários sobre a cultura camponesa no período mencionado e seus reflexos na contemporaneidade.

Figura 199 – Casa D'Erci na zona rural de Florença, Toscana.

Fonte: Casa D'Erci/Site. Disponível em: <www.casaderci.it> Acesso em: 25 Jun. 2018.

O museu-casa apresenta ao longo do percurso um panorama acerca das atividades produtivas realizadas no entorno e dentro da habitação, no âmbito do trabalho e das rotinas domésticas. Do ponto de vista do trabalho, o estábulo expõe equipamentos relacionados à criação de gado, ao cultivo agrícola e à obtenção e armazenamento de água, fundamental para a sobrevivência no meio rural; na cantina, equipamentos para a produção de vinho; um quarto destinado à atividade de tecelagem, com rocas e teares; o quarto do artesanato, com objetos alusivos aos ofícios de ferreiro, carpinteiro, pedreiro, entre outros; o quarto de debulhar, com os equipamentos relacionados ao tratamento de cereais; e o quarto das plantas e hortaliças.

No ambiente residencial, são apresentadas a cozinha, um dormitório, um ambiente destinado à religiosidade e ao ensino, e outro para a lavanderia e as diversões.

A cozinha foi montada com os elementos essenciais, como a lareira, o aparador, a mesa comprida e as cadeiras com assento de palha idênticas às manufaturadas pelos imigrantes italianos no Brasil, além de utensílios relacionados às atividades cotidianas e aos ofícios complementares que as famílias realizavam no dia-a-dia.

Figura 200 – Cozinha. Casa D'Erci.

Fonte: Casa D'Erci/Site. Disponível em: <www.casaderci.it/portfolio-items/la-cucina/#post/0>. Acesso em: 25 Jun. 2018.

O dormitório constitui o único espaço privado do casal camponês, que poderia ser dividido apenas com os filhos pequenos. O discurso educativo salienta que a quantidade de quartos em uma casa como esta poderia variar conforme a família, ficando os mais aquecidos para os membros idosos, em cômodos geralmente localizados próximos à chaminé da cozinha.

Os quartos apresentam mobília modesta, geralmente de madeira, com colchões recheados de palha de milho. O arco de madeira sobre a cama testemunha a presença de um recém-nascido, pois era utilizado para protegê-lo enquanto dormia entre os pais. Sob a cama, o urinol, denominado *scaldaletto*, pontua a inexistência de banheiros no interior da casa, e a necessidade de utilizar o utensílio à noite, no próprio quarto, evitando a saída noturna em um

ambiente frio. Berços de madeira para bebês eram raros e, quando existiam, revelavam as habilidades manuais dos pais.

Outros utensílios e peças de mobiliário expostas neste espaço são recorrentes em quartos similares: baú, guarda-roupa, trabuco (usado para secar as peças de vestuário e as toalhas), e o porta-lavabo com gomil e lavândula, para a higiene matinal.

Itens peculiares de uso pessoal se destacam, como o porta-rosário, tipo de bolsa usada sob o vestido para guardar terço e lenço; e as peças de vestuário típicas de camponeses do século XIX.

Figura 201 – Dormitório. Casa D'Erci.

Fonte: Casa D'Erci/Site. Disponível em: <www.casaderci.it/portfolio-items/la-camera/#post/0>. Acesso em: 25 Jun. 2018.

2.3.3. Villa Smeraldi – Museo della Civiltà Contadina

Localizado na região metropolitana de Bolonha, o Museo della Civiltà Contadina se articula a um complexo de edifícios e ao parque onde está localizado. Além de preservar um acervo que testemunha a vida doméstica e o trabalho de agricultores e artesãos da zona rural de Bolonha, o museu promove o conhecimento pedagógico de técnicas agrícolas – de antigas

a modernas – e estudos científicos, destacando-se também pela consultoria em museografia relacionada a comunidades agrárias e de montanha.

Figura 202 – Cozinha do Museo della Civiltà Contadina, na região metropolitana de Bolonha.

Fonte: Museo della Civiltà Contadina/Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/570338740280779153/?lp=true>. Acesso em: 25 Jun. 2018.

O tema “cozinha” é de grande relevância no estudo dos museus-casas, visto que em seu interior espaços e objetos ligados à vida cotidiana registram pontualmente as transformações sociais e culturais ao longo do tempo.

Em 2015, o comitê de museus-casas do ICOM Itália debateu o assunto na conferência *Le cucine nelle case museo*⁵⁹, realizada em 2015, em Milão, no âmbito dos estudos históricos em parceria com a Fondazione Adolfo Pini e a Università degli Studi di Milano. A conferência foi aberta com uma apresentação sobre as transformações históricas das cozinhas italianas do século XIX até os dias de hoje, distinguindo especialmente a cozinha na casa rural camponesa da cozinha na casa urbana aristocrática.

As cozinhas camponesas dos museus-casas na Itália apresentam estrutura similar entre as regiões: trata-se de ambiente amplo, com uma espécie de lareira denominada

⁵⁹ As cozinhas nas casas museu. Tradução livre da pesquisadora. Programa da conferência disponível em: www.studistorici.unimi.it/extfiles/unimidire/410001/attachment/programma-icom.pdf. Acesso em: 13 Mai. 2018.

focolare; um canto reservado para hastes de cânhamo; e o forno de pão, quando este último não fica fora da cozinha, em construção separada ou anexa, próximo à pocilga e ao galinheiro. O *camino* – uma espécie de braseiro – consiste em um elemento de grande importância, a principal fonte de calor para o cozimento de alimentos e o aquecimento da casa durante o inverno. Ao lado destes, pode haver um ou mais fogões, de alvenaria ou em modelos móveis de ferro.

Pendurado por uma corrente acima do *camino*, um caldeirão – recipiente de cobre de feitura artesanal – faz referência ao cozimento de grandes quantidades de alimento, como sopas de verdura, massas e polenta, algo comum para a nutrição de uma família numerosa.

No centro da cozinha, uma grande mesa representa o encontro dos familiares no momento das refeições, além de pontuar funções adjacentes, como servir de apoio na preparação de alimentos, para passar roupa, entre outras atividades. Dispostos nas paredes e sobre os poucos móveis, costuma-se ver uma profusão de instrumentos destinados ao preparo do pão, da massa, da polenta, da carne de porco e, ainda, para o consumo de água, para o aquecimento e a iluminação. Objetos curiosos podem ser encontrados, como a fole-formigueiro vista no Museu Casa Zinani, no Brasil; e armadilhas para moscas em um recipiente de vidro, com vinho ou azeite em seu interior.

A pia ficava geralmente fora da cozinha, na despensa, salvo raros casos. Trata-se de um tipo de banheira retangular de pedra, inserida em um nicho fechado por cortina, com orifício para a área externa, munido ou não de tubo, pelo qual fluía as águas residuais da lavagem dos pratos e das hortaliças. Junto à pia ficava o escorredor de pratos. Nas casas que não dispunham de tal estrutura, a lavagem era feita em uma grande bacia, apoiada sobre uma mesinha.

Antes da conexão das casas às redes de saneamento, a água era retirada do poço e conservada em baldes de cobre e tinhas de madeira. O primeiro, pendurado a um gancho, continha água de beber, retirada por concha; o segundo, geralmente próximo à pia, sobre uma mesinha, conservava a água para outros usos.

Analisando as cozinhas camponesas nos museus-casas italianos, percebe-se claramente que se tratavam de espaços multifuncionais, onde se realizavam as etapas de convivência – pontuadas pelas refeições do dia – e atividades de trabalho, sobretudo por parte das mulheres. É característica dessa cozinha a presença da lareira com a chama sempre acesa, lugar importante de socialização camponesa.

A cozinha, aliás, era o local onde se desenrolava a maior parte da vida doméstica: de domínio feminino, no âmbito da tarefa de alimentar a família, e que também agregava os entes nos momentos das refeições; e durante o inverno, onde todos buscavam aquecimento. Lugar de socialização, de encontro entre as gerações e de transmissão de saberes.

Os museus-casas localizados no meio urbano apresentam cozinhas modernizadas que refletem como esses espaços testemunharam as transformações sociais e culturais ao longo do tempo, com a divisão entre espaço de representação (sala de comer), com móveis finos, decoração, referências constantes aos brasões da nobreza, e o espaço propriamente da cozinha, lugar de trabalho utilizado apenas por serviçais. Desse modo, assiste-se a uma diferenciação espacial ligada à hierarquia e ao *status* social: de um lado os aristocratas donos da casa, de outro os serviçais, principalmente do sexo feminino.

Figura 203 – Cozinha da Casa Carbone em Gênova.

Fonte: Tripadvisor/Casa Carbone. Disponível em: <www.tripadvisor.it/LocationPhotoDirectLink-g194788-d2479389-i126791787-Casa_Carbone-Lavagna_Italian_Riviera_Liguria.html>. Acesso em: 28 Jun. 2018.

Figura 204 – Sala de jantar. Casa Carbone.

Fonte: Case Museo In Italia. Disponível em: <www.casemuseoitalia.it/en/Museum.asp?POIID=16>. Acesso em: 28 Jun. 2018.

Nos espaços urbanos, as cozinhas começam a acomodar cada vez mais novos eletrodomésticos, de modo particular após a Segunda Guerra Mundial, quando geladeira, fogão, lavadora e outros utensílios tornam-se elementos característicos desse espaço. As casas modernas, contudo, sofreram mudanças contrastantes: por um lado, uma redução do espaço destinado à preparação da comida, em parte já restrito a uma cozinha compacta; por outro, mais recentemente, a abertura da cozinha para outras partes da casa, sua transformação em espaço social aberto a toda a família e, ainda, aos amigos, rompendo com a tradicional subdivisão entre espaços privados e públicos.

O *layout* das estruturas conservadas varia a depender da ocasião e da intenção, resgatando de modos diversos a memória do ambiente: com suportes didáticos que contextualizam a cozinha e seu tempo, com estratégias cenográficas evocativas, além de receitas, proporcionando uma vivência social. Atualmente percebe-se a intenção de evidenciar a articulação entre a cozinha, a sala de jantar aparelhada com os serviços de mesa, sobretudo a louçaria, oferecendo um percurso do alimento em uma residência aristocrática, e ilustrando os costumes sociais relacionados.

2.4. Ressignificação de acervos

A residência transformada em museu é um local de grande expressão de valores estéticos e simbólicos de uma cultura. Constitui patrimônio dos mais relevantes, cuja preservação e difusão documentam a história, valorizam a contribuição das heranças culturais de determinados grupos na sociedade e ainda colaboram com a sustentabilidade econômica dos municípios por meio do engajamento turístico. Mais ainda, são espaços de transformação de universos sensíveis, que tocam no individual e no coletivo.

Os museus-casas também despontam como testemunhos das transformações urbanas e sociais através dos tempos, pontuando mudanças na qualidade da vida cotidiana e doméstica, além de se apresentarem como espaços de reflexão sobre memória e identidade, no âmbito dos novos usos, o que torna o patrimônio pulsante em pleno século XXI.

A partir do que foi visto nos museus-casas e coleções visitáveis, é evidente que esses espaços se propõem a externar heranças culturais dos italianos que ali habitaram e que representam a comunidade enquanto reduto do grupo étnico que simbolizam. Refletindo sobre como esses espaços têm externado as heranças, este estudo se debruça sobre algumas reflexões, a fim de contribuir com as abordagens já existentes.

No primeiro Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas, realizado em 2007, o historiador Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses iniciou sua conferência “Para que serve um museu” (In: CARVALHO, 2010, p. 73) observando que “é necessário que o potencial do museu jamais se reduza a um feixe restrito e limitado de funções”, e de que seria interessante “indagar em que direções esse potencial pode ser explorado”. Essas direções é que norteiam os processos de resignificação nos museus.

Refletindo sobre o direcionamento de Meneses, percebe-se que os museus-casas têm atuado para externar o significado de sua existência para os visitantes e as cidades onde estão inseridos, sem desvincular a relação entre casa, coleção, personagem e território, independente das vias de interpretação que têm sido adotadas ou do peso dado a uma dessas leituras. Esses aspectos articulados abrem uma gama de possibilidades, permitindo diversas leituras dos espaços, o que é importante para que o visitante tenha sempre o desejo de voltar, já que a cada encontro há uma experiência a ser vivenciada. Sem dinamizar essa leitura, corre-se o risco de esvaziamento de visitantes e de vida. A casa habitada nutria-se da vida de seus moradores, e a musealizada nutre-se da vida de seus visitantes – ou habitantes temporários.

A ressignificação, portanto, não ocorre apenas no processo de requalificação de uma casa para museu, mas a cada visita, a cada exposição, a cada abordagem.

2.4.1. Ressignificação X Autenticidade

Que narrativas adotar? Há um universo de caminhos para externar o conteúdo de uma casa, e o museu-casa particularmente oferece uma gama de possibilidades. Entre edificações, reconstruções, histórias de vida, deslocamentos, conflitos humanos, hábitos alimentares, práticas religiosas, fazeres artísticos, nascimentos e mortes, há muitos sedimentos a evidenciar, inclusive uma das diversas configurações que a ambientação pode ter adotado quando a casa era vivida.

Os museus-casas estão impregnados de fenômenos da vida humana. Quando a casa é conservada tal como fora deixada por seus moradores, a leitura dos fatos é facilitada por meio dos elementos físicos que habitam o lugar e as histórias neles contida, compondo uma trama que se entrecruza com as camadas de tempo. Tempo de vivência na casa, tempo de gerações que por ali passaram.

Boa parte das casas de imigrantes italianos ressignificadas como museus teve a ambientação doméstica reconstituída com a participação da comunidade, e essa recomposição ganha outro viés, o da memória coletiva que se entrecruza na profusão de objetos doados e combinados com o intuito de não apenas dar um fio condutor ao discurso da casa, mas de representá-los enquanto sociedade. E este é um dos aspectos que este estudo pretende valorizar, na gama de leituras passíveis de serem realizadas nesse conjunto composto por casa, coleções, personagens, território e a intangibilidade a eles associadas, no entrecruzamento do tempo com o espaço.

Uma parcela de especialistas em museus-casas critica a reconstituição de espaços domésticos, como se a representação ficasse presa a um simulacro e prejudicasse a imersão na vivência real, como defendeu Giovanni Pinna na primeira publicação do DEMHIST no periódico *Museum International* (UNESCO, 2001, p. 4): “*The historic house museum is ‘fossilized’: the furnishings and possibly also the layout and use of space are immutable and cannot be modified or altered without falsifying history*”⁶⁰. Mas nos museus-casas de imigrantes italianos os ambientes originais já não eram representações do ambiente doméstico

⁶⁰ O museu-casa é “fossilizado”: os móveis e possivelmente também o *layout* e o uso do espaço são imutáveis e não podem ser modificados ou alterados sem falsificar a história.

deixado na Itália? Tais casas não foram originalmente idealizadas como transposições dos lares deixados para trás, como um elo com o passado? E quando casas com suas ambientações originais são musealizadas, elas não passam a ser representações delas mesmas? Ser autêntico não pode estar limitado a manter a cadeira original no mesmo lugar, mas em ser verdadeiro a respeito do espaço e de sua representação.

2.4.2. Categorização

Os conceitos que se articulam na concepção de um museu-casa – casa, coleção, personagem e território –, estruturam a categorização adotada pelo DEMHIST, apresentada na introdução deste estudo, e nutrem a ressignificação dos espaços de uma moradia para um museu-casa. É interessante constatar que, mesmo desconhecendo a atuação do comitê temático – e a maioria dos museus estudados desconhece – os quatro vetores apontados são facilmente identificados na leitura que os espaços fazem de si mesmos, o que reforça o conceito por trás da categorização.

Os museus estudados destacam como determinada comunidade vivia nos primórdios da imigração, tornando os acervos símbolos desses grupos, além de testemunho da própria criação da cidade ou de alguma fase de sua urbanização. Mesmo as casas de personalidade, que enaltecem personagens específicos, e as casas de arquitetura destacada, que trazem a edificação como protagonista, têm esse escopo como pano de fundo. Desse modo, enquanto representativas de imigrantes italianos, as casas estudadas convergem seus caminhos em uma mesma direção.

Tomando como exemplo o Museu da Imigração Italiana de Quiririm, uma casa de sociedade local, a comunidade é a grande protagonista, sem, contudo, ofuscar a memória do casarão e da família Indiani. O sentido de comunidade se nutre da casa enquanto testemunho material e dos antigos moradores enquanto solidários de seu passado. No primeiro projeto expográfico do museu, que contou com a consultoria da historiadora taubetana Renata Pistilli, os espaços foram pensados como narrativa à memória local: sala da cronologia/objetos em diálogo com acontecimentos especiais; o núcleo colonial que deu origem a Quiririm; sala das famílias, e o mesmo peso dado aos Indiani foi dado a outras famílias que têm seus nomes, históricos e sua articulação na Società 30 di Aprile – uma das maiores responsáveis pela concepção do museu; as atividades econômicas que se desenvolveram e deram estrutura para o crescimento da colônia e do distrito; cotidiano e solidariedade, que evidencia essa

articulação comunitária; a educação, na sala representativa das escolas; música e instrumentos musicais no âmbito das manifestações de culturais; o Esporte Clube Quiririm, tendo as práticas esportivas como agregadoras de valor para a população local; a religiosidade; e os bens doados ou emprestados para a exposição devidamente registrados ao longo do percurso, ora destacados como materialização dos conceitos abordados, ora combinados para ambientar o quarto de dormir e a cozinha, que interpretam a vida cotidiana dentro da casa. Esse trabalho é a conjugação de intensa pesquisa histórica, de colaboração com órgãos públicos e de corresponsabilidade articuladas no seio da comunidade. Assim, uma casa de sociedade local nasceu dos esforços de outras sociedades locais, sobretudo da Società 30 di Aprile.

Figura 205 – Emblema da Società 30 di Aprile, tendo o casarão dos Indiani ao centro. Museu da Imigração Italiana de Quiririm.

Fonte: Foto da pesquisadora.

Outro exemplo está no Museu Casa de Portinari, uma casa de personalidade, cuja memória do artista ganha dimensão na relação com Brodowski enquanto comunidade, considerando o forte vínculo afetivo do protagonista com o lugar e a temática de suas composições pictóricas que interpretam a formação do povoado que deu origem à cidade, suas transformações ao longo do tempo, os tipos humanos e as questões sociais. A exposição permanente “Um pintor, um tempo, um lugar” reforça essas relações a todo instante, expandindo-se para os “Caminhos de Portinari”, em uma rota que pontua lugares icônicos na cidade para o pintor e para a comunidade.

O Museu Casa de Portinari convida a percorrer os Caminhos de Portinari como uma forma de conectar outros espaços e paisagens da cidade de Brodowski, como território da memória do artista e da comunidade, que ampliarão a compreensão das lembranças de seu passado como temas recorrentes e referenciais na sua obra, possibilitando conhecer as verdades simples e os grandes sentimentos vinculados à forte presença da terra natal na vida do pintor, seu lugar de refúgio e inspiração, fortalecimento e ligação com as raízes e as origens⁶¹.

Figura 206 – Mapa dos Caminhos de Portinari em Brodowski. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Museu Casa de Portinari/Site. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/caminhos-de-portinari>. Acesso em: 27 Jun. 2018.

A Casa Lambert, que nasceu da necessidade de preservação de uma casa de arquitetura vernacular, congrega esses vetores dentro de si, e embora os pioneiros Lambert tenham peso na interpretação dos espaços, simbolicamente são remetidos ao núcleo colonial que formou a cidade e à comunidade que cresceu dentro dela.

É importante lembrar que a categorização do DEMHIST foi estruturada de modo a definir uma identidade para os museus-casas, e identidade é um tema que nos museus-casas de imigrantes italianos permeia todos os processos de ressignificação, desde a concepção do

⁶¹ Museu Casa de Portinari/Site. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/caminhos-de-portinari>. Acesso em: 27 Jun. 2018.

museu, à coleta de acervos, aos programas interpretativos, às ações extramuros, ao engajamento com o turismo.

2.4.3. Identidade

Nos programas interpretativos dos museus-casas estudados, as curadorias, enquanto cérebros desses espaços, articulam as vertentes “acervo” (casa e coleções), “personagens” (moradores e comunidade) e “território” (mais uma vez comunidade) com a memória da imigração italiana, o que torna a casa musealizada ícone da identidade vinculada ao fato histórico e a valores arraigados na comunidade, resultantes da soma de família, religião e trabalho. O museu-casa, enquanto representação dessa sociedade, alimenta-se desses mesmos elementos.

Figura 207 – Diagrama com a percepção de valor identitário no museu-casa.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O museu-casa revestido desse conceito de identidade se nutre da memória das rotinas domésticas nas colônias de imigrantes, pautadas na relação entre família, trabalho e igreja, sem variantes que desviassem o comportamento desse trinômio. A casa construída enquanto referência da morada deixada na Itália, e, portanto, elo com as origens, representa a família, que a construiu em regime de mutirão, onde esteve reunida diariamente, onde falava a mesma língua, onde se nutria de alimento e religiosidade, onde se trabalhava arduamente. A casa representa o trabalho enquanto materialização dos esforços do labor, seja ela construída com as próprias mãos ou comprada com a riqueza material advinda da profissão. A casa era um espaço sagrado, que comungava dos valores católicos e norteava o comportamento de seus

habitantes, onde eram realizados diariamente rituais da devoção católica. Mesmo as festas populares, quando pensadas nos primórdios das colônias, eram organizadas pela Igreja para a comunidade, que se constituía uma grande família.

Se no início do século XX a identidade se confundia com o sentimento religioso, nutrido pelas missões católicas nas comunidades de imigrantes no Brasil, que viam na defesa da cultura italiana um instrumento de manutenção da fé, na transição para o século XXI esse tema se revestiu de um *mix* de nostalgia, de orgulho das raízes culturais, permeada por uma visão romanceada da epopeia do imigrante. Soma-se a esse panorama a reclamação de direitos civis, como a corrida aos processos de reconhecimento da cidadania *jure sanguinis*⁶² pelos ítalo-descendentes, e o turismo cultural como estratégia de sustentabilidade de diversas comunidades.

Alguns autores se referem à questão identitária com o termo italianidade (DE BONI, 1994; REGINATO, 1996; TRUZZI, 2016), e este estudo vê esse fator nutrindo a continuidade do trabalho que vem sendo realizado nos museus-casas. As comunidades se uniram em prol da concepção desses espaços, e as mesmas comunidades visitam e participam das ações culturais a eles associadas. O museu-casa é, portanto, a materialização dessa italianidade enquanto símbolo de resistência e orgulho da própria história.

2.4.4. Poéticas imersivas

A musealização pressupõe um congelamento, uma intocabilidade, e as vivências passam a ser possíveis do ponto de vista da experiência que o discurso curatorial e as ações educativas propõem para o espaço físico, inclusive em transformações no próprio espaço museal.

A casa é a habitação, o lar, a família, o reduto da intimidade, um dos maiores referenciais pessoais adentráveis. E enquanto espaços repletos de recordações relacionadas à vida humana, os museus-casas apresentam grande potencial de poéticas imersivas, partindo do princípio de que a casa é um elo simbólico com os visitantes, já que todos moram em uma. Na materialidade da casa, adentramos a poética do espaço (BACHELARD, 2008).

⁶² O direito ao reconhecimento da cidadania italiana *jure sanguinis* é regulamentada pela lei italiana n° 9, de 5 de fevereiro de 1992. Disponível em Ministero degli Affari Esteri, <www.esteri.it/mae/it/servizi/italiani-all-estero/cittadinanza.html>. Acesso em: 08 Jun. 2018.

A memória contida nos museus-casas elencados neste estudo se confunde com as lembranças de quem os visita, constituindo pontes invisíveis que os italianos e seus descendentes cruzam para revisitar sua história, e refletir sobre seu presente e futuro. “É exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós”, reflete Bachelard (BACHELARD, 2008, p. 26). E essa simbiose pode ser potencializada pelas abordagens curatoriais que cada museu adota e que se materializa na museografia de exposições permanentes ou temporárias, em processos de ressignificação de acervos. Independente das afinidades culturais do visitante com o espaço, como propiciar a experiência imersiva é o mote da contemporaneidade, que tem à disposição recursos tecnológicos e um referencial teórico dos mais relevantes no estudo das humanidades.

Não é preciso ter vivido em uma casa modesta da zona rural para compreender, valorizar e vivenciar essas moradas, pois “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção da casa”, ainda nas reflexões de Bachelard (BACHELARD, 2008, p. 24). E esses espaços que aparentam simplicidade, quando comparadas às moradias contemporâneas, repletas de recursos tecnológicos, seriam assim tão simples? Coletar pedras e erguer uma casa com paredes autoportantes não deve ser tarefa das mais fáceis. Há uma sofisticação nos métodos vernaculares que pode escapar a um olhar desatento.

A apresentação da casa e de objetos relacionados a seu sistema de valores pode atingir seu potencial na mediação para os sentidos, de modo a promover ressignificações em quem a visita. O antropólogo Alberto Mario Cirese já destacava no final dos anos 1960 (CIRESE, 1967) que para traduzir o passado para o futuro era preciso mais do que a preservação material, e que a museografia antropológica/etnográfica deveria ser projetada para haver ressonância entre o material, o emocional e o espiritual, ou seja, seria um meio semiótico, uma metalinguagem.

Nesse sentido, o tema “cerimonial” relacionado à museografia reflete a imaterialidade associada à casa e aos objetos, e pode ser evidenciada por meio de celebrações, operações e reproduções, como os métodos construtivos das habitações, o preparo dos pães e da polenta, os modos de costurar o bordado, de fazer o trançado de palha, enfim, no exercício dos saberes associados à instrumentação presente no museu, como ação educativa para os visitantes.

Figura 208 – Ações na Casa Ranzini: oficina de caiação na Jornada do Patrimônio 2016 – As origens da cidade; e demonstração de fotograma em placa úmida de colódio realizada em 2017 em seu laboratório de fotografia.

Fonte: Casa Ranzini/Facebook. Disponível em: www.facebook.com/pg/CasaRanziniOlharaArte/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 29 Jun. 2016.

Há vida depositada e agregada aos objetos, e deixar ao alcance dos sentidos essas camadas de sedimentos seria papel dos museus, assim como o museu-casa é um médium entre o visitante e a vida que já transcorreu naquele local, ou a vida que ela se propõe representar. Longe de fingir uma vida, deve falar da vida, e nesse discurso a verdade é fundamental. Se uma relíquia retirada do templo para figurar uma vitrine de objetos em um museu perde sua razão de ser, os utensílios cotidianos expostos em seu habitat continuam ativos, ainda que intocados.

Mas de que tipo de recursos os museus-casas têm se servido para cumprir o seu papel? Primeiramente é preciso investir em conhecimento: uma pesquisa histórica é fundamental para transmitir a verdade, é a base da interpretação dos fatos e de seus

testemunhos materiais e intangíveis. O vazio discursivo esvazia a casa de visitantes, pois uma vez vista a casa, não há necessidade de voltar.

O discurso não precisa ser verbalizado durante toda a visita, ele deve ser pensado de modo a despertar o interesse e envolver o visitante, variando de acordo com o conhecimento que ele tem daquele lugar. A comunicação visual não deve ser protagonista, mas dar protagonismo à casa, assim como os recursos tecnológicos. Não há uma fórmula que defina o quanto de discurso, de comunicação visual e de tecnologia o museu precisa se nutrir, por isso o papel de uma equipe multidisciplinar é fundamental para o êxito do museu. Articulam-se museólogos, curadores, historiadores, pedagogos, especialistas em determinadas áreas do conhecimento, comunidade, enfim, é saudável que os museus não fiquem restritos à atuação de determinadas profissões, a fim de dinamizar as reflexões sobre quando e como dar dimensão a certos aspectos da casa.

Além das ações educativas que podem promover diversas experiências de visita dentro das casas, há outro fator a considerar dos mais relevantes, o olhar de dentro para fora da casa, para a comunidade, para a cidade, para a terra-natal do imigrante que ali habitou.

Do ponto de vista tecnológico, as visitas virtuais não apenas democratizam o acesso aos ambientes expositivos, como oferecem a oportunidade de imersão a longa distância. Um morador de Chiampo, no Vêneto, poderia visitar o Museu Casa de Portinari e conhecer o legado de uma família que há mais de cem anos partiu daquela cidade, assim como um habitante de Pádua, também no Vêneto, poderia conhecer a trajetória da família Biagi na Casa da Memória Italiana.

Figura 209 – Visita virtual. Museu Casa de Portinari.

Fonte: Museu Casa de Portinari/Site. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/visite-o-museu/visita-virtual-2>. Acesso em: 20 Jun. 2018.

Figura 210 – Visita virtual. Casa da Memória Italiana.

Fonte: Casa da Memória Italiana/Site. Disponível em: <www.casadamemoriaitaliana.com.br/tour-virtual/>. Acesso em: 29 Jun. 2018.

E as casas vazias? Sem acervos móveis para dar um fio condutor à narrativa curatorial, a Casa Buzzi, em Santa Catarina, e o Casarão dos Veronese, no Rio Grande do Sul, dão asas à imaginação. Permitem uma imersão livre do ponto de vista sensorial em quem os visita. Nelas, o vazio fala ao coração.

Veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou, inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.

3. Rede de museus-casas entre Brasil e Itália

Os movimentos migratórios, enquanto fenômenos que conectam pessoas e lugares, deixam sinais de experiências pessoais e coletivas. E após conhecer as casas dos imigrantes italianos abertas à visita, é evidente que muitos dos picos de distribuição do fluxo dessas memórias estão nos museus-casas, verdadeiros repositórios de testemunhos materiais e imateriais.

Michel Foucault afirmava que “estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos”, definindo tal conceito como “relações de vizinhança entre pontos ou elementos” (FOUCAULT, 1967). E em épocas de simultaneidade e deslocamentos no ciberespaço, as redes têm se mostrado eficazes na promoção de diálogos e no compartilhamento de experiências entre museus, a partir da articulação institucional e com especialistas, cuja mediação é facilitada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS). No entanto, assiste-se à formação de diversas redes que não necessariamente interagem entre si, desperdiçando um potencial de relacionamento que na atualidade vai na contramão do movimento de conexões interplanetárias iniciado desde os anos 1960 com a cibercultura, que demonstrou a possibilidade de superação de fronteiras geográficas por meio das redes telemáticas.

O ICOM tem desempenhado importante papel na articulação entre os comitês temáticos internacionais, e estes com os museus filiados, a exemplo do DEMHIST, que tem se empenhado em aprimorar a interlocução com os museus que representa, utilizando *mailing*, *website*, página na rede social Facebook e encontros periódicos para discussão de temas de relevância e interesse comum. Trata-se de uma rede de profissionais e instituições que atua de modo colaborativo, mas que, no entanto, ainda não dispõe de plataforma digital que permita a visualização dos museus-casas em todo o mundo, suas possíveis interações segundo a categorização proposta por PAVONI, que os distingue por perfis, e a interface com outras redes e outros links de interesse.

Algumas redes têm apresentado bons resultados com o uso das TICS, como a *Iconic Houses*⁶³, que reúne no *website* www.iconichouses.org/ informações sobre casas do século XX, visitáveis ou não, destacadas por sua representatividade no Modernismo. As informações

⁶³ Casas icônicas. Tradução livre da pesquisadora.

incluem as localizações das casas em um mapa *mundi*, a possibilidade de filtrá-las por tipos, seja pelas características arquitetônicas e os arquitetos responsáveis por seus projetos, como a Casa de Vidro de Lina Bo Bardi, no Brasil, seja pelos artistas que as habitaram, como a Casa Azul de Frida Kahlo, no México. Também destaca o patrimônio em risco, textos de interesse, entre outras informações de relevância para as casas cadastradas.

Figura 211 – Página inicial do site *Iconic Houses*.

Fonte: *Iconic Houses*/Site. Disponível em: <www.iconichouses.org/>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

No Brasil, há um importante trabalho em andamento com os Mapas Culturais, base de dados em *software* livre com informações e indicadores, alimentada por instituições municipais, estaduais e federais, gerando um mapeamento coletivo interligado ao Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC) do Ministério da Cultura⁶⁴. Articulam-se o IBRAM, com o cadastro nacional de museus, e sistemas estaduais como o SISEM-SP, os precursores desse projeto.

Nessa plataforma brasileira, os museus são identificados por temáticas⁶⁵, entre artes, arquitetura e linguística; antropologia e arqueologia; ciências exatas, da terra, biológicas e da saúde; história; educação, esporte e lazer; meios de comunicação e transporte; produção de bens e serviços; defesa e segurança pública. O museu-casa não está contemplado no guarda-

⁶⁴ Mapa da Cultura disponível em: <<http://mapas.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

⁶⁵ A classificação temática segue os parâmetros do cadastro nacional de museus sob responsabilidade do IBRAM.

chuva temático, o que dificulta sua identificação como tal. Em alguns museus visitados, após comentar o objetivo da visita técnica, uma das perguntas que os educadores fizeram foi: e nós somos um museu-casa? Promover uma interface com museus-casas localizados na Itália ajudaria a esclarecer essas dúvidas.

Figura 212 – Página do site Museusbr com a localização dos museus cadastrados.

Fonte: Museusbr/Site. Disponível em: <<http://museus.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

Na Itália, algumas redes se destacam, desde bases locais como *Storie Milanesi*, que articula museus-casas, ateliês abertos à visitação e espaços culturais na cidade de Milão; regionais como *Case Museo dei Poeti e degli Scrittori di Romagna*, que reúne especificamente museus-casas de poetas e escritores da região Emília-Romanha; e nacionais, como *Case Museo In Itália*, voltado aos museus-casas localizados na Itália, e que interessa particularmente a este estudo por apresentar potencial de interface com os museus-casas de imigrantes italianos no Brasil⁶⁶.

⁶⁶Acesso às redes pelos links: <<http://www.storiemilanesi.org/>>; <www.casemuseoromagna.it/>; e <<http://casemuseoitalia.it/it/>>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

Figura 213 – Rede de Museus-casas na Itália.

Fonte: Case Museo in Italia/Site. Disponível em: <<http://casemuseoitalia.it/it/Network.asp>>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

Dadas as semelhanças entre os museus-casas aqui estudados e os museus-casas italianos, aproximá-los pode fortalecê-los mutuamente, tanto no aspecto institucional, como perante as comunidades que representam, e que os veem como ícones de sua história. Além de ampliar a visibilidade e valorizar as heranças culturais que perpassam os museus-casas em ambos os países, possibilita um estudo mais aprofundado, a partir de uma análise comparativa, sobre a arquitetura das casas, os métodos construtivos, os objetos do cotidiano, as devoções e rituais, os saberes e os modos de fazer associados aos acervos expostos à visitação, desfazendo equívocos e estereótipos que porventura existam, e contribuindo com a preservação. Para viabilizar com essa aproximação, o uso de plataformas digitais é essencial.

Dada a inexistência de uma interface tecnológica entre os museus brasileiros analisados nesse estudo e seus pares na Itália, o aproveitamento de plataformas existentes tende a ser um caminho viável e otimizador de recursos, além possibilitar coma convivência social, como defende Manuel Castells a propósito das redes (CASTELLS, 2010). Nessa linha de pensamento, este estudo pressupõe uma conexão por meio de *hiperlinks* entre o portal Museusbr, que integra o programa Mapas da Cultura, e o portal *Case Museo in Itália*.

O portal italiano apresenta uma aba denominada *Le Case Museo nostre amiche nel mondo*⁶⁷, e a conexão com os museus brasileiros poderia se dar na inserção de dados institucionais de cada espaço, com um *link* que direcionaria à respectiva página no portal brasileiro.

Figura 214 – Marcação de museus-casas de italianos no Brasil e na Itália.

Fonte: Adaptado de Case Museo in Italia/Site. Mapa original disponível em: <http://casemuseoitalia.it/it/Network.asp>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

A hiperconectividade é tema atual de reflexões no âmbito museológico, demanda natural diante de um mundo totalmente hiperconectado, em que tecnologias são desenvolvidas em alta velocidade. O ICOM trouxe à discussão para o ano de 2018 essa questão, sugerindo o tema “Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos” como mote de debate para o Dia Internacional de Museus, também adotado pelo IBRAM para a 16ª Semana Nacional de Museus, que contou com adesão massiva dos museus do país. Assim, pensar na interface entre os museus-casas de imigrantes italianos no Brasil com os museus-casas na Itália e contar com as plataformas tecnológicas existentes se mostra altamente relevante e justificável, rompendo com a cartografia que ainda impera na gestão institucional das redes de ambos os países.

É impossível entender o papel dos museus sem levar em conta todas conexões que eles fazem. (...) Graças à tecnologia, os museus agora podem alcançar muito além de seu público principal e encontrar novos públicos. (...) Para engajar esses novos

⁶⁷ Os museus-casas nossos amigos no mundo. Tradução livre da pesquisadora.

públicos e fortalecer suas conexões com eles, os museus devem encontrar novas formas de interpretar e apresentar suas coleções. Instituto Brasileiro de Museus⁶⁸.

O espaço se expande por meio de extensões, nas relações de vizinhança dos museus-casas com seu entorno imediato e com áreas cada vez mais distantes, na terra de origem, e deles entre si, tendo como elo relações de verossimilhança: as origens culturais na Itália, o percurso realizado até a morada no Brasil, as histórias de vida, que se confundem entre si devido às origens e trajetórias comuns. Assim como André Malraux propôs um museu imaginário (MALRAUX, 2017), sem muros, como extensão do museu físico, o diálogo entre redes pode abrir tais caminhos.

Além do viés prático na aproximação dos museus brasileiros e italianos por meio de rede, há uma abordagem filosófica das mais relevantes que pode ser explorada no ciberespaço. A partir da metáfora do espelho, que se abre virtualmente atrás da superfície de quem se vê refletido, ocupando simultaneamente um lugar virtual e um lugar real, Michel Foucault abordou as heterotopias enquanto lugares com múltiplas camadas de significação, incluindo relações com outros lugares, com efeitos retroativos sobre as pessoas. Para o filósofo, “museus são heterotopias nas quais o tempo não cessa de se acumular”, coexistindo em seu interior objetos de tempos diversos, preservados para não se deteriorarem (FOUCAULT, 1967). Nesse sentido, os espaços e memórias dos museus-casas coexistiriam nos dois países, fisicamente em um local e virtualmente no outro. Os museus-casas no Brasil seriam lugares, enquanto os da Itália seriam metalugares, e vice-versa. Assim como milhares de pessoas atravessaram o oceano a bordo de navios no processo migratório, há quase cento e cinquenta anos, a navegação contemporânea abrange o mar e os *hiperlinks*.

⁶⁸ In: 16ª Semana Nacional de Museus: novas abordagens, novos públicos – 14 a 20 de maio 2018. Disponível em: <www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/16SemanaMuseus_TextoReferencia.pdf>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início desta pesquisa, ao conhecer algumas residências de italianos que haviam sido musealizadas, o principal questionamento era se esses lugares de memória – como são geralmente apresentados –, que priorizam na leitura dos espaços testemunhos da imigração e da comunidade, externariam heranças culturais do país de procedência dos antigos colonizadores. Essa questão deveu-se a similaridades encontradas entre museus brasileiros e italianos, principalmente nos métodos vernaculares empregados na construção das casas, na iconografia do desenho arquitetônico, na composição das cozinhas, dos dormitórios e de espaços de trabalho, e em alguns objetos singulares relacionados ao cotidiano doméstico e de trabalho.

Ficou evidente que, além da transferência de conhecimento técnico prévio para a edificação da casa e a manufatura de utensílios, preservou-se o regime de mutirão que já era praticado na terra de origem, e que no Brasil encontrou nos desafios comuns de adaptação um meio de apoio mútuo.

Pelo fato da maior parte das casas terem sido construídas pelos antigos moradores logo após a sua chegada no Brasil, e pelas características iniciais desses grupos que privilegiavam uma convivência com pessoas de mesma origem, parecia, a princípio, tratar-se de uma transposição cultural isenta de interferências de outras etnias. No entanto, muito desse conhecimento anterior teve que se adequar à realidade brasileira, então seria leviano afirmar que houve uma transposição cultural isenta de influências. Mudou-se o ambiente, diversificaram-se os métodos.

Ao longo do século XX, diversos acontecimentos colocaram em xeque a sobrevivência da cultura dos imigrantes. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, o receio de que o governo italiano recrutasse imigrantes no Brasil foi tão grande que muitas pessoas se naturalizaram brasileiras, queimaram documentos, falsificaram outros, mudaram os nomes. Aliado a essa situação, a política nacionalista do Estado Novo no governo de Getúlio Vargas inibiu manifestações étnicas estrangeiras, como os idiomas de origem e a denominação de cidades e logradouros com termos alusivos à Itália, substituindo-os por nomes de heróis e movimentos históricos nacionais. Nova Vicenza, por exemplo, passou a se chamar Farroupilha, como muitos outros municípios. O posicionamento contrário entre Brasil e Itália nas Guerras Mundiais intensificou essas práticas, com perseguições a italianos sob acusações de fascistas, assim como aconteceram com alemães e japoneses.

Nesse contexto, muito se perdeu do ponto de vista cultural e resgatar essa memória diluída vem sendo um grande desafio na concepção dos museus, que contam com grande saudosismo e muitos artefatos doados pelas comunidades. Esses museus são a ponta do *iceberg*, e há muito ainda a ser investigado e externado.

Também é importante ressaltar que, mais de um século depois da chegada dos pioneiros, os influxos culturais das regiões de origem dos imigrantes se perderam em meio à uma visão macro das heranças vinculadas à Itália enquanto país, que na ocasião dos deslocamentos estava unificado há pouco tempo; os grupos se viam de modo regional, a noção de pátria era muito recente e ganharia corpo muito tempo depois, sobretudo por ocasião do centenário da imigração, nutrido também como um modo de reforçar as identidades.

Compreender os regionalismos é de suma importância para escapar de estereótipos. Isso foi percebido ao estudar as origens de cada morador, que nem sempre estão claramente evidenciadas no discurso curatorial, que privilegia a abordagem de como uma família italiana vivia em determinado tempo no Brasil, sem estender a discussão para como se vivia na Itália antes da imigração. Confrontar esses dois cenários seria transformador, pois ampliaria o potencial de ressignificação dos espaços.

A maioria dos discursos museais enfatizam o museu-casa como testemunho da bravura e dos enfrentamentos dos italianos na nova pátria, sem necessariamente pontuar influências culturais específicas das regiões de origem, sobretudo do Vêneto, do Trento e da Lombardia, de onde provém a maioria dos imigrantes que habitaram esses espaços. Costuma-se associar o tema heranças culturais de modo generalizado à Itália, sem o destaque para as características que nesse país distinguem as cidades umas das outras. Enquanto nos museus do Brasil a bandeira italiana é destacada, nos museus italianos enfatizam-se os símbolos locais.

Dada a relevância desses acervos, faz-se necessário um estudo posterior mais aprofundado sobre as cidades de origem dos personagens, e investigar nesses locais desde os métodos construtivos aplicados à edificação, aos costumes e modos de fazer os utensílios e a ritualística do cotidiano. Há diferenças, por exemplo, entre os bordados realizados nos têxteis em comunas de Vicenza e Veneza, ambas no Vêneto, mas os museus-casas relacionados a pessoas dessas origens não pontuam as particularidades. Como o idioma Talian, que se consitiu uma mescla dos idiomas falados no norte da Itália com o português, os museus-casas no Brasil partilham da mesma fusão. São coleções híbridas – e adoráveis – repetidas em espaços distintos.

No entanto, ao finalizar este estudo, é sensato afirmar que, do mesmo modo que os imigrantes italianos interagiram com povos de outras origens, inclusive brasileiros, ao longo do século XX, as casas também refletem essa interculturalidade, seja nas modificações nos elementos arquitetônicos ao longo do tempo – como a substituição dos telhados de *scandole* por zinco ou telhas francesas –, como no mobiliário e nos utensílios domésticos, na medida em que a situação econômica e os avanços tecnológicos proporcionavam itens de maior conforto, de *status* e que facilitavam a rotina doméstica. Soma-se a isso o fato de muitas das casas terem passado por períodos de esvaziamento, seja por abandono, seja por mudança de função, com resgates posteriores. E um resgate sempre trabalha com fragmentos que dão uma noção de conjunto.

Seria enriquecedor ampliar as pesquisas acerca das heranças culturais para os pontos de partida dos deslocamentos que trouxeram esses indivíduos para o Brasil, pois as cidades de procedência – em sua maioria pequenas comunas – preservam muitas das tradições locais que poderiam servir de subsídio para exposições temporárias que destacassem a origem de determinados costumes disseminados no Brasil. Além de pontuar as especificidades, incluindo a tradução da nomenclatura dos objetos para o italiano ou os dialetos que se perderam, outras ações enriqueceriam o debate, como oficinas de fazeres artesanais relacionadas à culinária, à manufatura de móveis e utensílios, a métodos construtivos vernaculares, enfim, à ritualística associada ao cotidiano que está implícita nas casas e nos objetos. Além de apresentar os utensílios, ensinar a fazer o pão, a polenta, o trançado de palha, o bordado e as vestimentas que davam personalidade a cada localidade traria um novo olhar a esse patrimônio e a seus intérpretes. É preciso pesquisa, interlocução, intercâmbio profissional e conexões em rede.

Acerca das pesquisas, além dos estudos universitários há outros caminhos que podem ser explorados: municípios brasileiros vêm firmando *gemellaggio* com cidades italianas, que consiste em acordos de cooperação entre duas localidades que apresentam similaridades do ponto de vista social, cultural, econômico e geográfico, de modo a promover e ampliar conhecimento, materializado por meio de ações conjuntas. Exemplo está no *gemellaggio* que a cidade de Farroupilha, no Rio Grande do Sul, firmou em 2014 com Latina, comuna italiana da região do Lácio, que vem viabilizando intercâmbios estudantis para fins de pesquisa. Ambas foram povoadas por colonizadores provenientes do Vêneto e são vistas como cidades-irmãs, assim como Caxias do Sul e Pádova, Bento Gonçalves e comunas do Trento. Dentro dessa cooperação, seria produtivo e revelador aproximar o Museu Municipal Casa de Pedra,

em Farroupilha, e o Museo della Terra Pontina⁶⁹, em Latina, que conservam e investigam bens materiais relacionados aos colonizadores. Esse é apenas um exemplo do tipo de interlocução que enriqueceria museus dessa temática.

Figura 215 – Exposição de uma cozinha colonial no Museo della Terra Pontina, Latina, Itália.

Fonte: Museo della Terra Pontina/Site. Disponível em: www.museodellaterrapontina.altervista.org/chisiamo.html. Acesso em: 26 Jun. 2018.

Além dessas interlocuções pontuais, a articulação em rede dos museus-casas de italianos no Brasil e destes com a Itália fortaleceria o conjunto do ponto de vista conceitual, visto que a grande maioria se vê como museu de história e desconhece a tipologia museu-casa. Conhecer uns aos outros daria nova dimensão à imaginação museal desses espaços, fortalecendo suas vocações para além da interpretação histórica. Não se trata de criticar o modo como os museus são categorizados, mas de agregar valor com uma leitura desses espaços sob o conceito que vem sendo estudado no DEMHIST.

Espera-se, desse modo, que na articulação em rede nasça uma investigação sobre as particularidades que se perderam após um século de imigração. É um projeto de longo prazo, sem visibilidade imediata, mas que contribuiria com os museus enquanto espaços sociais que se nutrem de pesquisa constante, em consonância com a visão contemporânea de museu, tirando-o do intocável para o transformador. Zygmunt Bauman afirmou que os museus são espaços de solidez em um mundo globalizado (BAUMAN, 1999), mas esses espaços de solidez não precisam estar parados no tempo, eles precisam de nutrição, de oxigenação, para

⁶⁹ Museo della Terra Pontina/Site. Disponível em: www.museodellaterrapontina.altervista.org/chisiamo.html. Acesso em: 26 Jun. 2018.

que no desdobramento do tempo e do espaço se amplie a compreensão das pessoas a respeito de temas importantes para a contemporaneidade, a exemplo das questões de gênero e das raciais.

Os estudos acerca da imigração italiana no Brasil privilegiam questões de trabalho e, conseqüentemente, o papel masculino nessa dinâmica, em prejuízo da trajetória feminina, visto que a mulher era restrita aos afazeres domésticos. Assim, o estudo dos museus-casas vem somar a esse percurso investigativo, pois expõe aspectos do cotidiano relacionados à importância da mulher na sociedade, em especial o trabalho doméstico, o cuidado da família e a instrução dos filhos, incluindo a educação espiritual. A força de trabalho da mulher esteve durante muito tempo implícita na masculina, pois a mão-de-obra familiar tinha no homem o chefe. Mas enquanto muitos homens partiam para a lavoura, a mulher cuidava da horta e dos animais criados em casa, dos filhos e dos idosos, e assim a residência enquanto território feminino pode ser entendida como uma importante estrutura física e emocional para a família.

A história do homem é permeada de migrações, e de tempos em tempos o fenômeno migratório assume grandes proporções, como o que o mundo assiste nos tempos atuais, permeado que tensões e conflitos, de preconceitos e ajustes. Diferentemente dos haitianos e venezuelanos que, na fuga de contextos sociopolíticos, hoje se arriscam ao forçar as fronteiras brasileiras em busca de melhores condições de vida, os italianos foram “convidados” a migrar para o Brasil no final do século XIX. Apesar dos ganhos, depararam-se com ilusões, preconceitos e exploração, e é salutar encarar o passado para compreender o que acontece no presente.

Além de monumentos da imigração italiana no Brasil, os museus-casas são espaços de vivência, onde as pessoas podem refletir sobre os desafios de seus antepassados e ressignificar as experiências para praticar cidadania em seu modo mais nobre: na compreensão e no respeito à vida humana.

Apesar dessas observações que visam suprir lacunas e enriquecer o debate, um fato é incontestável: o envolvimento da sociedade na formulação dos museus demonstra uma herança cultural relevante – talvez a mais importante: a materialização de um conjunto harmonizado de heranças singulares, de acervos de grande simbologia, que promovem solidariedade e pertencimento em quem os visita. A união que esses museus despertam assemelha-se aos mencionados mutirões que eram realizados para a colheita e para a construção de casas na transição entre os séculos XIX e o XX, um fazer conjunto em prol da comunidade. Esse é o maior legado desses espaços.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sônia Guarita do. **Quando a casa é o objeto museal**. Apresentação ministrada no VIII Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casa e Casas Históricas – Um objeto, uma casa, muitas histórias. São Paulo, 2014. Não publicado.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto Imigrantes Espírito Santo**. Disponível em: <<http://imigrantes.es.gov.br/>>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. **Coleção das Leis do Império do Brasil de 1876**. Tomo XXXIV. Rio de Janeiro: Tipographia Nacional, 1876. Disponível em: <www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao7.html>. Acesso em: 05 Jan. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBOSA, Fidelis Dalcin. **Campo dos bugres: a vida nos primórdios da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Escola Superior de Teologia S. Lourenço de Brindes: Distribuidora, Livraria Sulina, 1975.

BARBUY, Heloisa Maria Silveira. **A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise**. In: Anais do Museu Paulista v. 3, n.3. São Paulo, 1995, p. 209-230.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovilio. **Assim vivem os italianos, vol. I: vida, história, cantos, comidas e histórias**. Porto Alegre: Educs-Est, 1982.

_____. **Assim vivem os italianos, vol. II: religião, música, trabalho, e lazer**. Porto Alegre: Educs-Est, 1983.

_____. **Assim vivem os italianos, vol. III: a vida italiana em fotografia**. Porto Alegre: Educs-Est, 1983.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovilio; POSENATO, Júlio. **Assim vivem os italianos**: arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENEDINI, Giuseppe Federico. **A emigração italiana para a Bahia**. In: Fênix Revista de História e Estudos Culturais da Universidade do Estado da Bahia. Vol. 10, dezembro de 2013. Disponível em:

<www.revistafenix.pro.br/PDF32/ARTIGO_10_SECAO_LIVRE_GIUSEPPE_FEDERICO_BENEDINI_FENIX_JUL_DEZ_2013.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2015.

BENEDUZI, Luis Fernando. **Imigração italiana e catolicismo**: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BERTUSSI, Paulo Iroquez. **Elementos de Arquitetura da Imigração Italiana**. In: Weimer, Günter (org). A Arquitetura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 122-123.

BIASUTTI, Luiz Carlos. **Documentário do Centenário do Município de Santa Teresa – Espírito Santo**. Álbum de recortes – 1881-1991. Disponível em: <www.camarasantateresa.es.gov.br/uploads/filemanager/paginas/documentario_santateresa.pdf>. Acesso em: 16 Jun. 2018.

BRUM NETO, Helena. **Regiões culturais:** a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha, 2007. 319 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CARVALHO, Ana Cristina. **Gestão de patrimônio museológico:** as redes de museus. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-19052009-160809/pt-br.php>. Acesso em: 25 Jun. 2016.

CARVALHO, Ana Cristina (Org.). **Anais do Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas** / 2007-2011. São Paulo: Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo/Casa Civil, 2011.

Anais do Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas / 2012-2013. São Paulo: Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo/Casa Civil, 2011.

Lugares de reflexão: museus como conectores de culturas, tempos, pessoas e grupos sociais. Anais do VII Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas, São Paulo, 10-11 de agosto de 2013, e da Conferência do Demhist na 23ª Conferência Geral Trienal do ICOM – ICOM Rio 2013, Rio de Janeiro, 12-18 de agosto de 2013. São Paulo: Demhist / Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo/Casa Civil, 2014.

Museus-casas históricas no Brasil. São Paulo: Curadoria do Acervo-Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013.

CARVALHO, Ana Cristina; MOTTA, Renata Vieira da. **Curso de Capacitação Profissional para Museus-Casas Históricas no Brasil.** Relatório de atividades. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo / DEMHIST, 2015.

CARVALHO, Diego Francisco de. **Cafés, ferrovias e crescimento populacional: o florescimento da região noroeste paulista**. In: Revista Histórica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 27, novembro de 2007. Disponível em: <www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao27/materia02/>. Acesso em: 08 Jun. 2018.

CASAGRANDE, Gilnei Ricardo. **Um cheiro do vinho**: presença italiana em Gramado. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CECHIN, Nilson Nicoloso. **Os sobrados rurais remanescentes da 4ª colônia de imigração italiana no Rio Grande do Sul**. In: MIRANDA, Macklaine Miletho Silva; BRUM, Nelci Fatima Denti. As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países do Prata. Santa Maria: Palotti, 2002.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**: “andiamo in Merica”. São Paulo, Edusp, 2003.

CHAGAS, Mario de Souza. **Imaginação museal**: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

CIRESE, Alberto Mario. ***Beni volatili**: stili musei – Diciotto altri scritti su oggetti e segni*. Siena: Gli Ori, 2007.

_____. ***Oggetti, segni, musei**: sulle tradizioni contadine*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1977.

_____. ***Tra cosmo e campanile** – Ragioni etiche e identità locali*. Siena: Protagon Editori Toscani, 2003.

CORRÊA, Marcelo Armellini. **Dos Alpes do Tirol à Serra Gaúcha: a questão da identidade dos imigrantes trentinos no Rio Grande do Sul (1875-1918).** Dissertação de Mestrado. UNISINOS, 2014.

CÔRTEZ, Geraldo de Menezes. **Migração e colonização no Brasil com 19 gráficos e mapas.** Livraria J. Olympio Editôra, 1958.

COSTA, Rovilio. **Antropologia Visual da Imigração Italiana.** Coleção Centenário da Imigração Italiana 13. Caixas do Sul: EDUCS, 1976.

_____. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes, tradições.** Escola Superior de Teologia São Lourenço de Bríndes : distribuidora, Livraria Sulina, 1975.

COSTA, Rovilio; DE BONI, Luis A; TRENTO, Angelo. *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile. Popolazioni e culture italiane nel mondo.* Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 1991.

CRESTANI, Letissia. **Abrindo o baú: museus familiares e a guarda de reminiscências.** Monografia. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49273/000828652.pdf?sequence=1. Acesso em: 07 Jan. 2016.

DAL BÓ, Juventino. **Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.** In: Acervo Revista do Arquivo Nacional, Vol. 10, n° 2 Imigração, jul-dez 2007. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/issue/view/20>. Acesso em: 10 Jun. 2018.

DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia / Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

_____. **A presença italiana no Brasil Vol. II.** Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia / Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

DEMHIST. *International Committee for Historic House Museums*. Disponível em: <<http://demhist.icom.museum/shop/shop.php?detail=1255432597>>. Acesso em: 12 Jun. 2014.

EBERHARD, Renata Pistilli. **Por que um vídeo-documentário sobre as mudanças ocorridas em Quiririm?** In: Taubaté produz documentário sobre Quiririm antigo, reportagem de Antônio Barbosa Filho para o Blog Vale Pensar, 2017. Disponível em: <<http://valepensar.net/2034-2/>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

_____. **Projeto expográfico do Museu do Imigrante Quiririm:** espaços e conteúdos. Não publicado.

_____. **Projeto Site Società Trenta di Aprile.** Texto não publicado. Taubaté, 2018.

_____. **Quiririm:** de núcleo colonial a centro de cultura italiana. Apresentação ministrada no VIII Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas – Coleções e personagens: por que preservar? São Paulo, 2014. Não publicado.

ESTADO DE SÃO PAULO. **O imigrante.** Publicação mensal. São Paulo: Secretaria da Agricultura, anno I, número 1 janeiro 1908. Disponível em: <<http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/IM19080101.pdf>>. Acesso em: 15 Jun. 2018.

FABBRI, Angelica. **Museu Casa de Portinari:** caro visitante, bem-vindo, a casa é sua! Apresentação ministrada no IX Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casa e Casas Históricas – Um objeto, uma casa, muitas histórias. São Paulo, 2015. Não publicado.

_____. **Narrativas de uma vida:** um pintor, um tempo, um lugar. Apresentação ministrada no VIII Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casa e Casas Históricas – Um objeto, uma casa, muitas histórias. São Paulo, 2014. Não publicado.

_____. **Textos para o Museu Casa de Portinari:** a casa; biografia familiar; dos Portinari; dos Torquato. Não publicado. Brodowski, sem data.

_____. **Uma casa:** múltiplos olhares, múltiplas interpretações. Apresentação ministrada no X Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casa e Casas Históricas – Museus, identidades, territórios. São Paulo, 2016. Não publicado.

FABBRI, Angelica; ZOLCSAK, Elisabeth. **Museu Casa de Portinari** – Plano Museológico 2018. Brodowski: Museu Casa de Portinari / ACAM Portinari, 2018.

FERREIRA, Márcia Regina Rodrigues. **O processo de patrimonialização da Casa Lambert:** um estudo sobre a educação das sensibilidades em Santa Teresa (ES). Texto apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015. Disponível em: <www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433974461_ARQUIVO_Textocompleto10-06.pdf>. Acesso em: 03 Jun. 2018.

FIORATTI, Helen Costantino. ***Il mobile italiano: dall'antichità allo stile Impero.*** Firenze – Milano: Giunti Editore S. p. A., 2004.

FLORIANO, César. **Tradição e contemporaneidade na arquitetura do imigrante italiano em Santa Catarina.** In: DE BONI, Luis Alberto (Org.), 1990, p. 677-695.

FOUCAULT, Michel. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Coleção Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. ***Des espaces autres.*** Conférence au Cercle d'études architecturales, 14 mars 1967. In: Architecture, Mouvement, Continuité, n° 5, octobre 1984, pp. 46-49.

FRACALOSSO, Igor. **Clássicos da arquitetura:** Casa de Vidro / Lina Bo Bardi. In: Archdaily | Site. Disponível em: <www.archdaily.com.br/br/01-12802/classicos-da-arquitetura-casa-de-vidro-lina-bo-bardi>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

FRAGA, Thais Gomes. **Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul:** a incessante construção de uma política museológica. In: Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia n° 1. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional /

Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004, p. 107. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivRev_Musas_n1_m.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2016.

FRANCESCHETTO, Cilmar; LAZZARO, Agostino (Org.). **Italianos**: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Coleção Canaã vol. 20, Série Imigrantes Espírito Santo 1. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/italianos.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

_____. **Imigrantes Espírito Santo**: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Coleção Canaã, v. 19. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Imigrantes_Livro_21_05_14.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

GARDELIN, Mario. **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**: fontes literárias. Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Universidade de Caxias do Sul, 1988.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Museu da Imigração do Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br>>. Acesso em: 20 Out. 2015.

GRIPPIOLO, Adriana; SCAGLIOTTI, Miranda. *Mobili antichi nella casa di oggi*. Milano: Rizzoli Editore, 1967.

GUIA SC. **Casas de pedra**. Disponível em: <www.guiasc.tur.br/item/detalhes/codItem/922>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; GUTIERREZ FILHO, Rogério. **Arquitetura e assentamento ítalo-gaúchos (1875-1914)**. 1. ed. Passo Fundo: Ed. UPF, 2000.

HERMANNY, Renata. **Patrimônio cultural do Espírito Santo**: arquitetura. Vitória: SECULT, 2009.

HUTTER, Lucy Maffei. **Imigração italiana em São Paulo (1880 – 1889):** os primeiros contatos do imigrante com o Brasil. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

_____. **Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914:** o processo imigratório. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1986.

IBGE. **Território brasileiro e povoamento:** italianos. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos>>. Acesso em: 18 Nov. 2014.

IBRAM. **Guia dos museus brasileiros.** Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em: <www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_norte.pdf>. Acesso em: 27 Dez. 2014.

IMAGUIRE JR., Key. **O lambrequim.** Boletim informativo nº 17. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, março 1976.

INDIANI, José. **Os italianos de Quiririm e minhas memórias.** Taubaté, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil:** 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Território brasileiro e povoamento:** italianos. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos>>. Acesso em: 18 Nov. 2014.

IOTTI, Lúiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros:** Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996. Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1999.

IPHAЕ. **Bens tombados.** Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br>>. Acesso em 07 Jan. 2016.

IPHAN. **Ecletismo atual**. Entrevista de Carlos Lemos para Patrimônio Revista Eletrônica do IPHAN, sem data. Disponível em: <www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=172>. Acesso em: 11 Jun. 2018.

_____. **Iphan reúne parceiros para a preservação da paisagem cultural da imigração**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1888>>. Acesso em: 19 Mai. 2016.

_____. **Memória e preservação**: Antônio Prado/RS. Série Preservação e Desenvolvimento, Vol. 16. Brasília: IPHAN / Monumenta, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Memoria_e_Preservacao.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2016.

_____. **Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009**. Estabelece a chancela de paisagem cultural brasileira. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_127_de_30_de_Abril_de_2009.pdf>. Acesso em: 14 Mai. 2016.

_____. **Roteiros Nacionais de Imigração**: Santa Catarina. Vol. 2. O Patrimônio do Imigrante. Brasília: IPHAN, 2011. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi_RoteirosNacionaisImigracao_SantaCatarina_v2_m.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2016.

ISTITUZIONE VILLA SMERALDI. **La casa contadina: la cucina e la camera da letto**. In: *Guida all'esposizione permanente – Contadini della pianura bolognese (1750-1950)*. Textos de Anna Bastoni et al. Disponível em: <www.museociviltacontadina.bo.it/Engine/RAServePG.php/P/269311340400/M/258711340404>. Acesso em: 20 Out. 2017.

_____. **Museo della Civiltà Contadina: gli strumenti della cucina contadina – Prima parte**. Video. San Marino di Bentivoglio, sem data. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Xa66cg-ZhNQ>. Acesso em: 20 Out. 2017.

_____. *Museo della Civiltà Contadina: gli strumenti della cucina contadina – Seconda parte*. Video. San Marino di Bentivoglio, sem data. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=4U7fBJMWw1A>. Acesso em: 20 Out. 2017.

KLINTOWITZ, Jacob. **Museu Casa de Portinari**. E-book, 2017. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/o-museu/publicacoes>. Acesso em: 23 Mai. 2018.

LEITE, Edson. **Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil**. São Paulo: Intercom, 2011.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Ver, imaginar, repropor**. Apresentação ministrada no VIII Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casa e Casas Históricas – Um objeto, uma casa, muitas histórias. São Paulo, 2014. Não publicado.

LEMOS, Carlos A. C. **Cozinhas, etc**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

_____. **Heranças culturais: testemunhos materiais nos museus-casas**. Conferência ministrada no XI Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas – Heranças culturais: testemunhos materiais e imateriais no museu-casa histórica. São Paulo, 2017. Não publicado.

_____. **O morar em São Paulo no tempo dos italianos**. In: DE BONI, Luis A. (Org.), 1990, p. 401-410.

LOPES, Rodrigo. **Casa de Pedra: uma restauração em 1975**. In: Memória | Rodrigo Lopes. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/category/arquitetura/?topo=35,1,1,,,35>>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

LORDELLO, Eliane. **Santa Teresa, Espírito Santo – Um convite ao passeio**. In: Revista Vitruvius, ano 07, dez. 2013. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/07.082/5001>. Acesso em: 19 Out. 2017.

LORENZO, Ana Lucia Di. **Italianos em Taubaté**: o núcleo colonial do Quiririm, 1890/1920. Dissertação de Mestrado em História Econômica apresentada à FFLCH/USP. São Paulo, 2002.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Imigração italiana** – *Storie della mostra gente*. Sagra Luzzatto, 1991.

MALRAUX, André. **O museu imaginário**. Lisboa: Edições 70, 2017.

MARTINS, José de Souza. **Família e aldeia na utopia do imigrante italiano**. In: Pinto, Zélio Alves (org). *Cadernos Paulistas: história e personagens*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo / Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Para que serve um museu**. Conferência do I Encontro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas – Atrair e encantar: desafios e estratégias. In: *Anais dos Encontros Brasileiros de Palácios, Casas-Museus e Casas Históricas 2007-2010*. São Paulo: Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2010.

MOTA, Carlos Guilherme. **Museus**: memória e perspectivas. Conferência ministrada no IX Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas – Um objeto, uma casa, muitas histórias. São Paulo: 31 de agosto de 2015, não publicado.

MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Cultura e arquitetura**: a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo. Vitória: EDUFES, 1997.

MUSEU CASA DE PORTINARI. **Vídeo institucional** – Museu Casa de Portinari, 2016. Disponível em: <www.museucasadeportinari.org.br/videos>. Acesso em: 05 Jun. 2018.

MUSEU DA PESSOA. **A vida de José Indiani**. Disponível em: <www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/a-vida-de-jose-indiani-43629>. Acesso em: 12 Mai. 2018.

NASCIMENTO, Roberto R. F. do. **Campo dos Bugres-Sede Dante**: a formação urbana de Caxias do Sul (1876-1884). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

NOGUEIRA FILHO, Fred Rodrigues. **Magnavita** – Italianos na boa terra. Salvador: Paginae Editora, 2012.

PAIVA, Odair da Cruz. **Museus da imigração italiana em São Paulo**. In: Anais do VIII Seminário Nacional do Centro de Memória Unicamp. Memória e Acervos documentais: o arquivo como espaço produtor de conhecimento. Campinas: Unicamp, 2016. Disponível em: <www.cmu.unicamp.br/viiiiseminario/anais-eletronicos/j-m-3/index.html>. Acesso em: 24 Jun. 2018.

PAVONI, Rosanna. *Case museo in Italia*. Disponível em: <www.casemuseoitalia.it/it/>. Acesso em: 10 Jun. 2014.

_____. *Case museo in Italia: nuovi percorsi di cultura: poesia, storia, arte, architettura, musica, artigianato, gusto, tradizioni*. Roma: Gangemi Editore, 2009.

_____. *Case museo: il gusto dell'abitare in Italia*. Fotografie di Omar Kheiraoui. Roma: Ministero degli Affari Esteri, 2011.

_____. *Case Museo: prospettive per un nuovo ruolo nella cultura e nella società*”, Ministerio de Cultura y Museo Romántico, Madrid.

_____. *Historic House Museums Speak to the Public: Spectacular Exhibits vs. a Philological Interpretation of History: Acts of the International Conference of Demhist ICOM's International Committee for Historic Houses Genova, 1-4 November, 2000*. Bergamo: Demhist, 2001.

_____. *New Forms of Management for Historic House Museums? Acts of the 2nd Annual Demhist Conference, Barcelona July 2001*. Milan: Demhist, 2002.

_____. *Historic House Museums as Witnesses of National and Local Identities: Acts of the 3rd Annual Demhist Conference, Amsterdam, 14-16 October 2002*. ICOM International Committee for Historic House Museums (Demhist). Amsterdam: ICN – Instituut Collectie Nederland [for] DEMHIST, 2003.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Italianos no mundo rural paulista**. São Paulo: Edusp, 2002.

PLANEJAMENTO AMBIENTAL DA QUARTA COLÔNIA. **Quarta Colônia**: patrimônio cultural. In: Planejamento ambiental da Quarta colônia Santa Maria: UFSM, 2010.

PESCIOLINI, Ranieri. *L'emigrazione italiana nell'america del Sud: a proposito di uno studio recente*. In: *Vita e pensiero – Rivista Internazionale di Scienze Sociali e Discipline Ausiliarie*, Vol. 51, fascículo 203, novembro de 1909, pp. 391-402. Disponível em: <www.jstor.org/stable/41585819?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 08 Jun. 2018.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche (Org.). **Mestres artífices de Santa Catarina**. Cadernos De Memória, Vol. 2. Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColCadMem_MestresArtificeis_SantaCatarina_m.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2016.

PINNA, Giovanni. **Demhist: the Genesis of a Committee**. In: Giovanni Pinna. Site. Disponível em: <www.giovanni.pinna.info/pdf/DEMHOST-the-genesis.pdf>. Acesso em: 15 Jun. 2018.

PLANEJAMENTO AMBIENTAL DA QUARTA COLÔNIA. **Quarta Colônia**: patrimônio cultural. In: Planejamento ambiental da Quarta colônia Santa Maria: UFSM, 2010.

PONTE, António Manuel Torres da. **Casas-museu em Portugal**: teorias e práticas. Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), no âmbito do Mestrado em Museologia. Porto, 2007.

POSENATO, Julio. **A Arquitetura do Norte da Itália e das Colônias Italianas de Pequena Propriedade no Brasil**. In: Martins, Neide Marcondes & Bellotto, Manoel Lelo. *Turbulência cultural em cenários de transição: o século XIX ibero-americano*. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. *Analisi comparata dell'architettura rurale dell'Italia settentrionale e di quella dell'immigrazione italiana nel Rio Grande do Sul*. In: Aa. Vv., *Euroamericani cit.*, pp. 287-308.

_____. **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1997.

_____. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 11.904**: instituiu o Estatuto de Museus. Brasília, 14 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 19 Jun. 2016.

RANGEL, Aparecida M. S. **Vida e morte no museu-casa**. In: Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia nº 3. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007, p. 79. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivRev_Musas_n3_m.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2016.

REGINATO, Mauro (Org.). *Dal Piemonte allo Stato di Espírito Santo: aspetti della emigrazione italiana in Brasile tra Ottocento e Novecento. Atti del Seminario Internazionale*. Torino, 22 – 23 settembre 1995. Torino: Regione Piemonte / Società Italiana di Demografia Storica / Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

REGISTRO, Alice; JACOB, Raquel. **Memórias dos trabalhadores domésticos: um percurso interpretativo na Casa da Memória Italiana**. Comunicação apresentada no XI Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas – Heranças culturais: testemunhos materiais e imateriais no museu-casa históricas. São Paulo, 2017. Não publicado.

RIBEIRO, Cleodes M. P. J. **Festa e Identidade**: como se fez a Festa da Uva. Caxias do Sul: UCS, 2002.

RIGATTI, Décio; TRUSIANI, Elio. *Architettura e paesaggio in Serra Gaúcha – Migrazione italiana e territorialità* / Arquitetura e paisagem na serra gaúcha – Migração italiana e territorialidade. Roma: Edizione Nuova Cultura, 2017.

RIGHI, José Vicente; BISOGNIN, Edir Lucia; TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST, 2001.

RUBINO, Silvana. **Corpos, cadeiras, colares**: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi. In: Cadernos Pagu. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332010000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

SAAD, Denise de Souza; SAAD, Danielle de Souza; MACHADO, Marcus Vinícius Machado. **Quarta colônia de imigração italiana, patrimônio cultural e turismo no planalto central do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil**. In: Revista América Patrimônio n° 4, *Patrimônio y turismo*, 2º semestre de 2012. Disponível em: <http://www.revistaamericapatrimonio.org/art_4_4.pdf>. Acesso em 14 Mai. 2016.

SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. **Arquitetura italiana em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

SALVADORE, Waldir. **Italiano e nosso**: Felizberto Ranzini e o “estilo florentino”. Coleção Ecletismo Paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SALVADORE, Waldir; TIRAPELI, Percival. **A Casa Ranzini**: uma casa florentina na Liberdade. In: Site Casa Ranzini. Disponível em: <<http://casaranzini.blogspot.com/p/a-casa-ranzini.html>> Acesso em: 13 Jun. 2018.

SCALZER, Simone. **A configuração urbana e identidade italiana em Santa Teresa/ES**. Mariana: Encontro Nacional de História, 2012.

SEVERINO, José Roberto. **Noi oriundi**: cultura, identidade e representações da imigração italiana em Santa Catarina. Tese de Doutorado. São Paulo, 2004.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração, colonização e identidade étnica**. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/111143/109450>>. Acesso em: 08 Out. 2017.

SOCIETÀ 30 DI APRILE. **Quiririm** – A história através de documentos. Quiririm, Editora Shakti, 1999,

_____. **Quiririm**: presença e história italiana. São Paulo: Vogal, 1997.

TIRAPELI, Percival. **São Paulo**: artes e etnias. São Paulo: Editora Unesp ; Imprensa Oficial, 2007.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1989.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista**: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora Unesp, 2016.

UNESCO. **Historic house museums**. In. Museum International, Vol LIII, nº 2, April 2001. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001229/122989e.pdf>>. Acesso em: 16 Nov. 2014.

_____. **Intangible heritage**. In. Museum International, Vol LVI, nº 1-2, May 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001358/135852e.pdf#nameddest=135860>>. Acesso em: 02 Fev. 2017.

_____. **The Cultural Heritage of Migrants**. In: Museum International nº 233-4, maio de 2007. Disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=33879&URL_DO=DO_PRINTPAGE&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: 16 Nov. 2014.

VAN GAMEREN, Dick. **A Casa de Vidro de Lina Bo Bardi**. In Vitruvius, Arquitextos. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.004/980>. Acesso em: 21 Mai. 2018.

VAN HOOFF, Werner (Org). ***Catching the Spirit. Theatrical Assets of Historic Houses and their Approaches in Reinventing the Past. Acts of the 12th Annual Demhist Conference, Antwerp, 17-20 October 2011.*** ICOM International Committee for Historic House Museums (Demhist). Antwerp: Museum Plantin-Moretus, 2012.

VIEIRA FILHO; Dalmo; WEISSHEIMER, Maria Regina. **Roteiros nacionais da imigração: Santa Catarina**. Dossiê de tombamento, Vol. 1. Histórico, análise, mapeamento. Florianópolis: IPHAN, 2011. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi_RoteirosNacionaisImigracao_SantaCatarina_v1_m.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2016.

VINÍCOLA CAINELLI. **Museu Cainelli**. Site institucional. Disponível em: <<http://vinicolacainelli.com.br/museu>>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

WILKS, Caroline; KELLY, Catherine. ***Fact, fiction and nostalgia: an assessment of heritage interpretation at living museums.***

ZANI, Antônio Carlos. **Arquitetura em madeira**. Londrina: Edue, 2013.

ZATTERA, Vera Stedile. **Trajes do imigrante italiano no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Frasle S/A / Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 1991. Disponível em: <<http://www.vsz.com.br/trajes+imigrante+italiano+rio+grande+do+sul>>. Acesso em: 29 Jun. 2016.

APÊNDICE – TABELA DE MUSEUS-CASAS NO BRASIL

IMAGEM	NOME	DATA DE CONSTRUÇÃO	FAMÍLIA	PROCEDÊNCIA COMUNA PROVÍNCIA REGIÃO	MUSEU COLEÇÃO VISITÁVEL	GESTÃO	MUNICÍPIO	ESTADO
Casa Lambert	1876	Lambert	Centa San Nicolò Trento Trentino Alto Adige	Museu	Público Municipal	Santa Teresa	ES
Museu Casa Zinani	1915	Zinani	Fanano Modena Emilia Romagna	Museu	Privado	Caxias do Sul	RS
Casa de Eugenio Mottin Memorial do Imigrante Italiano	1922	Mottin	Desconhecida Vicenza Vêneto	Museu	Público Municipal	Colombo	PR
Memorial Casa Italiana	1937	Peteffi	Desconhecida Trento Trentino Alto Adige	Museu	Público Municipal	Gramado	RS
Casa de Bona	1888	De Bona	Desconhecida	Coleção visitável	Privado	Farrroupilha	RS
Museu Cainelli	1929	Cainelli	Barbaniga di Civezzano Trento Trentino Alto Adige	Museu	Privado	Bento Gonçalves	RS

IMAGEM	NOME	DATA DE CONSTRUÇÃO	FAMÍLIA	PROCEDÊNCIA COMUNA PROVÍNCIA REGIÃO	MUSEU COLEÇÃO VISITÁVEL	GESTÃO	MUNICÍPIO	ESTADO
Museu Ambiental Casa de Pedra	1885	Lucchese	Desconhecida	Museu	Público Municipal	Caxias do Sul	RS
Museu Municipal Casa de Pedra	1890-1896	Fin	Desconhecida	Museu	Público Municipal	Farroupilha	RS
Casas de Pedra da Família Bratti	1891-1905	Bratti	Desconhecida	Museu	Privado	Nova Veneza	SC
Casarão dos Veronese	1895-1898	Veronese	Desconhecida Norte da Itália	Museu	Público Municipal	Otávio Rocha	RS
Casa Buzzi	1886	Buzzi	Cremona Cremona Lombardia	Coleção visitável	Privado	Ascurra	SC
Museu da Imigração Italiana de Quiririm	1903	Indiani	Calvatone Cremona Lombardia	Museu	Público Municipal	Taubaté	SP

IMAGEM	NOME	DATA DE CONSTRUÇÃO	FAMÍLIA	PROCEDÊNCIA COMUNA PROVÍNCIA REGIÃO	MUSEU COLEÇÃO VISITÁVEL	GESTÃO	MUNICÍPIO	ESTADO
Museu Casa de Portinari	1908	Portinari; Torquato	Chiampo; Bassano Vicenza Vêneto	Museu	Público Municipal	Brodowski	SP
Casa da Memória Italiana	1923-1925	Biagi	Pádua Pádua Vêneto	Museu	Privado Instituto	Ribeirão Preto	SP
Museu Municipal Casal Moschetti	1958	Moschetti	Furecchio Florença Toscana	Museu	Público Municipal	Fairroupilha	RS
Casa Amarela	1921	De Bortoli	Pádua Pádua Vêneto	Coleção visitável	Privado	São Paulo	SP
Casa Ranzini	1924	Ranzini	San Benedetto Pò Mântua Lombardia	Coleção visitável	Privado	São Paulo	SP
Instituto Bradi A Casa de Vidro	1951	Bo; Bardi	Prati di Castello Roma Lácio La Spezia Génova Liguria	Museu	Privado Instituto	São Paulo	SP